

73

Nº 122

**reporter**



*Dez mil escudos!*

# reporter

O SEMANÁRIO  
DE MAIOR TIRAGEM E EXPAN-  
SÃO EM PORTUGAL

Grandes reportagens e crítica a todos  
os acontecimentos de sensação  
nacionais e estrangeiros

Sai às sextas-feiras e é posto à venda  
simultaneamente em todo o país

PROPRIEDADE EXCLUSIVA DE C. CAL

Director e Editor  
**REINALDO FERREIRA**  
(Reporter X)

Chefe da Redacção  
**MÁRIO DOMINGUES**

Redacção, Administração e Publicidade  
Rua do Alecrim, 65—TEL. 2.1276—LISBOA  
End. Telegr.: REPORTERX—LISBOA

Composição e Impressão  
SOCIEDADE EDITORIAL «A B C», L.da  
Rua do Alecrim, 61—Rua da Luta, 1-B

PREÇO DAS ASSINATURAS

3 meses—série de 12 números—Esc. 11\$50  
6 » » » 25 » —Esc. 22\$50  
12 » » » 52 » —Esc. 44\$50

Para as Colónias e Estrangeiro acrescem os respectivos portes  
**Pagamento adiantado**

## “O ESCONDIDINHO”

Acaba de mudar as suas  
instalações para a mesma  
RUA DE PASSOS  
MANOEL, N.º 144

Luxo, conforto e bom gosto

O Restaurante preferido  
das Elites, pelo seu inegua-  
lável serviço, pelo seu re-  
quintado aconchego e pe-  
los mais saborosos pitéos  
que são o prémio dos fe-  
lices mortais que têm a  
dita de visitar o novo

## “ESCONDIDINHO”

Quem vai ao Porto e não  
vai ao «ESCONDIDI-  
NHO» não sabe o que  
: : : é comer bem : : :

RUA PASSOS MANOEL, 144

**PORTO**

## FLOR DO JAPÃO

DE

DAVID LEANDRO

Casa especial  
de chá e café

Torrefacção de café pelo  
sistema de ar quente

A melhor casa  
no género

59-RUA DA SOFIA-63

**COIMBRA**

## FIGUEIRÔA REGO, Ltd.

CASA FUNDADA EM 1845

Casa especialista em **OLEADOS** para chão e passadeiras. Papeis  
pinfados. Tapetes, Carpetes, Stores e mais artigos da especialidade

**A CASA MAIS ANTIGA NO GÉNERO**

PEDIMOS CONFRONTEM NOSSOS PREÇOS E QUALIDADES

TELEF. 2 5379

**RUA DA PRATA, 209-213**

### MANTEIGARIA Estrela da Manhã

(MARCA REGISTADA)  
TELEPHONE 757

Mendes Castanheira, L.da

SÉDE — Rua Bordado Pinheiro, 76  
Coimbra

FILIAL — Rua dos Banhos, 51

Figueira da Foz

### João Vilaça

RETROZARIA  
CAMISARIA

NOVIDADES  
PERFUMARIA

Rua Ferreira Borges, 83  
**COIMBRA**

TELEF. 375

### A FLORESTA DE COIMBRA

RESTAURANTE

(Em frente ao Largo Miguel Bombarda)

Recomenda-se pelo bom ser-  
viço de cosinha e de mesa

*Almoços, jantares e cetas*

SERVIÇO À LISTA

Aberto até às 4 da manhã

SABOREIA O BIFE À

**FLORESTA**

### Ao público

V. Ex.<sup>a</sup> tem os seus fatos  
sujos ou descordados? Queira  
mandá-los à «TINTURARIA  
BRASILEIRA» que tingi e  
lava todos os dias.

ESCRITÓRIO — ARCO DE  
ALMEDINA, 5—COIMBRA

Filial — RUA CANDIDO  
REIS, 11 — Figueira da Foz

### Agência funerária DE

Ilídio dos Santos Azevedo

COROAS, BOUQUETS  
E FLORES ARTIFICIAIS

URNAS DE MOGNO

Rua da Moeda, 9-14

**COIMBRA**

TELEPHONE 253

## CAMBISTA TESTA

Lotaria do Natal

**6.000.000\$00**

Se quereis a vossa felicidade habilitai-vos nesta casa, que vende bilhetes a  
1.600\$00, meios a 100\$00, vigésimos a 80\$00, cauteias a 21\$00 e 11\$00. Pelo cor-  
reio mais 1\$00. Pedidos a CASTELO & DINIZ, Ltd. — 74, R. do Arsenal, 78—LISBOA.

O que mais sortes grandes das  
lotarias extraordinárias tem  
vendido deve ser o que este  
ano vende os

# Homens e Factos do dia

## Ô Natal dos que... não têm Natal

pele Reporter X

QUANTAS vezes, ao atravessar a fronteira de papel que separa, no calendário, o Natal do resto do ano — perguntei ao minúsculo dr. Freud, que todos nós anichamos na consciencia, que misteriosos filtros são estes que nos embriagam de doce, suave e santa volupia, nas fugidias horas que dura esse sonho colectivo e universal... O calendário é pródigo em datas festivas... Mas o Ano Novo é uma embriaguez de «cock-tails», o retinir estridente de multiplas campainhas anunciando uma *feerie* de Ventura em 365 apoteoses; uma picada de morfina prometendo-nos riquezas, glorias, num filme azul que se parte e enegrece ao primeiro contacto com 2 de Janeiro... O Entrudo é uma orgia grosseira, um estupro feito à Alegria, uma cegada de Felicidade, tão caricatural como os mariolões da viela que se pavoneiam, nesses dias, com uma velha casaca de criado de mesa, prosapiando de «gentlemen»... A Semana Santa, á parte a lambarice das amendoas—é um gozo ou uma amargura mística, limitada as sensibildades misticas. As datas historicas—guloseimas patrióticas com que uns lambem, comovidos, os labios deixam os outros tão frios como a um sensual a quem se oferece em casamento um manequim de cera... As festas de aniversario, as nossas festas, são jardins da Ilusão, que nos emocionam, como antecamaras de todos os triunfos—até o meio dia da vida; mas, depois, são bilhetes de visita de Morte, recordando-nos a data do vencimento daquela letra que aceitamos ao nascer... Só o Natal é generoso e macio como o arminho; só ele nos compreende e nos regala, sem falsas promessas, sem toxicos da desilusão, a ventura misteriosa e pura do seu dia—tão á medida da nossa alma, da nossa alegria ou da nossa tristeza, tão intima, que sendo igual para todos—parece feita so para cada um de nós... Dizem os cristãos que se festeja, nesse dia, o nascimento do Deus-Menino... Eu só creio nos Profetas—assim, inocentes, pequeninos, dois palmos de carne rosada e branca, inconscientes ainda das graves missões que têm a cumprir na Terra; eu só creio nos deuses quando eles são tão pouca coisa, tão frágeis, tão sagrados como o meu filho... Eu creio que Deus acarinha, cheio de ternura e de piedade, os homens, no Natal—mas não o Deus-Homem, não o Deus das Igrejas, não o Deus triste e vendido, não o Deus torturado do Calvario e da Cruz. Esse pode dar-nos, uma gota

(Continua na página 6)



## O carniceiro que se fez cantor

O carniceiro Julio A. Morraye é o primeiro homem que firmou contracto para cantar no primeiro teatro de opera, sendo um simples empregado num talho. Estas cousas, é claro, só são possíveis em New-York, que é onde este facto extraordinário se deu. Um dia passou casualmente em frente de um talho o empresário de uma companhia de ópera. Morraye, para distrair-se enquanto cortava meio quilo da «pá limpa para assar», estava cantando qualquer trecho popular. O empresário apurou o ouvido, escutou, gostou, entrou — e contractou o.

Até tem os leitores o sr. Morraye, nos tempos em que não ganhava milhares de dolares, dando dós de peito entre pedaços de carne que ele retalha com lépida e habil.



Julio A. Morraye, o carniceiro que se fez cantor

Estas coisas, repetimos, só na América. Em Portugal, onde o teatro, salvo honrosas excepções, está cheio de nulidades e onde não existem cantores para uma companhia de opereta, quanto mais de ópera, nunca mais o illustre carniceiro deixava de o ser, mesmo que tivesse talento às carradas, pois que os interesses criados lhe não autorisavam a que rompesse a barreira que necessariamente se lhe havia de opôr.

Grande país a América!



O local onde deve ser erguido o primeiro «arranha-ceus» de Lisboa

**F**ALA-SE do atrazo e do avanço de Lisboa, das suas ronceirices somnolentas e dos seus progressos bruscos, que a colocavam na rectaguarda da civilização, como o *jourgon* da Europa ou a encabeçavam no expresso alado do «Amanha...». Alguém que os escutára em silêncio, sorriu-se e interveiu na controversia. «Vocês todos tem razão pessimistas e os otimistas. O que eu posso garantir-lhes é que, dentro de pouco tempo — antes de 1933 — Lisboa mudará por tal forma o seu aspecto de capital provinciana, pulara, progredirá, avançará num tal impulso que ha-de causar pasmo á Europa! Um detalhe basta para se produzir a metamorfose duma cidade — a uma brusca *nombalização*. Esse detalhe pode ser a fatalidade imensa dum terramoto — sem o qual Lisboa seria ainda boje o labirinto de ruelas sombrias e estranguladas de antes de 1760 —; ou apenas um hotel, como o «Palace» de Madrid; ou o capricho duma concubina imperial, como sucedeu a Viena, em 1560. A nova metamorfose de Lisboa nasce de... «Calou-se e sobre o mármore da meza rabiscou seis iniciais: C. L. A. D. A. C... Todos nos debuçamos sobre aqueles gatafunhos e só um os comentou... Essas letras andam muito em moda... Já as escutei na boca de alguns amigos e já as vi impressas não sei a onde. Com isso até que me intrigaram. «E o primeiro retomando a fala, disse:

«—Ao contrario do que é habito nas nossas cousas a C. L. A. D. A. C. tem procurado blindar-se no maior sigilo e segredo. Apesar dos seus esforços algo transpirou já. E, tanto assim, que vocês,

## O primeiro «arranha-ceus» de Lisboa

Onde e como vai ser edificado — Os projectos — Onze andares, oito ascensores, mil inquilinos

há perto de um ano, no *Reporter X*, quando estas iniciais... estavam apenas em projecto — referiram-se a elas... Recordar-se? Um «T. S. F... X» em que se falava de certo tapume da Rua Nova da Palma que servia de biombo a uma grande iniciativa? Não andavam muito longe da verdade. A diferença era que aquele terreno não era um *objectivo* — mas sim uma *particula*...

«— Mas afinal o que significam essas letras? quizeamos saber, com impaciencia.

«— «Companhia Lusa-Americana de Arranha-Ceus!» Sim, meus amigos: Portugal vai ter «Arranha-Ceus» — a começar por Lisboa, como é lógico, e dos maiores da Europa, ao nível dos da América. Foi um sonho dum lisboeta que gastou os melhores anos da sua mocidade a gozar com a *pombalização* moderna da sua terra, e que não terá repouso enquanto não vir Lisboa e Porto, pelo menos, inçados de prédios-gigantes — como num postal illustrado de New-York, Chicago ou S. Francisco.

O «arranha-ceus», ex-libris da passagem citadina norte-americana correspondeu mais a uma necessidade de que a um capricho. As cidades ameri-

(Continúa na pag. 27)



Um grupo de «arranha-ceus» norte-americano

# Portugal e a anunciada nova guerra

**A**-PESAR-DAS contínuas conferências do desarmamento e dos congressos a favor da paz, sob as populações paira, ameaçadoramente, o aspecto negro duma nova guerra. Val cumprir-se a profecia do Couae Roussel, professor de Oxofoed? Afirmou este catedrático que a nova guerra assolará o mundo numa época relativamente próxima, e que terá como motivo o embate de duas forças económicas permanentemente em litígio: — o comunismo e o capitalismo. A Alemanha será o campo da luta, fazendo a Itália, embora isso pareça extraordinário, causa comum com a Rússia, em virtude das suas querelas contra a França, sucedendo o mesmo em toda a Ásia. Com o ódio que esta professa à Inglaterra lançar-se-há sobre a Europa vingando agravos nunca esquecidos.

E a posição de Portugal? Não se referem ao nosso país as profecias do já celebre professor inglês, mas a nossa aliança com a Inglaterra, que se mantém e se manterá indestructível, não oferece dúvidas sobre o caminho que seguirá o nosso país, que tem a defender os seus interesses coloniais.

Os meios de fazer a guerra? Será feita, principalmente, a guerra química, aplicados que sejam os mais eficazes germens da morte, sendo vitimadas populações em massa. Como? Em lugar de gazes, ou, melhor, coadjuvando a acção destes, serão lançados na atmos-



fera, contra as populações de vilas e aldeias, milhões de bacilos e «bacteries», serão envenenadas as águas e a atmosfera, procurar-se-há por todos os meios, os menos leais e mais violentos, aniquilar povoações e... matar inimigos.

Mas nem todos os sábios, têm, felizmente, estes designios homicidas, e Fuller, importante químico alemão, presidente da Academia das Ciências do Reich, propoz que na nova guerra (!) fosse tomada uma diferente ofensiva. Para que transformar milhões de homens em milhões de miseráveis? Para que, pergunta ele, destruir fábricas, casas, cidades? Mr. Fuller pronuncia-se por uma guerra feita com gazes que provocarão o sono, aniquilando autênticos exércitos, que facilmente são pre-

sos ou... mortos. Quando a guerra terminar, é o detentor de tão genial idéa que o afirma, os prisioneiros, de esplêndida saúde, voltarão para suas casas e serão... ótimos consumidores.

E como se defenderá Lisboa de tão graves inconvenientes e de tão extraordinárias batalhas que se anunciam para o futuro? Nada há feito e nada há para fazer. Em Lisboa, se hoje as chancelarias resolvessem declarar uma guerra a que as circunstâncias e os deveres de honra nos obrigassem a intervir, não haveria uma única mascara de gaz, com excepção das que teem os bombeiros e... que nunca serviram.

Paul Boncours, no Le Journal de 11 de Fevereiro de 1931, pervinge os seus leitores que se encontram pelas cinco partes do mundo, manda fixar a data de 2 de Fevereiro de 1932, aquelas em que as chancelarias resolverão sobre os destinos da Europa.

O que vai suceder? Como se defenderá Portugal da trovoadá que sobre a Europa vai estalar em breve?

# O Natal dos que... não têm Natal

(Continuação da 3.ª pagina)

do seu sangue, uma lagrima do pranto; pode dar-nos o luto da Semana Santa, o alívio da ressurreição—mas não pode brindar-nos com essa pétala do paraíso que é o Natal. O Natal—se é premo, se é sorriso de Deus—é do Deus-Menino, do pequenino Jesus, porque só os pequeninos sabem sorrir assim...

Eu creio que seja de Jesus, o Natal... Mas ele, como os bemeiteiros que se ocultam quando regalam o pão aos miseros—não se exhibe, não se deixa ver, não se impõe como Deus do seu próprio dia...

E' tão generoso, tão doce, tão puro, o Deus-Menino do Natal—que estando nas suas pequeninas mãos o bodo de ventura íntima do seu dia—não contempla apenas os que o adoram, os que o idolatram. Pagãos e ateus vivem o mesmo sonho que os cristãos—porque o Natal é de todos, como de todos é Deus!

E contudo, o Natal não é uma festa de alegria estrondosa e azougada, não embebe o ar que respiramos com o oplo de promessas, não nos excita com o absinto de ganancias materialistas. A unica materialidade do Natal—é a ceia, para os adultos; são os brinquedos, na chaminé, para a petizada. Mas mesmo a ceia, sendo o supremo altar do ritual—não a cubicamos pelas delicias do arroz, doirado no forno, do «rums teck» em sangue, do peru, das rabanadas, do vinho, dos licores—prazeres ao nosso alcance, em qualquer outro dia do ano... O verdadeiro bruxedo do Natal é invisível, impalpável, inexplicável, vagamente perfumado por uma saudade mui intensa e tão saborosa com a Alegria. E' que a festa do Natal, como toda a obra divina, tocada pelo milagre da Suprema Perfeição, deve ser temperada por uma lagrima de tristeza—uma só—aquela com que a nossa alma brinda a ceia, na hora nostalgica em que se evocam os ausentes, os que faltaram, os que estão longe, os que nunca mais voltam—e, sobretudo, os que não têm Natal, os que choram nesse dia, não uma lagrima, mas muitas lagrimas, pela solidão e abandono em que se encontram, muitas vezes sem esperança que o Natal seguinte seja mais piedoso para eles...

Que triste pobreza não ter Natal! Pobres dos que, nesse dia, naufragam sósinhos, nas ruas desertas da cidade! E' o pobre de pedir, sem tecto que o cubra da chuva, nem outra roupa, além dos andrajos, que lhe poupe a carne do latego do frio, nem outra ceia além do pão duro da esmola e a agua gelada das fontes; nem outros brinquedos, além dos seus beijos para ensinar Jesus aos filhos, tão pequenos e tão amargurados da vida. E' o viajante, o bohemio, o eterno caçador de ilusões, que, nesse dia e nessa noite, desperta e chora no quarto alugado e na solidão—porque amigos, amantes, criados, todos tiveram o seu Natal—e por preço algum o trocavam, abandonando-o como a um gafado... E' o actor, obrigado a deixar os filhos, os pais, a companhia, a familia, ceiar sósinha—porque o contra-regra, berra que já deu o «segundo sinal», que o publico, esse animal que fala pelos pés, já começou a taconear a sua impacencia; o actor, que nessa noite sentira, mais do que nunca, a tragedia eterna *ridde, paggiacio*... E' o medico que vêm arrancar do publico feliz da mesa—para o conduzirem ao quarto de outro desgraçado que tambem não teve Natal, que estrabuja nos horrores agónicos, e para quem a Morte que o velho Noel lhe trouxe, em vez da «corbelle» da Alegria, é mais triste nessa hora, do que seria noutra qualquer—por ser

a hora suprema do Ano, a hora da Ceia do Natal, que ele não tornará a gozar... E' o policia, o centurião da Segurança Publica, que tampouco tem Natal, deambulando pelas ruas desertas da cidade, assistindo, com legitima inveja ás correrias dos retardatarios, ajouçados com embrulhos, cujo envolvero opaco, os seus olhos cubicosos radiografam garrafas de «champagne», daquela bebida amarela, muito doce e que faz borbulhinhas que picam o nariz; pacotes de doces de lamber os beijos e a quem a sua rapaziada chamaria um figo; um bom presunto que a sua Engracia saberia preparar com feijoadá, lá em casa, num pitéo de arromba, se ele tivesse o direito de ceiar o Natal, como toda aquela gente que se aninha atrás das janelas iluminadas, das ruas por onde ele vagabundei o desgosto de não ter Natal e o tedio de não ouvir trilar um apito, guinchar um grito «socorro», perseguir um facinora—porque, até esses, os facinoras, os gatunos, os desordeiros abrem tréguas nessa noite; até esses, mais felizes do que ele, escravo do Dever, servidor da ordem, gozam o seu Natal... E' o guarda-nocturno, o mais simpatico ridiculo do frizo lisboeta, mestiço de policia e porteiro, fardado á paisana, fenomeno de três pupilas, as que Deus lhe deu e a que traz encrustada no ventre como uma estrela umbilical, d'Artagnan do sono tranquillo dos cidadãos que ele defende com uma espada de pau, como a dos figurantes, no teatro, e uma pistola, que nunca disparou nem disparará, porque é de brincar e em que nenhum larapio acredita; é o guarda-nocturno, dizia, que passa a noite do Natal, galgando filosoficamente, todas as escadas da sua área, o molho das chaves a tintar como guizos de arlequin, a seta vermelha da lanterna, a ensanguentar as trevas—escutando, através das portas, o bru-ha-ha dos que festejam o Deus-Menino, fogueateando gargalhadas, estoirando rolhas de «champagne», tamborilando os garfos nos pratos. E' o humilde varredor do Municipio, fantasma do lixo, que arrasta o seu sonambulismo em ritmo com a vassoura, com que rebusca o asfalto, á laia dum excentrico atacado de «spleen» que versejasse a sua neurastenia crónica, com uma pena gigantesca, numa folha de papel imensa—e que vive o seu Natal escahoando a cidade das imundicies que a alcatafem. E' o criado de «café» e de «restaurant»! E' o enfermeiro! São os doentes dos hospitais, aparafusados aos seus leitos de sofrimento, sem outro cantico, no silencio da noite, do que o dos gemidos dos outros doentes; sem outro perfume do que o cheiro alacre e agoniado dos desinfectantes; sem outra distraçao do que a entrada de algum desventurado que foi colhido pela Fatalidade ou do que o glu-glu dum estortor, por detraz dum biombo generoso e discreto... São os presos, os que pecaram e que nessa noite sofrem a maxima pena do seu crime, chorando e sonhando, entre grades, os Natais que já tiveram e que não sabem se tornarão a ter. Somos nós, os jornalistas, enjaulados nas redacções, sem doença, sem pecado, aguardando que o telefone dê o alarme de um acontecimento ou compondo, sob o reflexo da propria alma, o mais sincero, o mais sentido de todos os artigos do ano—este artigo, o artigo do Natal—que na manhã seguinte o leitor, bem dormido e embalado ainda pelos mimos da sua ventura de Homem que teve Natal, saboreia com guloseima—e esquecido de que quem o fez, para o fazer, teve de abdicar do seu Natal.

Creio que foi Ramalho Ortigão, esse atleta sádico da prosa, esse deus pagão, que desceu do Olimpo, envergou um bom fraque de corte

e fazenda britanicos, quem nos conta este episodio... Uma «cocotte» parisiense, a mais pagá das mundanas, de helénica formosura, princesa do «chic», rainha da sedução, imperatriz da Moda, por quem velhos e novos se arruinavam, lamuriando a divina esmola de um beijo em troca da propria vida; a mais piedosa e egoista das mulheres, sem outro culto que o do seu proprio rosto e do seu proprio corpo; sem outra paixão do que a das sedas, das joias, do luxo e do dinheiro—acordou a meio da tarde, e teve a excepcional curiosidade de perguntar á sua *femme de chambre*, em que dia estavam. «Estamos a 24 de Dezembro—vespera do Natal!»—informou a criada... No primeiro momento foi um capricho—o «capricho do despertar», igual ao de todas as manhãs, á laia de gymnastica do seu despotismo... Recordou os Natais vividos antes do abandono do lar, lá longe, na Normandia, em redor duma toalha alvissima, entre os sete irmãos, a mãe, o pai, a avo velhissima, os tios que vinham de Paris, expressamente para... não faltarem á festa—e decidiu não ceiar sósinha nessa noite, gizando uma adaptação luxuosa, civilisada, orgiaca, duma espécie de cenografia berrante desse crómo tão simples da sua mocidade virginal. Pensou no conde de B..., banqueiro do Estado e seu banqueiro galante, escravo humilde de todos os seus caprichos, por mais exigentes que fossem... «Vou ser gentil contigo—disse-lhe. Quero que me convides hoje a ceiar». O conde B... estremeceu, e timidamente se esquivou, á ordem soberana da amante. Pasmada pelo ineditismo daquela resistencia á sua vontade, bateu o pé, aguçou a voz e o olhar. «Eu quero!»—repetiu.—«Pede-me o mais raro diamante, o mais doloroso dos sacrificios—e não duvides que eu o faça. Mas não me exijas esta noite, que não me pertence, que não é minha. Estamos no Natal—e eu devo-o aos meus.»—«Entre tua mulher e eu, escolhes a ela?»—«Entre os meus filhos e Deus, escolho os meus filhos—e os meus filhos que levaram o ano a antefozar esta noite!» Num rompante historico a cortezá expulsou de casa o protector—proibindo-o de lá tornar; e eie abalou, com luto na alma, porque a amava, numa paixão morbida, obsecante—mas... não podia faltar aos seus filhos, na noite do Natal.

Esta derrota produziu uma metamorfose na cortezá... Já não era apenas um capricho—era uma ansiedade saudosa, nostalgica... A visão do seu lar atormentava-a—e a idéa de um Natal ao abandono, um Natal passado em silencio, na sua sumptuosa sala de jantar, affixava-a. Entretanto surge, ajouçado de flores, o jovem M..., o seu *amant du coeur*, o unico amor sincero do seu mostruario infinito de amores venais. Alegrou-a, numa louca esperança, a visita do seu «gngolot». Esse, pela certa, não hesitava... Desilusão! O pobre moço confessou, a medo, que nao podia acompanhá-la nessa noite. Não houve supplica, nem feitiço de sedução que o convencesse... «Pede-me a vida, e eu dou-ta, mas não me obrigues a faltar, hoje, a minha mãezinha. Ela só me tem a mim—e que Natal seria o seu se eu não fósse ceiar com ela?» Entrou, então, um frenezim nervoso, um desespero, no espirito da mundana; e numa subita resolução, chama a sua *femme de chambre*. «Ouve, Marie: sou muito mais tua amiga do que tu julgas; e tanto assim, que hoje te vou sentar á minha mesa, vou ceiar contigo. Festejaremos, as duas, a noite do Natal. Encomenda uma boa ceia no «Prunier», e escolhe umas garrafas de «champagne»...—«Ah! madame» é muito boa para mim e eu nunca mais esquecerei o que acaba de me dizer...—agradeceu a criada—

(Continua na pagina 27)

# O que foram na vida real os heróis do folhetim

**Quem eram Sherlock-Holmes, Raffles, Arsénio Lupin e Rouletabille — O mistério de Fantomas — As três «Carmens», de Marimé — A «Tosca», de Sardou e Lady Hamilton**



O último retrato do húngaro Hector Tretykoff que serviu de modelo a Harnunq para escrever o Raffles. Ch. Walter (1891)

**I**NICIAR por Merimé, um inquerito a folhetinistas—pode afigurar-se um sacrilegio aos intolerantes amesquinhadores do folhetim. De acôrdo, que Merimé não fôsse um imaginativo; mas é ele proprio que confessa que abriu excepção ao escrever a «Carmen» que foi, precisamente, de todas as suas obras, aquela que perdurou e que ilumina, pelos tempos fora, como um fogacho eterno, o seu nome. «Reconheço que «Carmen» para obedecer à moda ou macaquear os que adulam o publico—mas se existe «folhetim» no meu livro, foi a Vida e não eu, o folhetinista—escreveu Merimé a Suzanne Mariaux, quando o seu romance atingira a culminancia do exito. Ora se o proprio autor não o nega, podemos afoitamente considerar a sua «Carmen» como uma

heroína da... *literatura plebeia*. E como tal formularemos, pela primeira vez, a pergunta essencial d'este inquerito: «Carmen» foi litografada pela fantasia do autor, boneca de trapos berrantes, entrouxada ao seu capricho, ou foi, apenas, um modelo que se desempastelou do frizo berrante da Espanha andaluza, cigana, flamenco e que sensibilizou a pupila de Merimé como uma imagem, ferida pelo sol, sensibilizando uma placa fotografica?

Um espanhol que o ciceronou na sua vagabundagem romantica pela Andaluzia, Conde de Lucero-Cristina, diz znas memorias que seu filho coligiu e traduziu, em francês, para o «Figaro»:

«São três, as «Carmens» que Merimé conheceu, e sobrepondo as três, numa só figura compoz o seu romance. A primeira era uma moura encantada de Triana, cigana pela certa, baptizada horrivelmente com o nome de Pepa —e Merimé assistiu ao seu namoro provocante com um soldado e ao pugilato, regateiro, com dentadas e cabelos repuxados, por ciu-meiras com uma colega de fabrica. A segunda era Consuelo, «o corpo mais elastico e sensual que vi até hoje»; Merimé conheceu-a na leva de presos, entre *parejas* de carabineros e viu-a, pouco depois, num colo de bailladeras. Tinha andado a monte, amancebada com um chefe de contrabandistas, que ela traira, recebendo, como premio, a liberdade e entregando-se, depois, á orgia das tabernas e aos braços de um novo amante. A terceira, a que impressionou para sempre o escritor, a que dominou todos e serviu de modelo maximo ás outras duas—era uma artista—«La Sanreja» de alcunha, Maria del Carmen de baptismo e amante de «El Lajorra», «diestro» afamado, que a apunhalou á saída da praça, em Granada, tragedia teatral a que Merimé assistiu».

Temos, pois, provado que Carmen não era um recorte, feito na pele duma pandeireta, mas sim uma firme «gitana» da Andaluzia. Era tão real que tinha três corpos, três almas e três romances... E já que começamos pelos «folhetins» excepcionais dos escritores que não eram folhetinistas, recordemos a «Tosca», drama-folhetim desse mago da carpinteria teatral que foi Victorien Sardou. Quem era «Tosca», a mulher mais cubicada de Roma, do inicio do século XIX, a «estrela» de opera do Teatro Real Argentino, a louca amante de Mario Cavaradosi, a vingadora do povo que apunhalou Scarpia, o simbolo eterno de todos os tiranos? Chamava-se Lady Hamilton e foi, depois do episodio que inspirou Sardou—heroína de um romance não menos doloroso, com Nelson—o almirante de maxima gloria da marinha inglesa. Quando se soube, por inconfidencia dum secretario do dramaturgo, que ele reencarnara Lady Hamilton na heroína da sua obra, supôs-se que Cavaradosi ocultasse Nelson. Mas eram tão diferentes os seus papéis, que não se alcançava o germen da inspiração. O segredo era muito outro! Lady Hamilton, filha da cozinheira dum fidalgo inglês, apaixonara-se pelo amo, que era jovem e galante! Um tio desse fidalgo, embaixador de Inglaterra no Reino de Napoles, visitando o sobrinho, esqueceu-se de que o amor exige juventude e escamoteou-lhe a amante, que educou, brindou, acabando por dar-lhe o nome e ergueu-a até á sociedade que frequentava. Os embruxados encantos da

louca Lady Hamilton triunfam na côrte; e como o seu coração é alado como um pardal insaciavel de vôo, em plena lua de mel se enamora dum poeta e panfletario revolucionario—Tasso Lupi (leiam pintor Cavaradosi...). O romanec desses amores foi o manequim que serviu a Sardou, só com uma diferença: que nem Lupi foi fuzilado, nem Lady Hamilton apunhalou o Scarpia de... Napoles—Conde de Sverenza. O panfletario rebelde esteve, de facto, á beira da morte, mas Lady Hamilton, para o salvar, teve apenas de... prometer o paraizo do seu corpo ao Scarpia—promessa a que faltou, logo que soube o amante longe do perigo. Lupi, um tenorio ingrato, depressa a esqueceu. E' possível que ela o chorasse algum tempo—mas



uma nova aventura, heroicizada por Nelson, a curou das feridas abertas pelo antigo amor. Mas antes tivesse acabado, em plena apoteose do seu triunfo, suicidando-se do alto do Castelo de St. Angelo, como no ultimo acto do drama. O escandalo dos seus amores com o almirante que levou a casa o marido; o despreso que a rainha lhe votava, a morte do amante na batalha de Trafalgar—fez com que a «Tosca» da vida real—a mais linda mulher do seu tempo, andasse, na velhice, a pedir esmola pelas ruas de Londres...

Descamos aos folhetinistas... propriamente ditos... Começemos por «Fantomas»—o simbolo do «apache-gentleman», do bandido encasgado, do facinora que se perfuma após os crimes mais repugnantes. Fantasia? Não. Os seus

(Continua na pagina 28)



# Os "Ratos de Hotel" em Portugal e em todo o mundo

Como morreu o «maillot negro»—Os antigos rapinantes de estalagem— Como «trabalham», enriquecem e se salvam—A técnica do «rato» e os mais celebres «ratos» que passaram por Portugal—O millionário americano



... Salvator aparentava o nobre inglês de pas-seata em Paris...

EM 26 de Dezembro de 1929—ha quasi dois anos—a Policia do Porto prendeu um «gentleman» que se dizia jugo-eslavo e dava o nome de Petro Radich, suspeitando tratar-se de um internacional perigo-so. Mas confessando ele, espontaneamente, que era italiano, que se chamava Giovanni Battistini e que fugira da Italia, por ter cometido uma pequena «escroqueria» de 10.000 libras—a primeira da sua vida e por causa duma mulher—a nossa policia não pensou mais no tal «internacional» e entregou-o aos colegas de Roma, que o levaram encandwichado. Ao ver o seu retrato no «Janeiro», pensei que... aquela cara não me era desconhecida. Meses depois, folheando um velho «The Dectives Magazine» cai-me sob os olhos o retrato de um sujeito singularmente parecido a Radich ou Battistini. A legenda dizia assim: «Amleto Salvatori, o rei dos «Ratos de Hotel» da Europa. Só esteve preso uma vez e fugiu horas depois. A nossa policia suspeita que o roubo do Hotel St. Diniz fosse proeza sua». Radich, Battistini ou Salvator? Mas sendo Salvatori, porque se acusava ele dum crime que não cometera? Misterio...

Rodam mais meses, e o ultimo «The News World», de Londres, chegava a Lisboa. Publica u martigo revelador sob o titulo de «Salvatori, o «Rei dos Ratos de Hotel».

## O roubo do «Clarkton»

«Mr. H... (o articulista semi-oculta varias presonagens atrás de iniciais discretas), diplomata britânico, de regresso duma longa missão na America do Sul, instalou-se, com sua esposa e filhos, no «Clarkton Hotel» de Londres. Lady H... rica pela herança paterna, possui um tesouro em joias. Na noite de 12 para 13 de Novembro (olhai, superticiosos...) escolheu duas ou três joias de menos valor, para descer a jantar, guardando as restantes no seu pequeno cofre do «boudoir». Eram 7 menos um quarto quando saiu do «appartement»; eram 7 e três quartos, quando voltou; e como o marido insistisse em ir ao «Playstans», eia quis recamar-se com novas joias. Procurou o guarda-joias e já não o encontrou. Roubo! Alarme! O gerente a cambalear! Os «detectives» da Scotland Yard farejando as pegadas do gatuno! Mas o pior é que o gatuno não deixara pégadas! A unica porta que ligava a «appartement» ao corredor, estava fechada á chave, sem vestígios de arrombamento. As janelas fechadas por dentro, com excepção da da sala de banho, que dava para o patio interior. Era um quarto andar e o gatuno necessitava de ser alado para se servir dela, e as azas são apetrechos exclusivos dos anjos, e não dos ratos de Hotel. Desorientada, a policia abre inquerito sobre os 147 hospedes do hotel; suspeita de um advogado dinamarquez que partira precipitadamente ás 7 e 50, dizendo que recebera um telegrama urgente de Copenhague. O advogado é preso em Dover, mas prova a sua inocencia... Desistiram os detectives ingleses, mas não desistiu a vitima, visto que as joias valem alguns milhares de libras. Alguem lhe fala duma brigada de detectives franco-italianos—o commissario Boudet e os Inspectores Castelland e Rosi—especializados na caça de «Ratos de Hotel». Mr. H... chama-os paga-lhes todas as despesas e promete-lhes premios quantiosos. O francês Castelland e o italiano Rosi, mal examinam o grafico da fa-



Arcos o «rato» uruguayo no reclame das suas proezas de prestigitador quando esteve em Lisboa... (1917)

canha—exclamam o mesmo nome: Salvatori! Será desta que lhe deitam a garra? Informam-se e sabem que o quarto andar do «Clarkton» tem todos os quartos alugados e o total dos hospedes desse andar é de 45. E' possivel que um deles seja o cumplice de Salvatori visto que nos ultimos anos, Salvatori se limita a escolher e preparar os golpes, deixando aos «discipulos» a sua execucao.

A vinda da brigada a Londres fizera-se no maior silencio. De subito, por ordem de Boudet, todos os jornais de Londres annunciavam a visita dos três detectives; e meia hora depois das gazetas serem apregoadas nas ruas, dois hospedes po «Clarkton» pedem, precipitadamente, as contas e partem: um do primeiro andar; outro do quarto. Boudet, que estava com os dois auxiliares de sentinelas, no vestibulo, dá ordem de marcha a Rosi. Ha todas as possibilidades para que o do quarto andar seja o «ratonefrito», que fuja, alarmado com a aproximação daqueles celebres «ratoelras»; mas como o que interessa é Salvatori, Rosi limita-se a seguir o fugi-



O Commissário Sandet, e os inspectores Costelauz, da policia franceza, e o detective italiano Rosi, três especialistas em «rato de hotel»



tivo. A' saída do hotel toma um «taxi», saindo em frente do Regent-Palace Hotel, onde entra pela porta principal, saindo por uma pequena porta duma ruazinha lateral, tomando um novo «taxi». Esta manobra, para despistar, garante ao perseguidor que... não houve equívoco. Que o cavalheiro teme que o sigam, é evidente. Sempre na piugada do «taxi», Rosi vê-o apertar-se no extremo da Commercial-Street, e entrar numa casa modesta. Rosi faz quarto de sentinela até aparecer o primeiro «policeman» da ronda. Declara a sua identidade e pede-lhe para telefonar aos colegas da brigada para lhe acudir, rápidos. Meia hora depois, surgiam Baudet e Castelland; e como ao nascer do dia, o cavalheiro não tornara a sair, chamam o auxílio da policia inglesa para um assalto em forma—assalto inútil. Sabem, pelos vizinhos, que no ultimo andar havia uns inquilinos suspeitos e não assíduos—mas o quarto andar estava vazio.

«Bem devia tê-lo adivinhado!»—exclamou Rosi. Bastava tratar-se de Salvatori, para compreender que uma casa para ele é sempre duplicada e que os telhados não se fizeram apenas para os gatos—ou não fosse ele o «Cloche des Feuilles»...

Rosi já explicará o sentido das suas palavras.

### A tecnica de Salvator

«A impunidade de Salvatori—afirma «The News World» no mesmo artigo baseado nas confidencias do detective Rosi—é consequente da sua invulgar inteligencia e da sua «técnica». Em primeiro lugar Salvatori já não dá golpes—prepara-os; não traçalha mais do que um dia, em cada visita que faz a uma cidade, embora leve semanas a preparar o golpe, sucedendo, ás vezes, que, nesse mesmo golpe... cometa varios roubos. Combina uma personagem—sempre diferente—e como é elegante, fino, educado, facilmente se faz acreditar, seja qual for o papel que representa: de «lords», de diplomata, de official de marinha ou de millonario. Um golpe «specimens», o que serviu a brigada para se orientar sobre a sua «técnica» foi o do Concorde Palace, de Paris, em 1923. Havia três anos que não manobrava em França e só voltou a roubar em Paris dois anos depois. Vinha de Berlim, mas, para despistar; atravessara a Holanda, a Dinamarca, e embarcára em Londres e entrara em Paris, como um nobre inglês que vem divertir-se á cidade da luz. Hospedara-se no Continental—mas aparecia no Concorde, para estudar o campo. Fixando a sua vitima—uma americana rica—mudou-se para o Concorde e gizou toda a proeza nos inumeros detalhes, num grafico que passou ao cumplice. A americana estava no 3.º andar, e ele, antes de partir, alugou um quarto no mesmo andar, em nome do discipulo—um quarto distante da vitima, mas que abria para o patio. Ele saiu, e o cumplice entrou. A acção dos cumplices, como têm tudo preparado, é sempre rapida—ás vezes, no proprio dia da chegada—o que desorienta a policia, porque a policia nunca pode suspeitar que uma proeza, que exija longo estudo, seja praticada por um individuo que se encontre no hotel, ha poucas horas.

Desta vez, o cumplice cometeu a imprudencia de abandonar o plano grafico, desenhado pelo mestre, e graças a esse plano, a brigada ficou conhecendo o segredo de Salvatori. Os grandes «Hotéis Palaces» são iguais, ou muito semelhantes, na França como na China, visto que todos imitam o sistema «Ritz». Este facto, facilita a acção de todos os «Ratos» e muito especialmente a de Salvatori. O «appartement» da vitima (veja-se o esquema desenhado por Salvatori, compunha-se de uma sala, uma alcova, um quarto de criada, e uma sala de banho. Os dois primeiros tinham janela para a Praça; os ultimos, para o pátio. A unica porta para o corredor, era

Continua na pagina 34

# Como as chinezas faziam os pés pequenos

e

## porque o faziam



COM a proclamação da Republica na China terminou, nesse Oriental país, o conhecido costume das mulheres fazerem os pés pequenos á custa do suplicio, infligido em criança e mantido na adolescencia, de entalar os pés.

A medida decretada pelo primeiro governo republicano foi acolhida, de principio, pelas proprias mártires, com desgosto, tal era

Apesar disso, a nova lei foi cumprida fielmente, sem protestos, e hoje, já quasi ninguém se lembra, a não ser ao reparar nos pés deformados das pobres mulheres, da iniquidade que as levou a essa deformação.

Se bem que não haja ninguém no universo sem saber que as chinezas eram obrigadas a entalar os pés para que elles não crescessem, poucas são as pessoas, fóra as naturais desse país extraordinario, que saibam a razão, a origem da tradição que a isso as obrigava. E ella é bem curiosa, pois nem sequer teve a apadrinhá-la a vontade do povo chinês.

Existiu em tempos, nesse país, ainda hoje tão desconhecido para os que não são seus naturais, uma imperatriz cujo fisico não a deixava enquadrar na pleiade de beidades femininas chinezas. Era alta em demasia e duma gordura excessiva, o que a tornava absolutamente desigual das suas compatriotas, geralmente figurinhas tão esbeltas como aprimoradas. As suas mãos e os seus pés condiziam, em proporção, com o tronco: enormes. A sua cor era negra e, como se isso não bastasse, um buço tambem negro, que faria inveja a alguns bigodes occidentais...

Todavia, o que mais disforme se notava, eram os seus desconformes pés, o que fazia com que a pobre imperatriz olhasse, com inveja mal contida, as beidades de muitos dos seus subditos.

O caso é que não podendo conter por mais tempo, o que para ella constituia quasi insulto, determinou que, tendo em vista serem as mulheres um dos melhores ornamentos do mundo e um dos maiores prazeres dos olhos, nenhuma pudesse comparecer na corte, sem se abonequar, devendo ser expulsas e condenadas á prisão, as que assim não cumprissem. No abonecar incluía, a reinante, o conseguir diminuir o tamanho dos pés, pois não fazia sentido que as mulheres andassem depressa, fugindo rapidamente ás vistas dos homens.

Assim se vingou a régia despéitada das beidades que, a seu ver, a collocavam num plano inferior, a despeito da coroa que lhe ornava a fela fronte.

O regime republicano veio pôr termo a tão grande suplicio, num tempo em que já nem na propria China é possível haver uma mulher capaz de determinar uma tal barbaridade, por maior que seja a sua fealdade e, hoje, é vêr as chinezas, com os pés absolutamente á vontade, andarem como seres normais e tomarem parte em concursos de danças, por mais exoticas que sejam.



a influencia sobre ellas mantida pela tradição que, no Celeste Imperio, ninguém ousara, até então, menoscabar.

# Os "bas-fond" da política alemã

## Revelações sensacionais sobre alguns períodos da política anterior à guerra



Guilherme II

**E**STA reportagem não é mais do que a reprodução de uma conversa, tanto quanto possível fiel e aproximada, que há poucos dias tivemos ocasião de saborear com um dos mais argutos, cultos e inteligentes diplomatas portugueses, cujo nome é nos força a reconhecer, mas que não será difícil de adivinhar a quem conheça bem os homens, embora modestos, que têm sabido honrar o nome de Portugal no estrangeiro durante estes últimos trinta anos.

Muito poucas pessoas — dizia-nos esse diplomata — conheceram pessoalmente Fritz von Holstein, a «Eminência Parda» dos três primeiros chanceleres de Guilherme II. Era o homem mais perigoso dos subterrâneos da política internacional. Mau, perverso, sentindo prazer na desgraça alheia, ele tinha nas suas mãos os fios de todas as meadas políticas, fios que ele puxava, segundo o seu capricho, transformando reis, ministros e diplomatas em inofensivas «marionettes», obedientes ao comando de um feirante.

«Von Holstein, que durante muitos anos dirigiu com um poder absoluto, a política exterior do Reich, gostava sempre de se ocultar na sombra dos bastidores. Tinha medo do público e das responsabilidades. Era essa a sua fraqueza — ou a sua força... Recusava-se sempre a aceitar um posto que o puzesse, embora ligeiramente, em destaque e a sua indignação atingia o auge quando pensavam no seu nome para subsecretário do Estado.

Entre 1890 e 1906 ele foi, indiscutivelmente, o homem mais poderoso da Alema-

nha. Três chanceleres do Reich, Caprivi, Hohenlohe e, durante um certo tempo, Bülow, seguiram fielmente, nas questões de política externa, os conselhos imperiosos que lhes dava no seu sombrio gabinete de trabalho, este homem estranho e misantropo. Holstein era apenas um funcionário do Ministério dos Negócios Estrangeiros, mas era a ele que, em primeiro lugar, os embaixadores entregavam os seus relatórios, mesmo antes de se avistarem com o ministro ou o chanceler.

«O ex-imperador, por sua vez, rendia-se sempre às razões de Holstein, que era, por assim dizer, o seu espírito mau. Foi instigado por ele, que Guilherme II enviou a Krüger, Presidente da República Boer o celebre telegrama redigido em termos amigáveis, acto que lhe trouxe como consequência o ódio definitivo de seu tio Eduardo VII. Fritz von Holstein foi, como está hoje provado, o verdadeiro autor de inúmeras gaffes políticas cometidas pelo seu imperador, mas nunca teve a coragem de assumir responsabilidades. Esse diplomata clandestino era extremamente esperto mas de uma grande estreiteza de vistas. Contribuiu poderosamente para o isolamento da Alemanha durante o tempo em que secretamente reinou de 1890 a 1906.

Uma das suas mais perversas manobras foi a desgraça do seu amigo príncipe de Enlemburg. Quando este famoso cortezão quiz libertar-se da autêntica ditadura que Holstein sobre ele exercia, a «Eminência Parda» arranjou forma capiosa de entregar o príncipe às inscrições da imprensa e, principalmente, às de Harden, admirador fanático de Bismark, que, com uma série de artigos celebres, desmantelou a reputação de Enlemburg.

Depois da sua queda, na Alemanha falou-se sempre com profundo desprezo de Holstein. No entanto, há pouco tempo, apareceu um livro consagrado e essa personagem a quem Harden chamava o «homem dos olhos de hiena». Com esse livro, o seu autor, Frederic von Trotha, pretendia reabilitar a sua memória. Como a negra recordação de Holstein ainda pairava na opinião pública alemã, o livro provocou uma viva controvérsia. Stefan Grossmann, um dos mais energicos polemistas que se enfrontou na recente discussão, explica porque motivo Trotha tomou tão a peito a defeza de Fritz Holstein. E' que o escritor está ligado por um parentesco muito proximo a uma mulher — a unica que Holstein suportou, a unica que mereceu as suas confidencias.

Esta amizade era puramente platónica. A Holstein, como ao seu grande amigo príncipe de Eu-

lemburg, que ele depois derrançou, o sexo fraco não apresentava o menor interesse.

O nome desta confidente era Helene von Leblin, casada com um chefe de gabinete do ministro do Interior, sr. Leblin, que tinha excelentes relações políticas. A casa deste alto funcionário era frequentada todas as noites por individualidades de renome, entre elas Holstein. Madame Leblin não era uma linda mulher, mas isso pouca importância tinha aos olhos da «Eminência Parda». Ela era inteligente, espirose e exercia uma profunda influencia sobre aquele misantropo extravagante. Por morte de Leblin aquela amizade redobrou. A melhor qualidade que Holstein reconhecia em Madame Leblin era a discreção porque o homem das maquiavelicas intrigas políticas adorava o silêncio. Esta amizade durou vinte e cinco anos, e por morte de Holstein, Madame Leblin herdou todos os seus documentos. Ela nunca os publicou, embora eles constituissem o mais emocionante, o mais imprevisito e escandaloso arquivo da Alemanha de antes da guerra.

No seu livro tão discutido, Trotha revela pormenores desconhecidos da carreira de Holstein. Este foi, na sua juventude, um adido de embaixada, mundano e afavel, em Paris, São Petersburgo, Washington, Florença e Copenhague. Só quando regressou a Berlim o seu espirito começou a mergulhar pouco a pouco na misantropia. Passava dias inteiros sem se mover do seu gabinete. A sua unica distração era à noite em casa de Leblin. O seu jantar era frugalissimo: um pouco de carne, um pedaço de queijo e uma chavena de café.

Este homem enigmático que tanto influíu nos destinos do imperador, a quem enviava constantes relatórios, só uma vez em toda a sua vida falou a Guilherme II. Atribuía-se o seu isolamento a uma doença de coração de que sofria.

Conta Trotha no seu livro, que Holstein costumava declarar que apenas lhe interessava a política externa e que nada sabia dos assuntos internos do seu país. Segundo Grossmann, o contraditor de Trotha, esta declaração não corresponde á verdade, porque em certos documentos hoje conhecidos, se vê que a «Eminência Parda» não era destituída de senso político interno.

E' curioso verificar que, pouco depois da sua retirada, Holstein era o primeiro a notar o perigo para a Alemanha de uma politica anti britânica. Condenava severamente a exagerada politica de armamentos navais do almirante Tirpitz. Condenava, emfim, toda a politica externa que ele cimentara durante desasseis anos de perversas manobras clandestinas,

Holstein morreu na desgraça, pobre como Job. Toda a sua fortuna se resumia nas pedras preciosas que ornavam a sua comenda da Ordem da Águia Vermelha. Os seus herdeiros venderam as pedras para pagar lhe o enterro. Guilherme II nem sequer lhe enviou um ramo de flores. Dir-se-ia que adivinhava que pouco depois se revelaria uma opinião escrita de Holstein sobre a sorte do império alemão, que esteve oculta até há pouco tempo:

«Sua Magestade despreza e esbanja o capital que lhe dá o realismo do povo. Esse capital dissipado fará falta um dia ao seu filho. Reinár é para o Imperador um desgosto. Resta saber se elle manterá o trono á morte».

E não se enganou Fritz von Holstein, o homem dos olhos de hiena, o perverso e clandestino tecedor de intrigas; cujo espirito maquiavelico recorda o de Fouché na Revolução Francesa e durante o império napoleónico».

Uma entrevista sensacional

# Um novo partido político em Portugal

**O sr. dr. Alberto Madureira, chefe da nova força política que quer disciplinada e ordeira, faz ao «Reporter X» as suas primeiras declarações**

**E**STÁ em formação o Partido Socialista Radical, força política que se propõe agregar os nossos trabalhadores numa frente única, dentro da ordem.

Na situação especial em que vivemos, trata-se dum assunto de transcendente actualidade que merece ser tornado público. *Reporter X*, jornal que tem por principal função focar todos os assuntos, alheio absolutamente a política, seja ela qual for,

não podia deixar de procurar saber o que pretendem os dirigentes do novo organismo. De resto, se faltasse alguma coisa para a nossa atitude estar justificada bastava a circunstância de não termos visto que a grande imprensa se referisse ao caso, como seria lógico. Assim, *Reporter X* procurou o sr. dr. Alberto Madureira, a quem poz o seu modo de ver e de quem recebeu as informações que a seguir se lêem.

A nossa primeira pergunta: como nascera a da formação do partido, respondeu-nos o ilustre médico:

— A ideia nasceu da necessidade de se resolverem os problemas económico e social, resultantes do monopólio bancário, e sem o que nada de útil será possível fazer-se, não só entre nós como em todo o mundo. Tenho a opinião que só as classes trabalhadoras são capazes de realizar uma tal tarefa, tanto mais que a hora que passa lhes

pertence. De resto a criação duma frente única dos trabalhadores impunha-se, pois a solução dos problemas tem sido impossível porque as rivalidades entre aquelas classes são muito maiores, infelizmente, do que entre elas e os capitalistas.

«Dentro d'este critério, procurei o sr. dr. Ramada Curto, chefe do Partido Socialista Português, que concordou com o meu plano, declarando-me contudo que eu não venceria, por em Portugal ser difícil, ou impossível, refinar em trabalhadores. Pouco depois apareceu a Conjunção Republicano-Socialista, que me fez verificar estarem o

## O «NEGÓCIO DOS BONUS» E O «SERVIÇO DE CAPITALISAÇÃO»

UMA CARTA DO SR. D. PAWEŁ, OS NOSSOS COMENTÁRIOS E UMA DECLARAÇÃO DA POLÍCIA INTERNACIONAL

**A quem cabem as culpas?**

Do sr. Pawel, a que várias vezes nos temos referido no nosso jornal, recebemos a seguinte carta:

Lisbõa, 19 de Dezembro, 1931.

Direcção do Reporter «X»,  
Lisbõa

Snr. Director,

Incluo remeto à V. Ex. o Original do Relatório público do Inquerito da Polícia Internacional e da Polícia de Investigação Criminal de Lisbõa. Inquerito motivado unicamente pelas minhas reclamações perante o montão de acusações insensatas publicadas a meu respeito, afim de eu provar duma vez para sempre à opinião pública Portuguesa, que eu mereço só consideração e estima, visto a minha honradez e todos os meus negócios serem acima de qualquer duvida, tendo eu proprio sido uma vitima da injustiça geral, provocada pelos que hoje são os primeiros de me caluniarem.

O serviço de capitalisação iniciou-se há mais dum ano, por conta e sob a direcção indirecta dum Conde L....., conhecido bastante em certos meios..... e que pretendia ser um dos Gerentes-Administradores duma importante Companhia de Seguros da r. Aurea e de poder dispôr de enormes capitais, à vontade. Mas, tendo eu alguns dias depois averiguado a incompatibilidade deste serviço financeiro, liquidei-o eu imediatamente, à custa da minha bolsa, para salvaguardar a reputação do meu nome.

Enquanto ao S. O. de Bonus de Fotografia Gratuita, remeto tambem aqui incluso uma copia reconhecida dum documento que, junto aos muitos outros, que são à disposição de quem os quere ver, põe os pontos nos ii de toda esta polemica.

Doutore, nunea me intitulei. Por desachto legal sou autorisado de assinar, à vontade, Pawel Drozdinski ou D. (Drozdinski) Pawel, esclarecendo-se assim o grande... misterio.

Enfim reservo ainda à inocente e ingenua Maria dos Prazeres, minha antiga e unica empregada,

despedida por mim por recuso de trabalho pretextando doença grave, e depois 2 mezes e não 2 dias de serviços, bem como à seu padrastrô, Arthur Gonçalves, de provarem no Tribunal o que eles declararam ao seu redactor. Escusado é dizer que as suas declarações se trata de calumnias ignominiosas, tambem para todas as outras acusações infamantes e ridiculas.

Abstenho-me de qualquer comentario sobre a apresentação das suas publicações à meu respeito, convidando simplesmente V. Ex. de publicar a presente no seu proximo número.

De V. Ex.<sup>a</sup>  
Mt.<sup>o</sup> At.<sup>o</sup> e Vnor.  
D. Pawel.

Sobre o assunto das nossas reportagens, temos recebido várias outras cartas. A todas elas



A declaração da Polícia Internacional, demonstrando que nada se apurou de concreto.

nos referiremos mais de espaço, no próximo número, assim como a assunto de que trata a carta que hoje publicamos, o que só não fazemos agora por absoluta falta de espaço.

No entanto, queremos já dizer que o negócio das capitalizações, que nos parece pouco regular, se deve ao tal falso conde de Lacutete, e que a falta de cumprimento no negócio das fotografias não é culpa do sr. Pawel.

Ambos os casos, dão ainda uma reportagem curiosa, demonstrando que nos enganámos somente quando encabeçámos as responsabilidades.

COSTA JUNIOR.



O sr. dr. Alberto Madureira, o chefe do novo Partido Socialista Radical.

P. S. P. e o seu chefe num campo oposto ao meu, pelo que comecei a trabalhar sozinho para a criação da Aliança Republicana Social e Sindicalista, primeiro nome que teve o meu partido. De ois, das várias reuniões realizadas, resolveu-se então que êle a toptasse a denominação de Partido Socialista Radical.

«Devo dizer-lhe que foi nesta altura que desapareceu a minha personalidade, porque o P. S. R. não admite chefes e as funções dirigentes do partido passaram para uma comissão executiva, à qual presido, que se manterá no seu posto até ao primeiro congresso operár o a realizar.

— Qual é a finalidade do P. S. R.?

— É a emancipação de todos os trabalhadores. Claro que eu sei não poder conseguir-se tal finalidade na nossa vida nem na nossa época. No entanto, estamos dispostos a empregar todos os esforços para conseguir o maior número de regalias para as classes trabalhadoras.

— Parece-lhe que é possível em Portugal, alheando-se do resto do mundo, conseguir a finalidade do P. S. R.?

— Isso não é possível, não só em Portugal como em nenhum outro país, isoladamente.

— Em que campo se coloca o P. S. R. para conseguir o seu objectivo?

— No campo absolutamente legal. O P. S. R. é absolutamente contra todos os movimentos revo-

(Conclue na pag. 15)

# As excentricidades célebres de escritores e artistas

**Um escândalo no "hall" do "Regent-Palace" — O guarda-roupa, os criados de cinco côres e as duas panteras de Mac-Hilton — Os cabelos verdes de Baudelaire, os castelos de Dumas e os fatos de Loti — A Singer de Frigita e o gabinete de Gomez de la Serna.**

busto uma blusa à *Gorki*, fechada no pescoço com um *cache-coll* que, de tão enroscado, podia passar por um gargantil filipino. Agora rematemos o quadro com as luvas amarelas, encardidas, e amputadas nas cabeças dos dedos, umas botorras de galucho, uma capa à espanhola, seis ou sete canetas de tinta permanente, espreitando dos bolsos, uma pasta e muitos papeis na mão direita e um banco portátil na mão esquerda — e o clownismo do marmanjo fica suficientemente explicado.

Súbito, como que farto de esperar, abriu o banco portátil, sentou-se, pôs a pasta sobre os joelhos focinhudos, e, encrustando na órbita um monóculo pretencioso — aro de ouro e fitilha negra prendendo-o ao pescoço — começou a rabiscar prosa, com uma velocidade e um à vontade de jornalista que abanca à mesa de redacção. Esteve assim uns vinte minutos, até que entraram no hall dois indivíduos conhecidos: o popular romancista policial Edgar Wallace e um dos seus secretários que, havia poucos dias, me proporcionara uma entrevista com o fecundo escritor. O excêntrico cavalheiro desacampou, indo ao encontro dos recém-chegados, num alvoroço alegre. Tinham marcado entrevista, pela certa. Aproveitei o cumprimento familiar, que o secretário de Edgar Wallace me fizera, para saciar a nossa curiosidade. — «Não o conhece? É Arnold Mac-Hilton, o dramaturgo e o contista filosófico mais discutido da Inglaterra e um grande amigo de Mr. Wallace. Estranhou o seu aspecto? Não lulgue que é pobre ou snobismo. Ganha como poucos escritores, e houve uma noite, o ano passado, que um dos seus dramas, *The Black Hour*, se representou, simultaneamente, em três teatros de Londres, em vinte teatros de Inglaterra, e em vários dos Estados Unidos, Alemanha e até em França, no «Eduard VII», sob o nome de *L'Heure de Satan*, traduzido por Edoard Keyser. É tão simples; tão indiferente à glória e à notabilidade que foge a todo o mundanismo. Um dia que nos encontramos, hei-de contar-lhe algumas das suas excentricidades, e você fartar-se de rir.

palavra não tem intenção desprimorosa). Mandou fazer a *carrosserte* como as antigas *caps* de Londres, de capota mui alta e avultando o motor. Gosta muito de ostentar numerosa criadagem — cinco, nada menos — e cada um de sua cor: um chinês, um malaio, um negro, um pele-vermelha e um branco. É por tal forma *telhudo* que, para que à roleta dos serviços não faltasse o tom vermelho, gastou perto de 100 libras só em *démarches* para obter um autêntico *stoux* — cujo ordenado é apenas de dez *shellings* mensais!!! Em sua casa não tem poiso certo onde comer, dormir ou trabalhar. Existem leitões desperrados... onde ele escreve; mesas onde ele dorme e cómodas onde ele toma refeições. Como gastrônomo, os seus caprichos não são menos raros. Um dia, tomando o *five* no «Chin-Chin-Chau», de Flat Street, deliciou-se com certo creme. Não descansou enquanto não conseguiu contratar e levar o pasteleiro para sua casa, onde o teve um mês a dar-lhe cremes, exclusivamente, a todas as refeições! Tem duas mascotes: uma viva e outra... «morta». Uma hiena enjaulada, *dentro de casa*, por quem sente um terror infantil, que odeia e da qual se sente odiado, obrigando-se a vencer o medo e a acercar-se para a enraivecer, antes de começar qualquer trabalho; e uma hiena... embalsamada, que ele arrasta de sala em sala, acaricia e fala-lhe... como se fôsse... viva!»

Se a excentricidade de Arnold Mac-Hilton não é snobismo — as que se conhecem da grande maioria dos escritores e artistas *de verdade* — tão pouco o são. Correspondem ao guarda-chuva inseparável dos sábios clássicos e à dsictrações dos matemáticos. Provêem simultaneamente da preocupação mental constante e do anseio que a inteligência provoca de se darem uma vida que não seja igual à dos outros mortais.

(Continua na pag. 21)



A posição pouco cômoda que Frigita tem, no seu gabinete de trabalho

UMA tarde, no «Regent-Palace-Hotel», encontrando-me com o meu camarada António Ferro, despertou-nos a curiosidade e a mofo portuguêsíssima o aparecimento dum cavalheiro, audaciosamente original. Circumvagava por entre a multidão, variada e mexediça, que povoa sempre os halls dos grandes hotéis de Londres, rasgando, à passagem, a clareira dum corredor marginado de rostos perplexos, como uma borracha gigantesca que apagasse garatujas humanas, tarjando de branco o papel por onde deslissasse. E para que o *iceberg* do indiferentismo, superior, egoísta e admirável dos ingleses se derretesse, embasbacando-os, era, de facto, porque a originalidade do cavalheiro transbordava dos limites elásticos do *shocking*!

... Era um sujeito magro, alto, ombrudo, costas abafiladas, formando, com a haste do corpo, com o pescoço esgançado e delgado de galináceo e uma cabecita desproporcional, lanzuda e caída sobre o peito, um ponto de interrogação garrafal e andante. Mas onde berrava excentricidade era na apresentação. Usava uns calções que pretendiam talvez macaquear as calças ensacadas, sob os joelhos, dos jogadores de *golf*, mas que, de curtas, de tufadas, recordavam as dum gentil-homem do século XVI. Para cúmulo, as meias, igualmente caricaturadas do *golf*, moldavam o pernil ossudo e subiam até aos calções, nas coixas, sem dobra, como meias de mulher ou *maillot*. Vestia-lhe o

Não esperei que acaso me favorecesse: inventei um pretexto para visitar o secretário de Wallace no Strand, e assim com pletei o *dossier* das excentricidades de Arnold-Mac-Hilton (\*). O cavalheiro vive ao extremo da cidade, perto de Richemond, mas, apesar da sua *modéstia*, não se priva dum «auto». No «auto» começa o *clownismo* (a

(\* Já ser apresentou, em Portugal, o seu drama *Vida Nova*, traduzido por Melo Barreto, e anunciou-se a sua comédia *Preço do Silêncio*, para esta época. (N. da R.).



Ramon Gomez de la Serna na babilônia que era o seu gabinete de trabalho

# «O GRAXA...»

## A vida nómada da Desgraça

**Dos anseios de liberdade de duzentos rapazes à existência humana nas valetas dos passeios dos filhos do Destino.**

Escolheu aquela vida de nómadas, irreverente e bastarda, sem preocupações sociais, proscrito da disciplina e da religião, embriagando-se no oxigénio da liberdade da via pública, embora cingido pelo espartilho do Destino. O seu estabelecimento errante está isento de contribuições pesadas, não lhe cria deveres associativos, nem o manietta aos convencionalismos comerciais. Tem uma clientela volante, que oscila como a libra nos últimos tempos. Mas vive sempre alegre, garrula nas praças públicas uma mocidade despreocupada, até que um freguês deixe cair sobre a caixa pintalgada a apetecida «corôa». Não é o cigano da

cebosos. É o suficiente para exercer uma profissão livre, emancipado da tutela patronal, sem obediência a uma vontade estranha. Tem os lugares demarcados pela Câmara Municipal, únicos onde pode trabalhar, mediante o pagamento de uma licença de mais de trinta escudos. Constantemente está em conflito com a polícia, porque a sua irreverência desdenha das posturas camarárias. Como o fruto proibido é o mais apetecido, vai procurar nas zonas interditas o freguês da «corôa». Mas há outros mais rebeldes às disposições camarárias. Esse não paga licença e não pode exercer a limpeza dos sapatos sem o perigo da prisão. Não o atemorisa essa circunstância, e engraxa, sempre que pode, esgueirando-se das vistas da polícia, fugindo agora precipitadamente, deixando a meio o trabalho, mas vivendo sempre alegre, contente e feliz.

Procedem os «Ó graxa!» das famílias mais humildes. Muitas saíram do *bas-fond*, desprenderam-se como fôlhas sêcas da árvore enegrecida do crime. Naquela vida errante, bastarda e irreverente, não correm os perigos da frequência às Tutorias de Infância, embora o perigo moral e a precocidade do crime existam em seu tórno. São uns pequenos trabalhadores, embora, que vivem na turba-multa, edificando a sua educação nos hábitos e nos costumes das ruas, sem obediência a princípios de moral, apenas procurando não morrer de fome com as «corôas» do calçado velho que engraxam.

Muitos dêles são foragidos das profissões. O ensino profissional não lhes prendeu as atenções. A errada escolha da carreira estava em contradição com o seu estado psíquico. A convivência com uns amigos aguçou-lhe a ambição para uma vida livre e mais rendosa, sem a obediência ao patrão severo ou ao oficial duro de sentimentos. E evadiu-se da oficina, adquiriu uma pequena caixa e foi procurar nas praças públicas o freguês que lhe falcultasse os meios de subsistência. Correu mais riscos. Tem agora a sua frequência nas esquadras, o cadastro vai elevando o índice das prisões. Mas não se preocupa. A cadeia não se fez para cães, e vive radiante com a sorte que tem.

O «O' Graxa!» surgiu como tantas profissões ambulantes, como o funileiro dos carrinhos, que conserta na via pública o utensílio de cosinha. O «O' Graxa» executa na rua, junto à valeta, o seu trabalho. Sofre as inclemências do tempo, sorrindo sempre, mas vive livre, sem o espartilho patronal. Uma estatística breve, organizada adrede, dá-nos uma existência de cerca de duzentos «O' Graxa», de duzentas juventudes perdidas nas valetas dos passeios, criando uma moral de rua, deixando de aprender um ofício ou tornar-se um elemento de trabalho, um valor industrial. São duzentos rapazes vítimas de um meio social ainda não isento de miasmas nocivos à educação de um povo. Duzentas vítimas do Destino.

*Pirlau* é um dos muitos pequenos «O' Graxa» que saltitam pelas praças públicas. É um garoto vivo, olhar inteligente e certa graça fraseológica. Tem a educação de todas as crianças das vielas, com a malícia do meio em que vive. Sabe descreitar sobre os «meios enganatórios» dos patrões das engraxadorias. Algumas frases para exemplo:

— Se não fôsse a polícia levar-me para o «garrão» volta e meia, isto era «giro». A gente «ganhamos» muito dinheiro quando não é «trouxa». Nas escadas é uma grande malandrice. A exploração é medonha. Os patrões dão-nos dois patacos e obrigam-nos a estar na escada até noite fôra.

*Pirlau* conta-nos alguns episódios engraçados, dos quais destacamos este:

— Há uma escada na Baixa em que o patrão paga aos «compinchas» que lá trabalham com o produto das «gorgetas» que os fregueses dão. O

«gajo» recebe as «oito rodas» e guard-as e com as «duas licas» da «gorgeta» paga aos empregados.

O «O' graxa», nomado e irreverente, é um produto do meio social. Foragido de algumas oficinas, entregue a uma vida ingrata, sem eira nem beira, cantando quando os outros choram, respirando o ar saudável da liberdade, merecia melhor sorte, mas não aquela que *Pirlau* nos denuncia dessa engraxadoria da Baixa onde estão os «compinchas».

A. M.

## O livro dum poeta

«Barretinas de Papel», livro de versos de Augusto Ricardo

EM Portugal, onde existem tantos fazedores de versos, que dia a dia enchem os escaparates dos livreiros, existem poucos poetas, e se não vejamos quais os nomes que chegam à posteridade. Augusto Gil, Guerra



Augusto Ricardo

Junqueiro e mais dois ou três. Assim se justifica que digamos que em Portugal, para a crise ser completa e absoluta, também há a crise dos poetas, — se não na quantidade, pelo menos no talento. Por isso, são saudados com girandola de foguetos de artistas que em maravilhosos versos escrevem alguma coisa

de novo, comunicando-nos o seu sentir e a emoção que nas páginas dos seus livros sobram fundir, como em cadinho maravilhoso. Está neste caso o nosso camarada Augusto Ricardo, que acaba de publicar um interessante volume intitulado *Barretinas de Papel*, onde predomina a forma satírica tanto do seu gosto, já tão belamente manifestada no anterior volume *Pasquinados* que a crítica consagrou e, mais do que a crítica, o público que o esgotou.

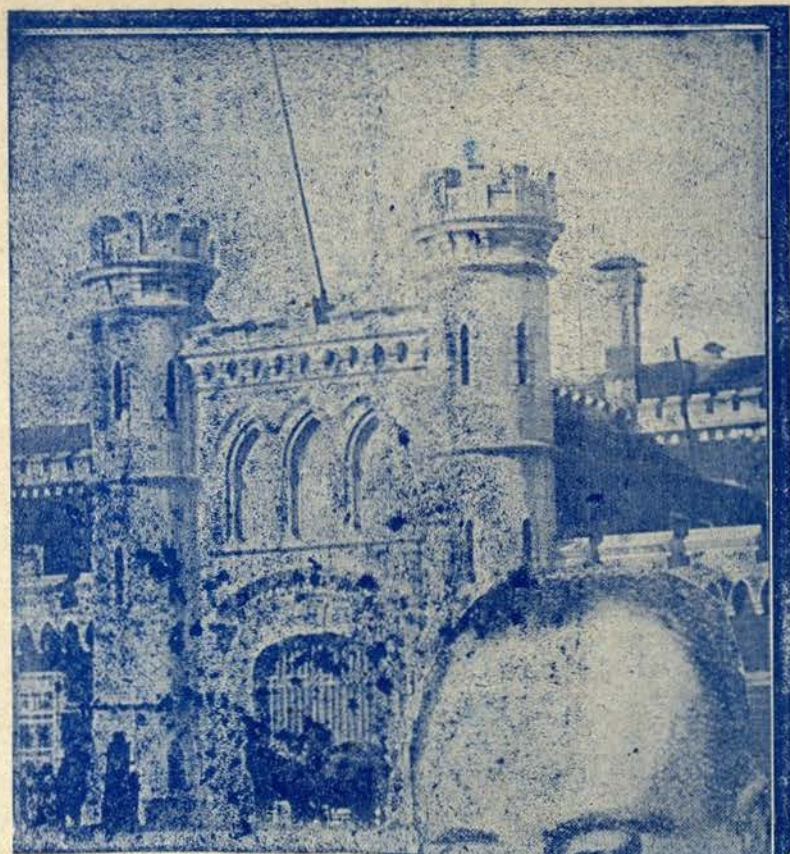
Bem fez Augusto Ricardo, em quem temos que saudar um velho e leal camarada, em publicar este novo livro, que é mais uma afirmação insofismável do seu talento e nos dá a esperança de que este poeta de esquisita sensibilidade, que há tanto tempo andava afastado das musas, volte novamente para o seu convívio, para honra das letras e regosijo dos seus numerosos leitores, que são todos quantos têm a dita de ler os seus livros.

reporter X

N.º 73

25 de Dezembro de 1931

Este número extraordinário custa 2\$00, tem 36 páginas, e foi visado pela Comissão de Censura.



**F**AZ agora precisamente seis anos que a nossa província de Angola iniciava a grande corrida para o descalabro que é a crise grave que ainda atravessa. O comércio e a indústria estavam agonizantes; os operários, esgotados os últimos recursos, lutavam sem êxito contra a situação desgraçada que lhes fôra criada; o funcionalismo asfixiava na atmosfera pesada como chumbo que o cercara; a agricultura e a navegação, à míngua de recursos, ressentiam-se da crise geral. Nesse grande empório português de além-mar, rico manancial de riquezas inexploradas, reinava a desolação, todos aguardavam a vinda dum novo messias que portador de ideis geniais, qual varinha de condão, viesse modificar a triste situação em que todos se debatiam, trazendo a paz à terra e a felicidade aos homens.

Esse messias apareceu um dia. Precedido de fama de colonial, novo, audacioso, cheio de *panache*, com entrevistas concedidas a jornais onde, pelo menos teoricamente, o problema da rica e pobre colônia era posto em equação e resolvido, foi aclamado como o Salvador, o homem de quem, para o futuro, ficavam dependendo as situações e os interesses, as fortunas conhecidas e as riquezas a explorar. Esse homem era Alves Reis, a varinha de condão portentosa com que ele contava e da qual tantos esperavam a felicidade era o «Angola e Metrópole».

Nas raras horas que lhe deixava livre o exercício da sua acção dinâmica, avassaladora, sondando minas, vendo orçamentos, presidiendo a banquetes, financiando empresas, concedendo entrevistas aos periódicos, embrenhando-se na rede complicada dos seus múltiplos negócios que fariam inveja a um Rockefeller do país dos dólares, Alves Reis mal tinha tempo para manter aquela vida de relações indispensável a todo o ser, principalmente quando ele está colocado no mais alto degrau da hierarquia social. Vivia Alves Reis, durante esse tempo que passou em Angola, absorvido, é o termo, na rede extraordinária e complicada dos seus negócios. A-pesar disso o Natal de

Alves Reis em Angola, o Natal do fundador e primeiro director do Banco de Angola e Metrópole, do messias salvador da Província que se debatia na mais angustiada das crises, foi citado em Luanda e em toda a colônia, e ainda em Lisboa, como uma festa de fausto inexplicável que conceitua as primeiras invejas e foi, talvez, o motivo verdadeiro das primeiras murmurações contra o Banco que vinha inundar todos de notas, desmanchar tantos conchaves, inutilizar a acção de tantos que, como corvos sinistros, se dispunham a banquetear-se com os despojos das vítimas da... tremenda crise.

Esse foi o Natal de Alves Reis, no apogeu da sua glória, quando o triunfo da sua imaginação poderosa atingia o *zenith*.

Agora... agora Alves Reis entrou na categoria daqueles que não têm Natal — que nunca mais, talvez, o terão. Aos corredores sombrios da Penitenciária não chegará, a-pesar-da sua universalização, a festa do nascimento do Deus menino que veio ao mundo para redimir os homens.

O Deus do perdão, que abençoava os humildes e para todos os desgraçados tinha uma palavra de esperança, nunca transpôs aqueles muros sombrios. Os seguidores da sua lei desconhecem a odisséia trágica dos condenados à Penitenciária, a quem os homens tendo arrancado a liberdade, tirado os direitos, exautorado numa morte civil

## O NATAL DE ALVES REIS

peor mil vezes que a morte física, roubaram também a alegria do Natal junto à companheira de tantas alegrias e tristezas, ouvindo o riso alegre e saudável dos filhos para quem e por quem tantas vezes, tantos cometeram o crime que tão duramente estão expiando.

A dois passos da cela da Penitenciária que daqui a dias se lhe fechará, roubando-o por alguns anos ao convívio e ao menor contacto com o mundo, — Alves Reis, um número que lhe substituirá para sempre o nome tão tristemente célebre — o homem que ofendeu o mundo com o seu Natal de banqueiro opulento e invejado, não tem já o Natal que a ninguém é negado.

Tenhamos, leitores, neste dia de Natal, dia de alegria e felicidade em que só pensamentos brancos, inocentes como o sorriso duma mãe, atravessam a tua mente, um pensamento de piedade para esse homem que, acompanhando as águias, quis voar tão alto e hoje, no frio da sua cela, não é mais do que um grande desgraçado.

COSTA JÚNIOR.

## Já não há graça?!...

Como se justifica a opinião contrária

É VULGAR ouvir dizer àqueles que já ultrapassaram a casa dos cinquenta anos: — «Nos meus tempos... Isso é que era alegria e vivacidade... Havia outra vida»... Isto é dito a propósito e a... despropósito de tudo pelos saudosistas de outros tempos, que acham todo o passado sempre melhor que o presente, qualquer que ele seja, e qualquer que seja o passado.

Nada mais injusto. Se nalgumas coisas a vida oferecia antigamente aspectos mais risonhos, noutros não sucede assim. Um exemplo, a demonstrar a verdade da nossa afirmação, é o que sucede com o teatro. Não há, agora, razão para queixas sobre teatro no momento em que se representa no *Teatro Maria Vitória* a engraçada revista *O Estaladinho*, cheia de espírito e ver ladeira alegria, que deixa a perder de vista os maiores êxitos teatrais dos tempos dos que têm hoje 50 anos.

De resto, todos os amadores do género sabem que não há tristeza, por mais que seja, que resista à graça esfuziante de Maria das Neves e à alegria bem portuguesa de Carl's Leal.

A que vêm, pois, os queixumes dos que dizem que já não há alegria no nosso teatro?

## Ex. mas Senhoras

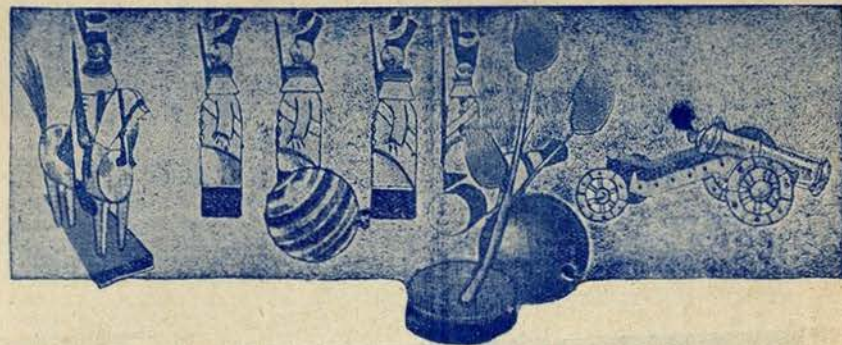
No vosso próprio interesse, visitai a CASA QUINTÃO, da Rua Ivens, 30 a 34, loja e 1.º andar, onde encontrareis os mais lindos motivos para decorar a vossa casa, tais como os afamados TAPETES DE BEIRIZ, faianças artísticas, lindas peças de mobiliário, género antigo, etc..

## O sonho das crianças e a realidade dos brinquedos

As crianças de outrora — velhos de hoje — eram bem fáceis de contentar. Uns brinquedos modestos, mal acabados — toscos reflexos da verdade — encontravam-nos como se fossem as mais perfeitas imitações da realidade. Uma boneca de trapo, quasi informe, olhos e sobrancelhas de torçãl, saia larga de chita sarapintada e cabelos de crina de cavalo, davam às meninas nossas avós a ilusão de um querubim; uma tábua recortada em vaga forma de cavalo, um carro de bois de papelão mal modelado, bastavam para entreter um menino nosso avô, durante semanas de verdadeiro extase, ante aquelas maravilhas que o Menino Jesus depunha no sapatinho durante a frígida madrugada de vinte e cinco de Dezembro.

Os rapazes da nossa geração, porém, já foram mais exigentes. Recordar-me que na minha mais remota meninice, só me contentava com barcos que navegassem a valer (navios de lata com rodas para caminharem no sobrado, mereciam-me um altiva desprezo). Só gostava de brinquedos que se confundissem com a realidade: locomotivas que pouco diferissem dos grandes expressos americanos, que eu lançava a tóda a velocidade da corda de aço sobre rails paralelos de curvas perfeitas; automóveis de corrida que voavam quasi pelo corredor que me lembrava uma grande pista para bater records. Mas as minhas aspirações pairavam mais alto do que aquelas ninharías. Sonhava construir pontes e tuneis no quintal, viadutos sobre ruas de cidade, como eu via em magazines «Jankees» que o acaso trazia às minhas mãos; erguer cidades de pedra e cal, povoadas de trens e automóveis glissantes por avenidas monumentais e até — oh, delicioso inverosímil! — de transeuntes, bonecos tão humanos como os próprios homens, que marchassem circunspectos, corresse apressados, entrassem nos imaginários estabelecimentos, levassem pela mão meninos como eu, rissem, chorassem, vivessem — sonhassem como eu sonhava irresistivelmente. Eu queria a reprodução da vida em meninatura para que coubesse tóda no meu quintal.

A noite, no leito, nos acanhados instantes que antecedem o sono das crianças, a minha imaginação infantil ditava grandes e maravilhosos projectos para o dia immediato. Estontado pela ante-visão do que seria capaz de realizar, eu sentia-me, naqueles minutos admiráveis, um verdadeiro Deus — unico, omnipotente e criador. Mas no dia seguinte surgiam ante a minha sensibilidade de criança — tão melindrosa, afinal, como



a sensibilidade dos adultos — aquelas decepções que atormentam a humanidade desde a noite dos tempos. Ao erguer um predio miniatural, o barro inconsistente derruia; segundos depois de fazer serpentear um rio entre as verduras do jardim, a terra, empapando a água, secava-mo; se, orgulhoso do meu engenho, firmava em pilares inabalaveis um viaduto soberbo, o pezo da locomotiva de latão derrua-o num desastre merecedor de parangons nos jornais; e no tauque das lavagens, que era para mim um oceano «nunca dantes navegado», a brisa leve, que o encapelava em ondas terríveis, enfulando as velas dos navios carregados de açúcar, mialhas de pão e outras preciosidades, levava-os a pique ou então a um porto que eu não designava na escala. Outras vezes, as pequenas cidades, com ruas lisas, «boulevards» delineados, igrejas e palácios de justiça monumentais, que em dias de labor fecundo e feliz eu deixava quasi terminadas á hora doce do entardecer — quando o crepúsculo, descendo suave sobre a minha cabeça de iluminado, me murmurava ao ouvido: «Descansa, que Deus também repousou ao sétimo dia» — não passavam na manhã seguinte de escombros lamentáveis, porque durante a noite, qual dilúvio universal ou maldição de Sodoma, a impura, o gato fizera daquele Paraíso artificial campo para as suas necessidades desprezíveis...

E eu experimentava ante aquelas ruínas a mesma angústia que deviam ter sentido os lisboetas ante o terramoto de 1755, o mesmo pavor dos aliados ante a catedral de Reims despedaçada, a mesma confusão dos construtores da torre de Babel — símbolo da ascensão humana para a suprema sabedoria — na hora diabólica em que os seus idiomas os dividiram e reconheceram a amarga impossibilidade de desvendar o mistério das alturas. Tanto esforço, tanto sonho, tanto desejo de Perfeito e de Eterno, que um nada pode, num momento, reduzir a pó!

As crianças de agora já podem, no entanto, ser mais felizes do que nós. A indústria logrou uma perfeição que fez do brinquedo um objecto sério, real, mas em miniatura. Não se fazem imitações tóscas de navios, como no meu tempo, fazem-se navios miniaturais, com as mesmas peças, as mesmas comodidades, accionados pelas mesmas forças motrizes que os navios de tamanho natural; já não se constroem locomotivas de lata, mas locomotivas com o mesmo número e feito de engrenagens, a caldeira aquecida por carvão de Cardiff, fumegando não os penachos de algodão com que eu dantes as engralidava, mas vapor autêntico que sobe leve e maleável e se desfaz na atmosfera, pequenas locomotivas-monstros que deslizam sobre rails de aço indiscutível.

Na Alemanha são os homens de ciência, e não os artistas, que estão dando cartas na indústria dos brinquedos. Para o Natal deste ano, já apareceram pequenos dirigíveis, autênticos Condes de Zepellin em miniatura, com o respectivo posto para amarrar; combóios sobre pontes metálicas, que obedecem — proporcionalmente — às mesmas leis de peso e de resistência que as gigantescas máquinas de ferro.

É a criança, que dantes supria pela fantasia, pelo sonho, as deficiências dos materiais que lhe davam, deixou de ser hoje um lunático sonhador, como nós fomos, convertendo-se num menino de ciência, manejando fórmulas algébricas e leis de

física e química, para pôr em movimento um combóio, a cem metros á hora, com paragens certas de oito em oito decímetros. A criança de hoje, uma prega de sábio na pequenina testa, olhar concentrado, dentes cerrados, é ante o aperfeiçoamento do brinquedo, um pequeno homem preocupado, os cabelos embranquecidos pela cansa mental e o coração endurecido pela miniatural luta pela vida a que o ambiente dos brinquedos maravilhosos a obriga.

Não será demasiado prevêr que os nossos netos venham a pedir aos pais que os deixem ir brincar na estrato esfera, no seu pequeno avião construído de propósito para essas acrobacias no espaço infinito...

MÁRIO DOMINGUES

## Um novo partido político em Portugal

(Continuação da pag. 11)

lucionários á mão armada. Por isso, tem a convicção absoluta de que, no campo legal, pode conseguir muito da transformação social a que aspira. Para isso, e dentro do principio de ordem que defendemos, exigimos como condição indispensável a liberdade de opinião e o direito de voto dos trabalhadores.

— Tem encontrada facilidades na organização do seu partido?

— Tenho encontrado divergências fundas. É esse facto pode ser encarado sob dois aspectos: a falta de cultura e o vício político. Existem em Portugal 80 %, diz-se, de analfabetos. Dos 20 % votantes, 99 % não percebem o que lêem e o que escrevem e constituem a classe dos *meneurs*, contra os restantes 80 %, que são a massa dos oprimidos e as vítimas constantes de todas as situações políticas. É necessário fazer conhecer a essa gente o erro em que tem vivido.

«Um exemplo frisante do que lhe afirmo está no facto de os comunistas e outras correntes ideológicas terem como lema a *união dos trabalhadores de todo o mundo*, com a declaração terminante de não aceitarem por principio algum o capital ou a propriedade privada. Mas, em compensação, falam a cada momento do salário baixo ou salário alto.

— O que pensa do Partido Socialista Português?

— Considero muito o seu chefe, como homem. Mas nem por isso deixo de concordar que desde que ele passou a ser autor dramático, passou também, automaticamente, a ser actor dentro da política. Quanto ao Partido Socialista Português não tem razão de existir por dois motivos: primeiro, porque as suas doutrinas constituem reclamações absolutamente antiquadas na época em que vivemos; segundo, porque o seu chefe, com duas ou três pessoas que o cercam, deram ao partido uma forma de despotismo que hoje as massas trabalhadoras já não aceitam.

## REPORTER X

Vende-se em todas as tabacarias

## Confidências de «V-12», o espião português

A luva de M.<sup>me</sup> Homero

Como «V-12» despistava os rafeiros — Dez números de telefone — A criada e o político influente — Paris-Londres — Uma pensão modesta — A transmissão...

## RESUMO DAS REPORTAGENS ANTERIORES

Xavier de Carvalho Azevedo, em vez de defender a França, que ama como segunda pátria, atizando-se na Legião Estrangeira, oferece-se, para combater a Alemanha, aos Serviços de Contra-Espionagem. «Espião Voluntário», o «V-12» (é esta a sua ficha), celebra-se entre os agentes mais audaciosos. Felta a paz, desincarna-se do passado e de regresso a Portugal nem aos mais íntimos revela o papel, por vezes heróico, que desempenhou na Guerra. Uma vaga indiscrição dum dos seus chefes franceses, que passa pelo Estoril, alviçou o «Reporter X» que se esforça, sem êxito, por saber quem é esse famoso espião (o único que Portugal forneceu aos nossos aliados). «Graças a um percalço sofrido em Berlim, onde o «V-12» perdeu a orelha direita, conseguimos finalmente hofofotear o seu refúgio de herói que se despreza e arrancar-lhe o segredo das suas façanhas mais emocionantes. Logo no serviço de experiência, V-12 iriunfa, descobrindo o ponto exacto da fronteira holandesa onde se abre uma galeria subterrânea para a canganga material e humana dos alemães, entrando afoitamente no lar dum espião germânico, em Colónia, e escamoteando um documento de alto valor. Por mlagre não é enlaçado ao jugo do país inimigo — defrontando-se, no «autobus» que o leva à «gare» de Colónia, com o dono da casa onde se hospedou — mas consegue, mesmo assim, escapar-se-lhe.

## «V-12» E OS SEUS «TRUCS»

XAVIER de Carvalho Azevedo teve um desabafo de tristeza: — «Faça o que fizer, o espião será sempre para a opinião dogmática de muitos um ser desprezível, sem escrúpulos nem nobreza. E contudo... Olhe... Recordei-me agora dum episódio que ainda hoje vence o meu indiferentismo e a minha calma, e me emociona. Que voluptuosa alegria do coração ouvir dizer: «Graças a ti salvaram-se 5.000 vidas, entre as quais algumas por que tu darías a tua! Mas eu conto... Numa madrugada de Dezembro de 1917 (as nossas tropas estavam no front havia já bastante tempo) recebi ordem de me apresentar com urgência. Deixei dizer-lhe que o principal motivo por que os alemães não conseguiram nunca estabelecer uma ligação entre dois *raids* meus foi porque, nos intervalos, lhes cortava sempre a *guita* (*passes le mot...*) O meu sistema era este: ao regressar, em Paris, permanecia eu fechado num hotel, lendo os anúncios dos jornais e procurando, *epistolamente*, dois outros *appartements* diferentes que estivessem por alugar. Feito o contrato, recebidas as chaves, instalava-me em três sítios diferentes sob máscaras e passaportes diferentes. Nem os meus chefes conheciam os vários endereços que tive em Paris, porque sempre suspeitei da existência de agentes alemães infiltrados nos nossos Serviços Secretos. Era chamado, de dia ou de noite, por uma forma original. Eu enviava-lhes todos os dias um envelope convencional, que eles reconheciam mas não abriam (e não o abrindo, ninguém podia violar o seu segredo). Se durante 24 horas não me necessitavam, rasgavam-no, tal como viera, sem o abrir. Se, de súb-

ito, me queriam falar, partiam os lacres, e encontravam, rabiscados no interior do próprio sobrescrito, 10 números de telefone, entre os quais estava o meu. O chefe então (só ele conhecia a combinação) ia pessoalmente telefonar para os 10 números, repetindo a todos a mesma frase: «Venha depressa porque Maria teve uma criança». Esta frase era acolhida sempre com espanto — e com as mesmas perguntas: «Mas qual Maria? Com quem é que quer falar? Quem é que fala?» Mas êle cortava logo a comunicação e pedia o número seguinte. Eu mesmo, por cautela, recebia o aviso como se não fosse eu, surpreendendo-me como aos outros. Uns momentos depois, pedia ligação com o chefe; e mesmo em caso de cilada — o traidor ficava sem saber qual dos 10 números era o meu.

## A ESPIA INTANGÍVEL

— «Este serviço — declarou-me o chefe — é dos que só se confiam a um colaborador como você. O capitão M..., do Estado Maior, veio especialmente a Paris para ser portador de vários documentos relativos às próximas actividades do nosso front. Hospedou-se no Hotel C... O como e o porquê não interessa: o que sabe é que conseguiram roubar-lhe quatro envelopes com instruções a quatro sectores. Alarmado com legítimo pânico, solicitou o nosso auxílio. O ladrão não podia estar longe. As suspeitas caíram sobre a esposa dum influente político estrangeiro, pertencente a uma nação que a França não pode, sobretudo nesta ocasião que necessita dela, melindrar, levemente que seja. Situação delicadíssima! O político que vem à França para fechar vários acordos com o governo é um homem de bem, em todo o sentido. De sua esposa (sua antiga criada, sua ex-amante e sua seria tirânica) temos as piores informações. Engana-o de várias maneiras, todas infernais, e o seu passado prova que, para saciar o seu luxo e para prender o seu *souteneur* é capaz dos gestos mais... reles — como êste! Revelar ao

marido as suas suspeitas — equivalia a perdermos um amigo precioso que modificaria toda a política do seu país — posto que está cedo e mudo pela *madame*... O capitão M..., no desespero em que se encontra, não se conteve e invadiu o quarto dessa senhora. Ela, temendo que não respeitásemos... o marido e julgando-se descoberta — destruiu três dos quatro envelopes (conseguimos depois esta informação pela confidência dum vizinho de quarto... que a espreitou quando ela os queimava). Do quarto não teve tempo, porque o capitão estava a bater-lhe à porta. Entretanto chegara o marido e não pudemos agir.

«E' muito possível que ela tenha feito seguir já o quarto envelope — mas sabemos já que, ou para o levar pessoalmente ou porque não se sintia muito à vontade, convenceu o marido a deixá-la partir para Londres, naquela manhã, dizendo-lhe que ia visitar uma compatriota sua que reside na Inglaterra.

E' gravíssimo o problema — e se êsse documento (seja qual deles fôr) cai em poder dos alemães as consequências serão funestas. E eis o que, neste assunto, lhe interessa directamente: um dos quatro documentos (pode ser o que está em jôgo) põe em perigo seriíssimo as tropas portuguesas! Vou fornecer-lhe immediato passaporte e um retrato para você a reconhecer. Escusado será dizer-lhe que nos interessa tanto apoderarmos-nos do documento, como evitar o menor dissabor com o marido dessa senhora. Revistando-a seriamente à saída, arriscamo-nos a nada encontrar e provocamos aquilo que, a preço algum, podemos provocar. Na guerra não há sentimentos, há factos. O documento vale 5.000, 10.000 vidas; a aliança do marido dessa senhora vale 50.000, 100.000 vidas!!

A LUVA DE M.<sup>me</sup> H...

«Ela — suponhamos — era M.me Homero (e escolho êste nome porque o verdadeiro apelido do casamento evoca um grande clássico). Eu — mais um nome — chamava-me Julio Vila Nueva, era cubano e escritor. Viera à Europa recolher elementos para um livro. As 9 horas partia o comboio para Calais. Reconheci-a logo pelo retrato. Linda mulher. A sua bagagem limitava-se a uma mala de roupas e a uma «Indis» de viagem. O marido acompanhou-a até ao embarque na Mancha. A sua presença era uma garantia para a saída da França e nem sequer lhe revistaram o «Indis». Em Dover as autoridades inglesas não a pouparam. Fiz o possível por estar ao seu lado nêsse momento. Os aduaneiros vasculharam tudo, e nem uma folha de papel eu vi aparecer entre os fatos, sapatos e artigos de *toilette*, que eram toda a sua bagagem.

«Em Londres tomou um taxi e foi hospedar-se numa pensão familiar num segundo andar de

(Continua na pag. 21)



...Naquele momento difícil...



# COMO SE EMPILHAM TUBERCULOSOS NO CARAMULO

**H**Á na Serra do Caramulo, a 800 metros de altitude, uma pequena aldeola: Paredes do Guardão.

Descoberta há uma dezena de anos, por um clínico, que trepou dezanove quilómetros em sua busca, nela se ergueram miseráveis edifícios, que pomposamente se denominavam: «hotéis e pensões»?!...

Os seus proprietários vegetaram anos seguidos, até que, por um contracto com a Direcção Geral de Assistência, para lá lhes arremessaram com dezenas de funcionários civis tuberculosos.

De então para cá, estes *industriais da tuberculose* têm enriquecido desalmadamente!

Sem fiscalização séria, completamente à sua vontade, identificados com o tal clínico-director, rasgaram o contracto, e, usurariamente como Schylick, amontoam ouro sobre ouro!

A voracidade insaciável da *sociedade* arremessa, por ano, o Estado e o funcionalismo civil, *milhares de contos*.

Em todos esses... hotéis e pensões a cubagem dos quartos é deficiente; os mais elementares preceitos higiénicos inobservados; uma autêntica cloaca!

Géneros alimentícios reles e péssimamente cozinhados. Montureiras, quasi juntas das casas, exalando um fedór insuportável.

As paredes erguides, com pedra porosa como esponjas, criam liquens e musgo. *Um horror de humidade!!*

As casas de jantar são, ao mesmo tempo, «salas de estar»!!

Acabadas as refeições, grupos de doentes, faces encovadas, olhar febril, expectoração e tosse continua a dilacerar-lhes o peito cavernoso, entretêm-se: conversando, uns; outros, jogando sobre as mesas, em que anteriormente lhes serviram a miserável alimentação.

Conservam-se sobre as mesas, toalhas, copos, assucareiros, jarros de água!

*Imundo e confrangedor!!*

Quasi todos os *hotéis* e pensões situados à beira das estradas, por onde transitam automóveis, camionetas, carros de bois, rebanhos de carneiros.

*Formidável e perigosíssima poelrada! Uma infernal barulheira!*

Do celeberrimo contracto, faz parte, a cláusula obrigatória de um enfermeiro por cada grupo de 40 doentes.

E nunca isto se cumpriu e talvez nunca se cumpra!...

Há uma fada misteriosa, um poder oculto que permite tudo, em prejuizo dos doentes. Acumulam-se os meses e o director clínico *não observa um só doente; não atende uma reclamação.*

Sua excelência, proprietário dum magnifico palacete, só se preocupa com a extracção do ouro, do filão que descobriu a 800 metros de altitude!

É um «faz-tudo», modernissimo Walter, médico especialista de muitas maleitas, presidente das comissões de Turismo, Iniciativa, Junta de Freguezia; avaliador de terrenos; industrial hoteleiro e tudo o mais que lhe dá na gana.

Não pode subsistir o caótico e imundo estado de coisas que escarpelizamos, como não se pode permitir as faltas graves que vimos de mencionar.

Urge pôr termo imediato ao formidável desa-

cita a esse respeito, onde se empilhavam doentes. Deviam recolher todos aos tais hotéis e pensões. Que pensam os leitores que sucedeu?

Desvergonhadamente isto:

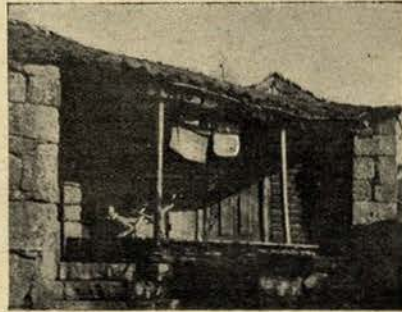
Por mágica, artes de Belzebut, transformaram-se essas casas em *pensões!* E assim se encontrou a mirabolante forma de ludibriar a ordem dada por quem suerintende na Assistência Pública. Nós daqui apontamos a prestidigitação. Nessa desregada e novissima modalidade de pensões, presta-se culto a Bacco, canta-se o fado e trabalha-se em fotografia até alta madrugada.

Pedimos energicas providências, que ponham termo a semelhante abuso...

Impõe-se para já: meter-se na ordem os srs. hoteleiros e contratários, forçá-los a cumprir, aproveitar-se as vagas do pavilhão 2 e a parte do pavilhão 8 do Sanatório Sousa Martins, que não é destinada a indigentes, internando o número que comporta de doentes, aproveitar-se a enfermaria do 1.º do Sanatório da Ajuda, reservando-a exclusivamente a funcionários civis. Conceder o subsídio, a que têm legitimo direito, a todos os doentes em tratamento na planície e não internados.

É um procedimento desumano o que se faz. Não abrangemos a que locubração mental obedeceu o seu côrte. Não se alegue falta de verba, porque os 4.500 contos orçamentados chegam; o que é imperioso, é não os deixar escoar improduttivamente.

A Direcção Geral da Assistência deve procurar, com afinco, com intelligência, a construção de um pavilhão no Sanatório da Guarda, que reúna todas as modernas condições para tratamento de doenças pulmonares. A construção de outro em Coimbra.



Um pardieiro onde se vê uma cadeira de viagem para «cama de repouso»

fôro. Compete às entidades competentes olhar de vez e a sério para a situação dos funcionários civis tuberculosos. A nossa intelligência não concebe que se permita a permanência de doentes em tão miseráveis condições de salubridade e conforto.

Foram dadas ordens para serem evacuados *autenticos casebres*—a nossa gravura é bem expli-

## Augusto Guedes

DESPACHANTE OFICIAL

ALFANDEGA DE LISBOA

Na C. N. N. 2.3021 — 2.3024  
TELEFONES } " Alfândega 2.6571  
} Particular N. 2673

**Quereis dinheiro?**  
Jogai no

**Gama**

R. do Amparo, 51 — LISBOA

PREÇOS CORRENTES  
Pelo correio mais \$80 para registo

**Sempre sortes grandes!!**



Uma película bem revelada

Uma cópia bem feita

Uma ampliação

bem acabada

FAZ-SE NA CASA

**Garcez, L.<sup>da</sup>**

Especializada neste género de trabalho

**GEVAERT**

A película que dá sempre boas fotografias

**GARCEZ, L.<sup>da</sup>** CHIADO, 88 — LISBOA

«**F**ACAM a fineza... É só um instante!»  
 É os «ilustres» que tinham esguelhado já um olhar guloso para as máquinas — agitavam-se, trocavam sorrisos de falsa modestia, acertam a gravata, juntam-se, agrupam-se, empastelam-se, procurando, contudo, destacar-se; mudam duas ou três vezes de «pose», como actores que estudassem atitudes ao espelho, e acabam sempre por ficar de pernas em compasso e com a expressão de espadachins, desafiando a Eternidade. Entretanto os *reporters* alinham-se à sua frente como um pelotão de fuzilamento; os *kodaks* erguem-se à altura da pupila esquerda; a

# Façanhas e aventuras célebres dos reporteres-fotográficos

lava-se porque o desenhador da casa não aparecia para realizar um *croquis* da catástrofe, que era o único processo de ilustrar uma notícia. Jacob Weyller teve a ideia de fotografar o incêndio — gastando oito chapas para acertar —, visto que não podia exigir às chamas e aos que batalhavam contra elas a «pose» indispensável à ingénua técnica primitiva. *Die Kollonich Zeitung*, que está reproduzindo os melhores «clichés» do primeiro *reporter* fotográfico do mundo, ou seja uma selecção entre as 5.000 reportagens fotográficas que Weyller realizou de 1857 a 1872, diz que o director da gazeta hesitou em aproveitar o «cliché» fotográfico do incêndio, levando muitos anos, depois desta experiência, para se decidir na substituição do «croquis-desenho» pela fotografia. Mas a reportagem fotográfica só conquistou definitivamente o jornalismo e o mundo — durante a guerra de 70, em que Weyller, já então considerado *jornalista*, arriscou, vezes sem conto, a vida para fixar gráficamente os episódios mais emocionantes do conflito. Portugal, como em todos os progressos, só muito tarde aceitou a reportagem fotográfica. A revista *O Ocidente*, a *Matã da Europa* (onde se estreou um dos maiores *reporters* fotográficos nacionais e o primeiro a fazer da arte profissão — e a dignificá-la —, o «velho» Bonoliel), e, sobretudo, *O Século* — graças ainda a Bonoliel — foram os órgãos da imprensa portuguesa que iniciaram e desenvolveram o jornalismo fotográfico.

O público tem, de um modo geral, a injusta impressão de que o fotógrafo dos jornais não é jornalista, mas sim um opeário boémio encarregado, pelas gazetas, de retratar pessoas «ilustres» que desembarcam ou os banquetes de homenagem, petiscando nos «copos de água», saboreando uma vidinha regalada, sem suor, sem perigos ou angústias, sem iniciativa, sem a menor mentalidade. Que enorme e calunioso equívoco! Se existem *reporters* que se esfaísem, que se arrisquem e a quem se exija audácia, inteligência e conhecimento técnico e jornalístico — são os fotógrafos! Não quero agora falar dos nossos — que muito há a contar a seu respeito. Evocarei apenas os dos grandes diários de Paris, Londres, Berlim... Não têm horas de comer, nem de dormir, porque o magnésio não lhes permite sequer o repouso da noite. Chegam à redacção, e logo os expõem para o extremo da cidade, onde se cometeu um crime tenebroso; para o extremo da província, onde estourou uma greve sangrenta ou onde se vai guilhotinar o «facinora da moda»; ou para um país do extremo da Europa (os passaportes devem estar sempre passados) que declarou guerra a um reino vizinho ou que a política pôs em foco. E sempre a correr, sob a ameaça de chegar tarde, pulando para os «taxis», para os combóios, trepando às árvores, às capotas dos «autos» ou esticando-se ao comprido para, sob o fogo, surpreender uma batalha ou uma barricada revolucionária. Um exemplo bem simbólico do que é a vida emocionante e esgotante dum *reporter* fotográfico está nas confidências que me fez o famoso Rambert — o mais popular dos *reporters* fotográficos franceses, ilustrador do *Matin*, da *Illustration*, dos maiores jornais da França, da Europa, do mundo...

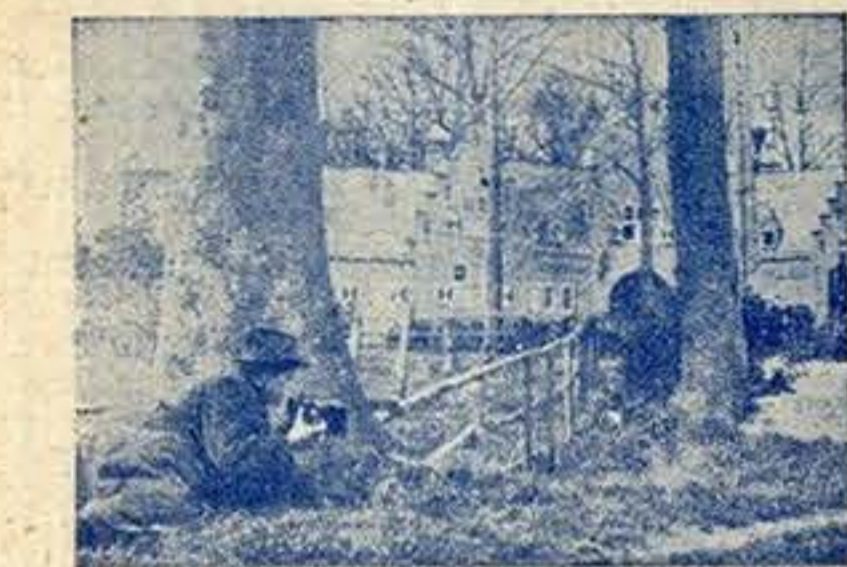
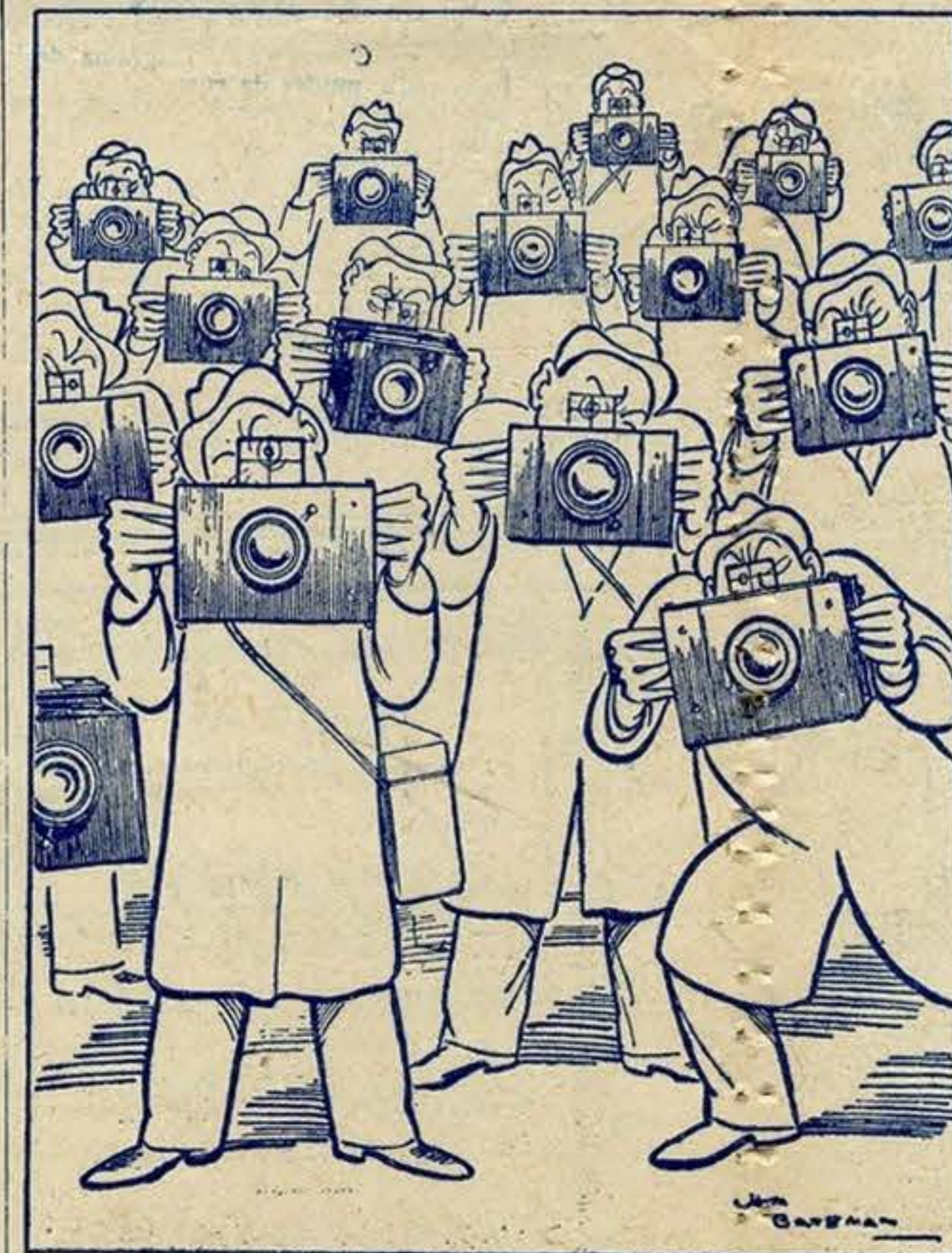
## A VIDA DE UM «REPORTER»

O dia primeiro de Maio de 1929 foi tumultuoso, ensanguentado de tragédias de rua, em Paris.

DA PRIMEIRA FOTOGRAFIA JORNALÍSTICA (O INCÊNDIO DA ÓPERA DE BERLIM, EM 1857) — A MAIS RECENTE PROEZA FOTO GRÁFICA (COMO «REPORTER X» CONSEGUE FOTOGRAFAR UM «CAFTEN», SEM ÊLE DAR POR ISSO) — JACOB WEYLLER, O INICIADOR DA REPORTAGEM GRÁFICA — A VIDA ESFALFANTE DOS JORNALISTAS DOS GRANDES DIÁRIOS — UM 1.º DE MAIO EM PARIS — A CASACA E O FATO DE MACACO — A MISTERIOSA OMISSE DA ÚNICA FOTOGRAFIA SOBRE A TRAGÉDIA DO TERREIRO DO PAÇO, DE 1908 — «A TERCEIRA PERSONAGEM» — JAPONÊSES E MEXICANOS — CHAMBERLAIN BURLADO POR UM CUNHADO DE MIMI AGUGLIA — DE BENOLIEL, PAI, O REI DOS FOTÓGRAFOS E O FOTÓGRAFO DOS REIS, A BENOLIEL, FILHO, E A SERODIO.

Estava eu dirigindo os serviços da Agência Americana — e não podia perder aquela reportagem. Na Praça da República, onde estava instalada a C. G. T. e onde as multidões rebeldes se entrecrocavam — a polícia, com aquele respeito que em todos os países civilizados as autoridades acolhem os jornalistas em cumprimento do seu dever, examinando o meu *coupe-file de reporter*, custodiou-me até a um passeio que servia de tribuna e de quartel general a algumas dezenas de profissionais da informação — redactores, *reporters*, fotógrafos e até operadores cinematográficos. Rambert estava presente com o *kodak* em riste, realizando contínuos e audaciosos *raids* à praça para surpreender as cenas mais flagrantes da balbúrdia revolucionária;

e regressando logo ao grupo, circunvagando a vista pelo espectáculo, à busca de novo episódio digno dos seus «clichés», sempre sensacionais. Foi nessa tarde que Rambert, contando-me, entre dois «clichés», o que tinham sido os seus últimos dias, me deu a noção... quasi fotográfica do que é a vida dum *reporter* fotográfico de *grand style*: — «Há duas semanas que não vou a casa... No dia 16, chegada de delegações, às 10 horas, seguida de mil pequenos serviços, que me fizeram calcurrear Paris de ponta a ponta. Às seis horas, chamada urgente ao chefe e ordem para pegar nas malas, que tenho sempre na redacção, e partir, *en vitesse*, para Hamburgo, porque os *spartakistas* tinham organizado nova revolta. Os *spartakistas* não me deram licença de repousar durante dez dias. Quando antegozava já o regresso, telegrama de Paris para mudar de rumo: o presidente Epitácio, do Brasil, recentemente eleito, estava em Bruxelas e ia para Londres... Eis-me na piugada de S. Ex.ª, da Bélgica à Inglaterra, visitas oficiais, Suas Majestades, Suas Altezas, ministros, *lords*, fraque obrigatório todas as tardes por causa dos *fives* e dos *Portos de honra*; casaca ou *smoking*, à noite, nas recepções, nos banquetes — fotografados com magnésio. Cheguei ante-ontem, às 14; às 15 mandaram-me para Passy comissionado dum serviço grave: havia suspeitas sobre certa dama que visitava, misteriosamente, certo *chalet* daquele subúrbio, há muito tempo desabitado e que pertencera à famosa espia Mata-Hari; era preciso, pois, que eu a surpreendesse com o *kodak*, em flagrante, à saída de casa. Lá fui; ocultei-me, de *kodak* engatilhado, e lá consegui fuzilar, fotográfica e moralmente, a dama suspeita. Logo a seguir, vesti um *smocking* para, no baile da legação Z..., a pretexto de satisfazer vaidades — surpreender ridículos; «a discutida guloseima da condessa A...; as dengueiras do velho embaixador B... e o sorriso indiscreto do ministro C... Sai às 4 — mas telefonaram-me às 5 para acompanhar Mr. de Paris — o ilustre carasco — que embarcava às 6 para ir trar uma cabeça, sem dor, a um ilustre facinora da província; na volta — às 11 na noite — morte do general Vaidclain — toda a noite a retratar, com magnésio, o movimento de condolências do governo e a viúva. Às 11 da manhã de hoje — entro na redacção, avisam-me dos acontecimentos inevitáveis de 1.º de



Como foi surpreendido o kaiser no seu exílio...

pálpebra direita desce, no esforço da pontaria; os disparadores tic-taqueiam; os fotógrafos deschapam-se; os fotografados levam dois dedos à aba do chapéu e abalam, lentamente, ansiosos pela manhã seguinte, para se narcisarem na gravura do jornal...

... Se a reportagem é a mais viva expressão do jornalismo moderno, a fotografia é a mais viva fórmula da reportagem. A palavra traduz, a imagem, sobretudo a fotográfica, reproduz. E, contudo, a reportagem fotográfica, que é, há muito imprescindível no jornalismo, criando-se até *diários exclusivamente gráficos*, como o *Daily Mirror*, de Londres, só muitos anos depois da descoberta da fotografia se aliou à imprensa.



Quilhões de Leon, embaixador de Espanha em Paris, fugindo à objectiva

Maio, atiro-me para cima dum *maple* onde durmo duas horas e donde me despertam — para



Como uma objectiva apanhou uma dama momentos antes de começar um banquete

vir para aqui... E não creio que seja ainda hoje que eu vá ver o família...

## JAMES KING E A TRAGÉDIA DO TERREIRO DO PAÇO

Os espinhos — e as rosas; e as emoções — da reportagem fotográfica não estão apenas nestas lufufas, neste fregolismo de vestir e despir casacas e fatos de ganga... Precisamente porque a «foto» jornalística é a melhor documentação histórica da nossa época, o *reporter* fotográfico aspira à glória das «fotos» mais difíceis, numa ânsia que tem custado a vida a muitos (só a Grande Guerra ceifou-os às dezenas...). Quando foi a tragédia do Terreiro do Paço, em 1908, estavam presentes dois fotógrafos: Benoliel, que tirou a chegada dos reis e que se distanciou do local do atentado, e o *reporter* inglês James King, que viera a Lisboa para entrevistar D. Carlos em nome do *Daily Mirror*. Estava King na esquina da Rua do Ouro quando estrelou o primeiro tiro. Numa corrida louca, as balas a zumbirem-lhe aos ouvidos, as espadas a relampaguearem, a multidão atropelando-o na epilepsia do pânico, avançou para a carruagem — no momento em que o cocheiro, fustigando às cegas os cavalos, os atirava para o ângulo do Arsenal. Indiferente a tudo e a todos, o *reporter* consegue ooter o quadro gran-guignolesco do atentado, o Buça, já ferido de morte, em *plungeon* pela queda — mais reconhecível; o Costa, ainda de pé mas já em defesa contra o assalto das pistolas que não tardam em abatê-lo; e uma *terceira personagem*, civil, bem trajada e livre, a meio da praça, apontando um revólver à carruagem real, que foge... O rosto desta terceira personagem está indecifrável, mas a silhueta é bastante nítida. Um compatriota de Mr. King, em casa de quem ele revelou a chapa, contou aos amigos o segredo do *reporter*, e Silva Graça, pai, a cujos ouvidos chega a notícia, envia alguém à procura de King para ele permitir a reprodução do «cliché» no *Século* — mas já King partira para Londres. Na iconografia da tragédia — que a *Ilustração* organizou — nunca apareceu essa «foto». Mais tarde o detective italiano encarregado do inquérito aos bastidores do atentado escreve ao *Daily Mirror* pedindo-lhe uma prova do «cliché» sensacional (por causa da... terceira personagem) — mas o jornal londrino responde

que não publicou nem recebeu essa «foto» que King lhe anunciara — visto que o seu *reporter* foi vítima dum acidente, em viagem — morrendo num hospital de Paris, e que no espólio não se encontrara o «cliché». Rodam vinte anos, e uma tarde, há pouco tempo, escolhendo revistas estrangeiras na *Tabacaria do Chave de Ouro*, vejo numa revista polaca a «foto» da tragédia do Terreiro do Paço feita por King — mas com a *terceira personagem* simplesmente *ratée* pelo retoque... Que mistério oculta tudo isto? Como foi parar esta fotografia a Varsovia? Seja como for, prova-se que as perigos que ameaçam os *reporters* fotográficos não se limitam ao momento de operarem sob o fogo duma batalha...

## PROFESSOR JAPONÊS, PRECISA-SE

Os alemães, querendo impedir que a América viesse guerrrear-los à Europa, usaram dum *truc* audacioso. Conhecendo o ódio intuitivo de mexicanos e japoneses aos americanos, conseguem manobrá-los e aceitam um projecto de aliança, fazendo com que tropas nipónicas desembarcassem no México e que, unidas às tropas mexicanas (fortalecidas estas pelo armamento alemão e instruídas pelos seus oficiais que vinham da Alemanha em submarino), atacassem, em conjunto, os Estados Unidos. E assim desviavam para o México os ardores bélicos dos *yankees*. Inglaterra intercepta a correspondência da conjura e denuncia-a a Washington. Mas, sob a influência da corrente germanófila, a América não só não acredita na denúncia como esfria as suas tendências aliadófilas, tomando o aviso por uma habilidade grosseira. Contudo só desembarcaram no México, em grande segredo, oficiais alemães — e um pequeno contingente japonês. E' então que intervém no assunto um *reporter* da *Chicago Star* — órgão angéfilo.

(Continua na pág. 22)



O velho Benoliel, o rei dos fotógrafos e fotógrafo dos reis



# TEATRO



O que vai ser a secção teatral do «Reporter X»

QUANDO fiz retinir as campainhas do «Reporter X», anunciando a saída, houve quem me perguntasse; «O vosso jornal é do género do «Detective»? Do Post Courier? Do «Tib-Bits»? E até à véspera de me desfrainar na realização da gazeta, coçava, embaraçado, a grenha emaranhada e respondia... «O «Reporter X»... vai ser... um jornal do género... sim... do género «Reporter X». E, sinceramente, não podia nem sabia esclarecê-los de outro modo. O jornal existia dentro de mim, e era tão firme êsse convencimento, como se possuísse guardado numa gaveta, ao alcance da mão direita, todo o plano gozado até à minúcia. Mais tarde, em plena à la charge, no bulício e no fragor da Batalha, vezes sem conto senti o braço enlaçado e escutei uma voz cochi char-me ao ouvido: «Porque não crias uma secção financeira? Seria um êxito!» ou então: «Porque não dedicas uma página aos interesses da classe dos guarda-nocturnos? Venderias o dôbro». Ou ainda — e esta com invulgar insistência: «Porque não tratas de «Teatros e Cinêmas»? E' um assunto que interessa a uma fauna numerosa e que tem leitores até nos que não frequentam espectáculos».

De todas estas maçãs, com que a «Eva-Conselheiro-Acácio» tentava repetir comigo a oleografia bíblica do «Paraíso Perdido», a única que me fazia aguar... a minha caneta, era a última. Mas durante dezasseis meses de vida hesitei sempre, num respeito ortodoxo ao plano básico do meu jornal. E' que o «Reporter X» não é um jornal estático, de corpo alicerçado no solo de uma ideia fixa, quadriculado, dogmático. E' um farol cujo leque luminoso gira, ininterruptamente, ora veloz, ora lento, ora inquieto, ora tranqüilo, conforme o interesse da matéria que a sua luz desventra das trevas. E por isso não teve nunca secções. A sua única secção é a vida, são os acontecimentos, é o que os seus reporteres descobrem, é a política ou a finança, é o crime ou a literatura, é o sector onde o alçapão mágico do Acaso disparar o Metistofeles de uma reportagem sensacional. Mas, de facto, o «sector-teatros» há muito que nos tenta,

como uma fonte de água cristalina e puríssima cujo gargalo secasse por obstrução e deixasse, sob a ameaça fatal e cruel da sede, uma povoação inteira. Dai a quebra do dogma, iniciando, a partir do próximo número, não uma *secção teatral*, mas uma grande reportagem de teatro, com *suíte au prochain número*, e que durará, enquanto durarem as causas que a motivam.

«Querida eu, em ritmo com o carácter do semanário, tratar da matéria de forma inédita e moderna. Recordam-se daquele Nozières, o *raisonneur* das «Marionettes» de Pierre Wolff? Ele anuncia, no segundo acto, uma comédia de grande originalidade, *algo de novo, de inédito, de moderno*, que deve pasmar a elite intelectual, que é uma reacção revolucionária contra o lugar-comum, e que acaba de escrever para uma festa mundana de S. Germain... «E que personagens entram na sua comédia?» — Quer saber outra personagem? «Só três: o meúdo, a mulher e o amante!» A nossa secção teatral pretende também *fulminar* pela *originalidade e inéditismo*, como uma teoria de Einstein jornalística ou um invento de Edison aplicada ao teatro. E assim como a comédia de Nozière se compunha... de marido, mulher e amante, como todas as comédias, a nossa secção teatral, como todas as secções, divide-se em... crítica, comentário, informação... e alguns rádios, sem fios, mas com retroz o mais preto possível... Mas o que o «Reporter X» garante é que a crítica, o comentário, a informação e os rádios não serão feitos *à papel quimico*; que a bíblica moral que rege esta gazeta não abre excepções nes referências a teatro, — arda a quem arder — que o que arde cura e o nosso teatro atrofia-se, numa ameaça de morte, só porque o jornalismo teatral o maquilna com o carmim da ilusão, imbedindo que êle se trate e salve... Nem ódios, nem simpatias; nem repulhas nem lisonjas, na crítica, no comentário e na radiotelegrafia dos bastidores. Quanto à informação, procuraremos que ela mereça a categoria de reportagem, não só no interesse que oferece ao público e aos profissionais, como na impostação das lições que os grandes meios nos proporcionem... As grandes *premières*, as notícias que tenham um significado prático, os assuntos das obras, as *novidades*, as confidências de artistas, autores, empregários, *meteurs-en-scène*, todo o movimento dos tabladros de Paris, Londres, Berlim, Viena, Roma, New-York desfilarão pela rubrica de *Informações* — aparte os *on-dit* das nossas ribaltas... E assim, procurando informar, reformando; e corrigir, criticando; e julgar, dentro da mais química pureza, faremos, com *marido, mulher e amante* uma peça jornalística, inédita, original moderna.

«NÓS TODOS»

## À porta da caixa

**Embaixada teatral** Um nobre capitalista, que deu provas de

coragem financeira numa temporada de revista em que perdeu apenas centenas de contos (só?), procura dar realidade a um velho sonho do nosso teatro: a organização de uma elite de artistas «azes» e de um repertório de obras primas

nacionais para dar uma série de espectáculos em Madrid, Barcelona, Paris, Bruxelas, Berlim, Roma, etc.. Sabemos que o projecto reúne quinze estrélas dos dois sexos; que as *démarches* com o estrangeiro atingiram já Bucarest onde o teatro do Elyseo está disposto a abrir-nos as portas; que o *raid* durará quatro meses; que as dificuldades do idioma serão vencidas pelos mesmos processos que as companhias italianas, argentinas, dinamarquezas, românicas e espanholas usam quando vão trabalhar a países de idioma diferente; que foram escolhidas dōze obras, mas



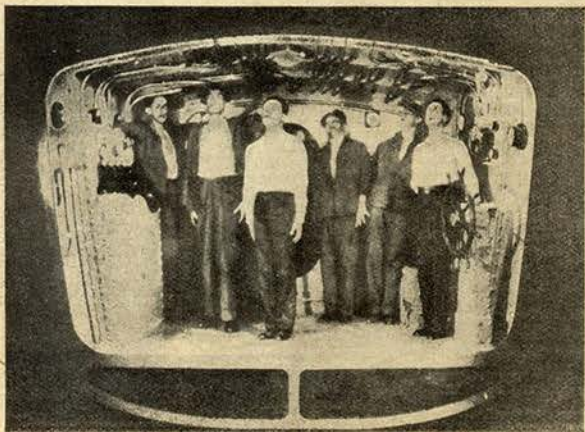
Um final de acto duma peça francesa

que esta embaixada, admirável a todos os títulos, só encontra duas resistências: a dos «casais» (as «vedettas» aliadas a mediocridades masculinas impõem-nos intransigentemente) e a dos papéis: nenhum dos «astros» abdica do seu trôno para, em certos conjuntos, aceitarem papéis *inferiores*... E' pena que o plano malogre — visto que tirando o Brasil, só uma vez os nossos artistas foram ao estrangeiro (a Lucinda Simões; que levou, há muitos anos, a sua *troupe* a Madrid).

**Uma nova «troupe»** Fala-se em uma nova organização com Sales Ribeiro, com elementos diferentes dos que o acompanham agora no Avenida, entrando no elenco quasi todos os principais artistas do género de duas companhias actualmente em *tourneé* pela provincia e destinada a um teatro que não é o Avenida.

**Uma peça cosmopolita** Um amigo nosso muito viajado, que assistiu à recente *première* duma opereta, ao ler no programa os nomes dos autores, sorriu-se e disse-nos: «Essa obra e parte da música é hungara e foi levada à Argentina pela companhia alemã Rosenguer. Pouco depois representava-se em castelhano, em Montevideo (Uruguay), como obra argentina. Mais tarde vi-a no Rio do Janeiro, como obra uruguaya. Aqui venho encontrá-la brasileira e adaptada por portugueses. Se os autores da Hungria a vissem eram capazes de não a reconhecer... e ir adaptá-la para hungaro.»

**Alves da Cunha** Alves da Cunha é um actor que em nenhum teatro nababo de glórias perdia a categoria que positivamente conquistou na pobreza franciscana do nosso teatro. A elite dourada foi minguando aos poucos até desaparecer por completo. Existem alguns artistas de indiscutível valor. Substitutos daqueles só a saudade — e Alves da Cunha, após muitos meses de... não ter trabalho atirou uma rajada do seu talento para o palco das revistas. Alves da Cunha não desceu por êsse facto, porque levantou a revista até a si. Mas... apesar de tudo, que alegria vê-lo regressar ao gé-



O cenário modernista duma cena de guerra em representação na Alemanha

**nero sério.** D. João IV do «Bragança», que subiu à cena no Politeama, não é um papel que ele incarnou, é uma *reincarnação* desse velho que iniciou a última dinastia e que a história só pode absolver por ter dado pretexto a mais uma obra histrionica de Alves da Cunha.

**Qual é a coisa** No intervalo da segunda sessão dum teatro de revista **qual é ela...** deu-se, há poucas noites, uma tragédia de camarins, em que duas *vedettes*, ex-amigas íntimas, se aganharão e chelcaram. Uns dizem que o fósforo que incendiou aquela desordem foi uma ciumeira de cartaz... Outros afirmam que se trata de outra espécie de rivalidade. Branco é ele, mas não se sabe qual é a galinha que o põe...

**Peças biograficas** O género de teatro biográfico trazendo para as ribaltas figuras contemporaneas está resgatando, em toda a parte, o teatro ameaçado pela crise universal. O «Atelier» de Paris anuncia um drama intitulado «Clémence»; o «Playtouse» de Londres, outro do mesmo género, «Uma aventura do Cap-Leurence»; e o «Thanuser» de Leipzig, apoz o êxito de «Dreyfus», ensaia «M.me Caillaux», baseado na morte de Calmette, procurando inúteis reclamações da França. Em Lisboa deve subir à cena, ainda esta época, uma obra também biográfica, mas nacional. Não se diz o título nem o nome do autor, porque é segredo... cá da casa...; mesmo segredo de X...

**Reminiscências...** Ha poucas noites, o autor destas linhas encontrou-se com um velho camarada «desertor» do jornalismo, o revisor Alberto Barbosa, e ambos recordaram o seguinte episódio: Em 1918, estreava-se uma revista daquele escritor no Apolo e, no caminho para o teatro, Alberto Barboza confidenciou-nos: «Tenho medo que não pegue... O 1.º acto está bom... O 2.º fraqueja... Eu sinto-me esgotado, vazio, *espremido*... Quando terminei o primeiro acto confesso que desanimei, não me sentindo capaz de continuar. Agora é que se acabou... Já não tenho mais ideias!» Foi ha treze anos, e aquela era a quarta ou sexta revista que elle escrevia. Depois dessas — quantas dezenas de outras revistas não produziu o sr. Alberto Barboza?

## Confidências de «V. 12», o espião português

(Continuação da pag. 16)

Kensington n.º 85, «The Tobigs Pen.», não me esqueci ainda. Mandará o meu taxi seguir o de M.me Homero; e ao vê-la apear-se, esperei um pouco para não dar nas vistas. Minutos depois encontrei também e encontrei-a ainda no patamar, a parlamentar com a gerente da pensão. Subi antes de mim e, nesse momento, notei um segundo companheiro de viagem de Paris a Londres, que igualmente viera hospedar-se naquela pensão. Extranei... O individuo em questão era um sujeito de 50 anos robustos, inglezado à antiga, patilhas grisalhas e bigode rapado, tipo de mordomo de lord, em dia de passeio. Aproximei-me para subir ao mesmo tempo do que ela, mas, quando do primeiro patamar espreeitei para o segundo, já elle lá estava e ela... também. Seria ilusão minha? Não era. O gesto de M.me Homero, pelo contrário, revelava inexperiencia na sua imprudencia, posto que devia escutar os meus passos. M.me Homero, sem uma palavra, sem um olhar, passara para a mão do velho das patilhas... uma luva! Ao vê-me aparecer, fitou, pestanejou, numa expressão de tal terror (ela, que se mantivera tão calma em todos os transe) que me obrigou a pensar... que o meu olhar revelava o que eu vira! Estava com a

mão no fecho da porta, quando uma criada a abriu bruscamente. Tanto bastou para ela soltar um gritinho de susto e cambalear, como se se tivesse magoado ou perido o equilibrio. Correram os dois a ampara-la, eu e o velho. Ela sorriu-se, mui pálda, e murmurou: *Merçi, monsieur.*

A falta de prudencia e a pieguice dela — nada em harmonia com o seu passado; e até o seu *merçi* (ela falara um inglês correctissimo to-la a viagem; eu estivera sempre mudo; como sabia M.me Homero que eu não era inglês?) — obrigara-me a reflectir. Se o documento vinha na luva (a ideia era magnífica) e se o cúmplice viera a Paris — porque o trouxera ela e não elle ou porque não lho passára ha mais tempo? Se ela conseguira sair da França sã e salva, porque se desfazia agora do documento e não o levava pessoalmente? Havia quasi três anos que eu florescera o meu espirito nestes assuntos e a experiencia punha a badalar todas as minias sinetas de alarme! E para cúmulo, ao procurar correspondencia na Posta Restante encontro o seguinte telegrama: «*Seu romance entra na máquina no dia 28. Caso tenha original mande até dia 27, contrário não entra.*» Urge, pois, arrancar o documento antes que elle chegue ao inimigo, e o inimigo deve esperá-lo com equal urgencia, visto que o seu aproveitamento era para o dia 28.

R. X.

(Continua)

NO PRÓXIMO NÚMERO: Como «V. 12» salva da morte 5000 porfuzeses.

## As excentricidades célebres dos escritores e artistas

(Continuação da pag. 12)

Que Baudelaire pintou os cabelos de verde! Foi para chamar a atenção? Que Dumas Pai, que tinha todos os vícios e virtudes do génio (não discuto o grau do seu valor) mourejava como um negro para poder viver uns meses num cast. lo histórico. Era por vaidade? Se elle nem sequer revelava esse segredo aos amigos! Que Eça de Queiroz e Abel Botelho gostavam de escrever vestidos com cambaias orientais! Que Loti compôs as suas páginas mais apreciadas trajando como um Samurai, como um Spahi ou como um mussulmano — conforme o local da obra — o Japão, Marrocos ou a Turquia! Para que os vissem? Se elles o faziam à porta fechada!

Temos, na nova geração, o nipónico Frijita, cujas drabrics íntimas galopam os fios telegraficos e se espalham pela imprensa mundial, como novidades sensacionais. Lê de cabeça para baixo e as pernas suspensas no ar, como um voador de circo; dorme enroscado numa esteira, como se fosse picado e a esteira croquette; podendo cercar-se de dezenas de serviçais, como Mac-Hilton, só os admite no lar, — mas no *atelier*, onde passa 4/5 da vida, substitue-os por manequins; sendo um fêmeiro terrível usa o cabelo franjado sobre a testa como qualquer... Lya di Patti, o que se prestava a *calembourgs* caluniosos; é elle próprio que cose a sua roupa, tão excentrica como elle, numa *Singer* que comprou para esse fim...

Mas nenhum dos citados leva a palma ao espanhol Ramon Gomez de la Serna.

Já não falo do seu livro *Lenos*, 300 páginas; 600 capitulos, cada um dedicado a um seio feminino, diverso; não evoco a sua *psicose* — que o é — pelo circo, que o levou a fazer conferencias empoeirado num trapezio ou entronizado sobre um elefante, a meio da pista do Coliseu Americano de Madrid. Refiro-me às suas excentricidades íntimas, Trabalhador fecundo — repito — honrou épocas em que elle colaborava simultaneamente nos principais diários, revistas, magazines de todos os géneros da Espanha, América espanhola, França, Italia, Alemanha, etc; que desenhava as illustrações dos seus artigos; que publicava todos os meses novelas, romances, livros de ensaios, de contos,

etc.; dava todas as épocas várias conferencias e fazia representar diversas peças, a um tal exagoramento que o «Bom Humor», jornal festivo, que, ao publicar-se, contratou o exclusivo de artigos humoristicos de alguns escritores, anunciou com grande publicidade que o seu mais sensacional triumpho era o ter conseguido de Ramon Gomez de la Serna o exclusivo de não escrever para lá: «Sómos o único jornal do mundo em que Ramon não colabora! E' este o nosso maior êxito!» — dizia-se no artigo de fundo do mesmo número!

Levanta-se às 8 horas da manhã e entra logo no seu enorme gabinete. As paredes estão forradas de decorações raras: estrélas douradas de altar, grinaldas de papel dos arraias, etc.. Abundam os manequins, entre elles *su esposa*, uma boneca de cera que nunca se zanga com elle por vir tarde, que não lhe pede dinheiro para *toilettes* e a quem elle lê algumas das suas obras; aquários com peixes de... celuloide; uma chaminé que caiu dum telhado quando elle ia a passar (desde então intitulava-se presidente da Cruz Vermelha das chaminés); chaves velhas, pedaços de chumbo, placas enegrecidas de fogão (elle é presidente da Sociedade Protectora dos Metais Invalidos) etc.. As suas mesas de trabalho — são mesas de carpinteiro — longas e variadas. Marginam-nas dezenas de cadeiras; frente a cada cadeira, há uma caneta de tinta permanente e um masso de papel. São obras começadas. Elle vai mudando de cadeira, interrompendo este romance para continuar a crónica do lado, até dar a volta às mesas e tomar ao ponto de partida. Escreve a tinta vermelha e a cor do papel varia conforme o género de prosa (e nisso emita Dumas pai): papel amarelo, é para romances; azul para artigos; verde para comédias, etc.. Sobre uma prateleira enfileiram-se vários boiões rotulados com várias etiquetas: «Graça», «Vontade de Trabalho», «Finais de Capitulo», etc.. Os boiões estão vazios, o que não o impede de, antes de começar a faina, destapar o que diz «Ideias», mergulhando nelle a mão como buscando algo, e esfregar a seguir a frente! Ao meio dia, tem na pequena máquina combinada com o relógio que guinche um apito como nas fábricas, e elle suspende o trabalho. Certas vezes é o próprio Ramon que prepara o almoço a uma lampada de álcool. Depois lê jornais, remexe no seu bric-à-brac composto dos objectos mais inesperadas (uma das suas colecções é a de... caixotes de lixo de todas as capitais da Europa e America! Idem de... certo utensilio nocturno e íntimo da alcova, etc.). E recomeça a faina às 14 horas, só se levantando para jantar com Carmen de Burgos, illustre senhora que podia ser sua mãe e que é — outra excentricidade — sua companheira. Depois do jantar, não saindo, que é o habitual, ouve um pouco de Rádio ou um velhissimo fonógrafo dos primitivos, e depois, acendendo um candeeiro de rua que está no centro do gabinete, volta ao trabalho. Todos os sábados reúne e prende, no «Café Pombo», os seus amigos, os seus discipulos, todos os escritores e artistas, excentricos, notáveis ou boémios da provincia ou do estrangeiro, de passagem por Madrid. «El Pombo» era um café que Goya frequentava e que, há quasi um século, foi perdendo caracter e clientela. Ramon conservou-o tal como era no tempo do pintor das «Majas» e todos os anos publica um volumoso livro em que dedica um capitulo a cada pessoa que o visita e a cada conversa que se cruzou durante 52 sábados, em «El Pombo».

No dia em que tirassem a Ramon a boneca de cera, a banca de carpinteiro e o copo «kolossal» que elle tem, em exposição, numa *vitrine*, no «Pombo», com o dístico «La copa por donde Ramon bebe los sábados y destinada al Museu del Prado en el siglo xxx», Ramon não escrevia mais uma linha, Ramon não era Ramon, Ramon morria! E o escritor ou artista que não tenha uma *ramonice* que lhe atire a primeira pedra...

REPORTER X

O Reporter X vende-se em todas as tabacarias.

# Façanhas e aventuras célebres dos repórteres-fotográficos

(Continuação da pág. 19)

Parte para o México e anuncia, pedindo um professor de japonês. Respondem-lhe dois — e ele, contratando-os a ambos, começa por conquistar-lhes a confiança, e a vigiá-los. O seu raciocínio é que, se existem tropas japonesas no México, elas necessitam de intérpretes que falem os dois idiomas: o nipónico e o castelhano — e estes só podem ser recrutados na colónia japonesa. Ora a colónia japonesa do México compunha-se exclusivamente de comerciantes, artistas e operários. Os únicos que estavam nas condições, pela categoria, pela discreção e pela profissão eram... os dois professores. Notando, ao cabo de algum tempo, que um dos dois professores se ausenta a miúdo da cidade — resolve segui-lo — vendo-o, por fim, entrar num antigo convento de S. Germano, há muito abandonado, e que se ergue no alto duma colina, próximo duma praia de pescadores, a 20 quilómetros da capital. Trepando às árvores que cercam a quinta vedada do convento, surpreende oficiais japoneses, mexicanos e alemães em fraternal convívio com o embaixador da Alemanha no México. O seu *kodak* «sorve» o quadro — que é a prova que Inglaterra necessita. E graças a essa fotografia da *Chicago Star* — a América mudou definitivamente a sua atitude ante a política europeia...

## PROEZAS DOS NOSSOS REPORTERES

Se Benoliel, pai, publicasse um dia as suas memórias, muitos pontos escuros da história nacional dos últimos anos seriam revelados, e de forma a surpreender-nos: todos. Chamaram-lhe já o «rei dos fotografos» e o «fotografo dos reis». De facto, é tão depressa se guindava a um banco do Rossio para fotografar um *corp-à-corp* revolucionário; se infiltrava numa taberna suspeita para surpreender um assassino fugido, como envergava a casaca e era bem acolhido nos palácios reais. Quando foi das viagens diplomáticas de D. Carlos e de D. Manuel a vários países da Europa, fez-se notar lisongeiamente pelo presidente Loubet, pelo rei Eduardo VII, pelo próprio Kaiser. Afonso XIII que é fotografado *malgré lui* várias vezes que o surpreendeu, em jovial ciúdiago, com D. Manuel, passeando os dois sózinhos na ala de

um bosque, nunca o esqueceu. Pouco antes da abdicação, vinha Benoliel de umas terras francesas e cruzando-se com o rei de Espanha, de regresso de Bordéus, saudou-o a distância. Afonso XIII relanceou a vista; reconhece-o, acerca-se-lhe abraça-o e, depois de o observar um pouco, exclama: «*Deja m. ver. Benoliel... Usted tiene un cambio... Ja... Es el ventre, Hombre! Que ventre! Y las gafas*» Um dos primeiros êxitos jornalísticos de Benoliel foi obtido ocultando-se ele toda uma noite no vão de uma janela para, entre as dobras dum reposteiro, fotografar certo encontro político. Uma das páginas mais curiosas da nossa política — a celebre sessão parlamentar da Mitra — ficava sem documentação gráfica, se não tísse a argúcia de Benoliel. E daquele duelo de Afonso Costa, — à volta do qual se hzera o máximo sigilo — e que é fixa no seu *cliché* graças a uma comunicação telefónica em que teve de imitar uma voz feminina?...

Outro reporter português digno dêsse nome é, sem dúvida, Garcez. Não me referindo já à sua admirável, e por vezes heróica, colecção de fotos da guerra, basta o instantâneo do assassinato do chefe Barbosa, no 14 de Maio, para o categorizar entre os mais notáveis. Injusto seria olvidar os nossos reporteres, os de «Reporter X», a quem devemos os nossos melhores êxitos. Benoliel filho... — e filho de peixe — e Seródio não se poupam a perigos nem a fadigas quando a reportagem assim o exige. Uma vez, no auge da campanha contra a escravatura branca, um redactor nosso, sob o disfarce de inimigo do «Reporter X», consegue ganhar a confiança dum *casten* e arrancar-lhe alguns segredos de alto valor; mas para que não houvesse dúvidas sobre a procedência dessas revelações, necessitava ser fotografado na companhia do traficante. Como? Seródio oculta-se com o seu *kodak* por detraz de uma janela de rés-do-chão do largo da Bibloteca; e o nosso redactor, a um protexto qualquer arrasta o *casten* até àquella local, colocando-o de forma a enfrentar a objectiva. E assim... se provou a autenticidade da nossa reportagem. Quando procurámos em vão um retrato de Personne e não o obtivemos — Seródio passou um dia inteiro em taxis perseguindo o famoso suco, até o retratar sem êle dar por isso...

E para outra vez, leitor, quando evocares êsses boémios do jornalismo que são os repórteres fotográficos, se um pouco mais justo para os seus méritos, porque é para ti que êles se esfalfam e muitas vezes, arriscam a vida. Ah! Público! Público! Perdôa a franqueza, mas tu és quasi sempre ingrato! Perdôa porque nós também te perdoamos e, como certas mulheres de mórbida sensibilidade, quando mais tu nos bates, mais fiéis e dedicados somos para ti...

REINALDO FERREIRA

**AZEBITE**

**SANTA CRUZ**

**O melhor para mesa**

RUA DO ALMADA, 179-1.º

TELEPHONE 4697 — PORTO



**Contente**

O CALÇADO DE GRANDE LUXO

DESTACARA A SUA ELEGANCIA

## Banco de Portugal

Capital 100.000.000\$00 Fundos de reserva 72.700.000\$00

Sede — Rua do Comércio, 148 — LISBOA

Caixa Filial no Porto

Agências em todas as capitais dos distritos administrativos do Continente e Ilhas dos Açores e Madeira, na Covilhã, Elvas, Extremoz, Figueira da Foz, Guimarães e Lamego. Correspondências privativas em Moura, Olhão, Portimão, Torres Vedras e Vila Rial de Santo António.

**Correspondentes nas principais terras do país e nas mais importantes praças do estrangeiro**

**OPERACÕES** — DESCONTOS, TRANSFERÊNCIAS, EMPRÉSTIMOS CAUCIONADOS, CRÉDITOS EM CONTA CORRENTE, COMPRA E VENDA DE CAMBIAS, CARTAS DE CRÉDITO SOBRE PRAÇAS ESTRANGEIRAS, DEPÓSITOS DE DINHEIRO E VALORES E TODAS AS OPERACÕES QUE PELA NATUREZA ESPECIAL DA SUA INSTITUIÇÃO LHE SÃO PERMITIDAS.

# O grande "cabaret" da Europa

O magnifico «Galo de Ouro» pelo seu ambiente artístico, pelas modalidades especiais de que se reveste, honra uma capital e merece uma visita dos nossos leitores

CONTINUA o *Galo de Ouro*, apesar das campanhas que lhe são feitas, a sua carreira triunfal, sem desvios ou deslustres, embora continue contra esta magnífica casa, que só por si, como temos provado, honra uma cidade, a mais acintosa e interessada das lutas que se manifesta, não lealmente, mas em campanhas surdas e invejosas.

Por mais duma vez temos aqui, já, desafiado a série de razões que justificam a existência do magnifico *cabaret* que sob o ponto de vista artístico, de turismo, de beneficência, etc., é uma necessidade imperativa para uma cidade como Lisboa.

Mas, já o dissemos e nunca será demais repeti-lo, mais factos existem que impõem o *Galo de Ouro* à consideração da cidade.

E' que o *Galo de Ouro* mantém perto de 100 empregados. Nesta época que atravessamos, de agudíssima crise económica, que todos os países atravessam, é um facto que merece ser ponderado e que tem que ser levado em linha de conta sempre que de casas dêste género se trate.

O próprio Estado cobra do *Galo de Ouro* avultadíssimas contribuições e a Assistência Pública, as crianças e os velhos dos asilos, desamparados da sorte e destroços da vida têm daquela casa um dos seus mais avultados auxílios. E assim, ao mesmo tempo que procuram um pouco de alegria e de arte, que noutra local de Lisboa será difficil de conseguir, os frequentadores do *Galo de Ouro* concorrem para aumentar as receitas do Estado, evitam o desemprego duma centena de pessoas e contribuem, de uma maneira eloquente, para auxiliar os asilos e casas de caridade, que bem precisam dêsse auxílio generoso, nesta época de aguda crise.

Por todos êstes motivos se justi-

fica a necessidade da existência do *Galo de Ouro* e de casas semelhantes, se as houvesse, e merecem os nossos louvores os rapazes empreendedores que tomaram sôbre os seus ombros a iniciativa, audaciosa para o nosso meio, de fundar o referido estabelecimento, onde, num ambiente artístico, longe dos cuidados de que é feito o dia da existência humana, se passa uns momentos agradáveis, arriscando em tal empresa os seus capitais, que fâcilmente, noutra qualquer indústria, teriam uma melhor remuneração.

E se acima demonstramos, duma maneira exuberante, a necessidade da existência do *Galo de Ouro* como ponto de concentração — chamemo-lhe assim — dos estrangeiros que nos visitam e procuram o prazer, também temos demonstrado em artigos anteriormente aqui publicados que os que trabalham, os que vivem do seu pão ganho dia a dia honradamente, precisam também dumas horas de prazer que lhes torne mais leve o fardo da existência e que só no *Galo de Ouro* podem encontrar essa situação sem prejuízo moral ou material.

Temos que acentuar, ainda, que Lisboa que prospera e se civiliza, necessita dum local de honestas diversões e, felizmente, entrou na verdade.

Quem trabalha, diverte-se; só não pode divertir-se quem não trabalha o suficiente para poder divertir-se... E em consequência os divertimentos da capital civilizam-se, elevam-se, estilizam-se, em ritmo com a evolução do gosto do público. O *Galo de Ouro*, evocação do mais célebre e original espectáculo que S. Petersburgo dos *tzars* e dos grâ-duques criou — *Le Coq d'Or*, o famoso *dancing* e «Block» de distrações —, é bem um símbolo — um símbolo triunfante, a cuja iniciativa é necessário render homenagem. A mocidade e... os que já a passaram encontram no

*Galo de Ouro* as noites mais suaves, mais alegres, mais *higiénicas*, sob o ponto de vista espiritual, de toda a Lisboa. Os poucos lisboetas ou forasteiros que nunca lá entraram mas que ouvem continuamente citá-lo em todas as conversas julgam talvez exageradas as reminiscências com que os outros o evocam — e não são. Uma noite passada no *Galo de Ouro* é uma noite inolvidável, uma noite que marca, que perdura, que se deseja repetir... Porquê? Porque reúne todas as essências do bem-estar, da alegria, do espectáculo moderno. Luz, viveza, harmonia, bom gosto, arte, ruído sem estrondo, cor sem exagêros berrantes, prazer sem intoxicação — prazer saudável e saboroso. Baila-se... Pelo *parquet* desfilam as mais lindas e sorridentes mulheres da juventude lisboeta... As artistas que trabalham nos seus programas vêm aureoladas pelo renome mundial.

Os amadores de música encontram no *Galo de Ouro* os melhores executantes... E sem darem por isso, todos os que vão premiar-se com umas horas de prazer inofensivo — praticam, nunca é demais repeti-lo, ao mesmo tempo uma boa acção. Da recita do *Galo de Ouro* saem, todos os meses, dezenas de contos destinados à Beneficência. E como para a alquimia dessas noites inigualáveis são necessários setenta e cinco funcionários — os que as gozam, podem, simultaneamente, alegrar-se com a ideia de que colaboram na garantia do pão diário de duzentas e tantas pessoas, correspondentes às famílias dos empregados do *Galo de Ouro*.

Por isso a fama crescente do *Galo de Ouro*, e daí a fama crescente dessa interessante casa de espectáculos que se pode pôr, sem desdouro para nós portugueses, absolutamente a par das suas similares de qualquer grande capital da Europa.

A grande «Batalha do Natal»

# Mais 10 contos em prémios

Tal é a importância que distribuiremos pelos competidores que, nas condições dos «Concursos Kolosso» concorreram à 9.<sup>a</sup> «Batalha Naval» do «Reporter X»

COMO prometeramos — e o Reporter X não costuma, felizmente, faltar aos compromissos que contrae com os seus leitores — vai iniciar-se, com a publicação do presente número, a grande *Batalha do Natal*, a 9.<sup>a</sup> dos *Concursos Kolosso* que têm servido para distribuir pelos nossos milhares de leitores algumas dezenas de contos de réis em prémios magníficos.

Agora, com a *Batalha do Natal*, são mais 10.000\$00 que vamos distribuir. Esta uma forma inédita, pelo menos no nosso país, de interessar os leitores dum grande jornal — e o nosso pela sua tiragem e expansão é o maior entre os semanários portugueses — no interesse material desse jornal. Da forma incontestavelmente honesta como o temos feito, procurando tornar essa forma ao mesmo tempo um útil e agradável passatempo — falamos os milhares de concorrentes que têm acedido à nossa iniciativa, os milhares de cartas que dia a dia nos são enviadas e, ainda mais eloquentemente, os recibos em nosso poder que pelos felizes contemplados nos são entregues em troca da importância respectiva.

Foi correspondendo a esta confiança de tantas ormas testemunhadas e que de tantos lados nos

vem, que a Empresa do «Reporter X» resolveu desta forma oferecer aos seus numerosos leitores, cujo número ultrapassou já a casa dos 50.000, este magnífico peritú do Natal.

Na página seguinte, juntamente com a *folha de combate*, verão os leitores o plano deste concurso, idêntico aos anteriores, adaptado simplesmente ao grande número de prémios e às importâncias que excepcionalmente distribuímos neste concurso do Natal.

Publicamos novamente algumas indicações que os concorrentes devem sempre ter presentes e que é indispensável seguir, pois são elas, por assim dizer, as condições-bases do concurso. São as seguintes:

Non podemos responder individualmente a todas as pessoas que se nos dirigem, pois que isso representaria grande dispêndio de tempo e de dinheiro, e ainda principalmente porque isso se torna desnecessário: tudo quanto os concorrentes dos nossos famosos concursos precisam saber vem no *Reporter X*, bastando somente que leiam com atenção as páginas que ao concurso se referem.

No entanto entendemos dever responder aqui a uma pergunta que insistentemente nos tem sido

feita, dizendo que todo e qualquer leitor do *Reporter X* pode concorrer com mais de uma «folha de combate», aumentando assim as probabilidades da sua vitória.

Todas as pessoas a quem tenham saído prémios, escusam de nos escrever a preguntá-lo, pois serão avisadas pelo correio.

E, para finalizar, uma recomendação fazemos a todos os nossos prezados correspondentes: que nos escrevam em letra bem legível, pois que muita correspondência relativa ao concurso não tem o devido seguimento porque se não compreendem os nomes ou as moradas de quem nos escreve.

Serão eliminados todos os concorrentes que não cumpram as indicações publicadas;

Que marquem os seus tiros em papel diferente da «Folha de combate» que o *Reporter X* publica todas as semanas. Só serve a *Folha do «Reporter X»*;

Que não reclamem o seu prémio um mês depois da publicação da respectiva «Folha de combate».

Cada premiado receberá o prémio em troca da *senha numerada*, do seu *refrato* e do recibo respectivo.

## SEM SE COMBATER NÃO SE PODE VENCER! BATA-SE COMNOSCO!

Todas as sextas-feiras, às 10 horas da manhã, será afixado, em Lisboa, na montra da Tabacaria do «Café Chave de Ouro», no Rossio; na «Havana de Calvário», Largo 20 de Abril, 27-28; «Castela, L.da—Sapataria Chiado», Rua Garrett, 96; na «Havana de Almirante», Rua José Falcão, 41-43; Luiz Vicente Antunes, Avenida Luiz Bivar, 58-60; José dos Santos—Capelista, Calçada da Estrela, 245; Académica Pedro Nunes, Avenida Alvares Cabral, 53; «Tabacaria Ideal», Rua do Livramento, 52; «Havana de Graça», Largo da Graça, 99; no Porto, na casa Manuel da Silva Braga, na Praça da Liberdade, 129, e em Coimbra, na Tabacaria Silva, Rua Ferreira Borges, 41, um envelope KOLOSSO, fechado e lacrado, contendo dentro um rectângulo, como este:

posição horizontal ou vertical e separadas umas das outras, o Reporter X colocará as seguintes unidades da sua *esquadra*:

- 1 navio almirante de 4 canos, que ocupará 4 pequenos quadradinhos seguidos.
- 2 cruzadores de 3 canos, que ocuparão, cada um, 3 pequenos quadradinhos seguidos.
- 3 «destroyers» de 2 canos, que ocuparão, cada um, 2 quadradinhos seguidos.
- 4 submarinos, que ocuparão um pequeno quadrado, cada.

A habilidade de cada concorrente estará em destruir esta *esquadra*, cujas posições se encontram escondidas no envelope, com uma série de *quarenta e cinco tiros*, que marcará (sem tocar as linhas, sem rasuras nem emendas) ao centro de cada pequeno quadradinho.

Os tiros marcam-se com um ponto a tinta na «Folha de combate» que publicamos todas as semanas. Essa «Folha de combate» será preenchida pelo concorrente com o seu nome e morada conforme o impresso indica, e entregue pessoalmente ou pelo correio (e neste último caso acompanhada de um selo de \$25) até às 19 horas da quarta-feira seguinte, na Administração do Reporter X, Rua do Alecrim, 65, 1.º, para os concorrentes de Lisboa, que receberão em troca uma senha numerada. Os concorrentes do Porto e de Coimbra farão a entrega da sua «Folha de combate», respectivamente, na Praça da Liberdade, 129 e Rua Ferreira Borges, 41, até às 17 horas prefixas de quarta-feira, recebendo igualmente em troca uma senha numerada. Os das províncias enviar-nos-ão as suas «Folhas de combate» pelo correio, de forma a chegarem à Rua do Alecrim, 65, 1.º, na quarta-feira seguinte à da publicação de cada folha, acompanhando a remessa com a franquia de \$25 centavos a-fim-de-lhes ser remetida a respectiva senha numerada. Dentro dos prazos estabelecidos, qualquer concorrente nos pode enviar de qualquer ponto do país a sua «Folha de combate», acompanhada da franquia postal, para a nossa administração de Lisboa.

Na semana seguinte os envelopes KOLOSSO afixados em Lisboa, Porto e Coimbra serão abertos à frente do público, patenteando as posições da nossa *esquadra*, e o Reporter X dêsse dia reproduzirá as mesmas posições, por onde os concorrentes verificarão, num relance, até que ponto os seus tiros foram eficazes e destruidores.

E logo ao lado dêsse envelope aberto outro envelope KOLOSSO surgirá fechado e lacrado contendo as posições da *esquadra* para a grande batalha da nova semana que começa.

EXEMPLO:

	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J
1	■									
2	■									
3	■									
4	■									
5	■									
6	■									
7	■									
8	■									
9	■									
10	■									

EXEMPLO

	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J
1	●			●		●			●	●
2		●						●		●
3				●	●			●		●
4		●				●			●	●
5		●		●				●	●	●
6	●	●							●	
7								●	●	
8			●					●		
9	●			●					●	
10	●								●	●

◀ Dentro deste rectângulo oculto no envelope, em

(Ver prémios e «Folha de combate» na pag. 25)

# Folha do 9.º combate Os 10 mil escudos

## CONCURSOS KOLOSSO SEMANAIS

### Batalha naval do REPORTER X 10.000 Esc. de prémios!

de prémios que distribuímos já na próxima sexta-feira serão assim divididos:

#### 1.º PRÉMIO:

2.000 escudos

Cabe ao concorrente que **afundar todas as unidades**. No caso de haver mais de um concorrente nestas condições, será o prémio sorteado entre estes. Após este sorteio, os concorrentes deste grupo a quem não tenha tocado o 1.º prémio receberão **100 escudos**, cada, como prémio de compensação.

#### 2.º PRÉMIO:

1.000 escudos

São entregues aos concorrentes que **maior número de tiros acertarem a seguir ao primeiro premiado**. Desde que haja mais de um concorrente em idênticas condições, proceder-se-á a um sorteio igual ao do primeiro prémio, recebendo os que perderem **uma compensação de 50 escudos**, cada um.

#### 3.º PRÉMIO:

2 de 500 escudos

Serão atribuídos aos concorrentes que, em seguida aos prémios anteriores, consigam maior número de tiros. Em caso de empate será feito sorteio idêntico aos outros prémios, recebendo os que perderem o **prémio de compensação de 20 escudos**.

#### 4.º PRÉMIO:

20 de 100\$00

Aos concorrentes que em ordem decrescente acertarem mais tiros. Os prémios de compensação em caso de empate e após o já referido sorteio serão de **10 escudos** para cada um.

#### 5.º PRÉMIO:

50 de 50\$00

Aos concorrentes que em ordem decrescente acertarem mais tiros. Os prémios de compensação em caso de empate e após o já referido sorteio serão de **5\$00 escudos** para cada um.

#### 6.º PRÉMIO

100 prémios de 20 esc.

Distribuídos pelos concorrentes que, em seguida aos premiados anteriores, tenham maior número de tiros acertados.

#### MAIS 150 PRÉMIOS DE

**10 escudos**

Entregues a todos os que tenham acertado, a seguir aos prémios de 20 escudos, mais tiros, afundando mais unidades.

	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	
1											1
2											2
3											3
4											4
5											5
6											6
7											7
8											8
9											9
10											10
	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	

Nome do concorrente .....

Morada .....

Número ..... Localidade .....

#### O DINHEIRO IMEDIATO

Imediatamente à abertura dos envelopes, em Lisboa, Porto e Coimbra, a nossa administração, na Rua do Alecrim, entregará os prémios aos vencedores de Lisboa e enviará pelo correio os prémios aos das províncias; na nossa Agência do

Porto levantarão os concorrentes os seus prémios e na de Coimbra proceder-se-á de igual modo.  
**Rápido | Irrefutável | Decisivo |**  
Os concorrentes que possuam a senha numerada que damos em troca da «Folha de combate», preenchida e marcada pelos **quarenta e cinco tiros**, estão habilitados aos seguintes prémios:



O êxito  
formidável do 7.<sup>o</sup>  
Concurso  
"Kolosso" do  
"Reporter X"



Disposição da 7.  
Batalha  
Naval do «Reporter X»

Em cima: — Algumas das pessoas a quem coube o prémio de 500\$00, na nossa redacção.

Ao lado: — Algumas das pessoas contempladas com o prémio de 100\$00.

	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	
1											1
2											2
3											3
4											4
5											5
6											6
7											7
8											8
9											9
10											10
	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	

Relação dos premiados na 7.<sup>a</sup> Batalha Naval do «Reporter X»

**Esc. 500\$00** — As senhas n.ºs 1096 C—1128 C—2022—2419—2880 C—2981 P—3252—3524 P—4053 P—7198—8567—8654—9152—9702.

**Esc. 200\$00** — As senhas n.ºs 1228 P—3211 C—3469 P—4242 P—7205—7369—7804—9675—10331.

**Esc. 100\$00** — As senhas n.ºs 30—39—43 P—96—98 C—114 P—187—203 P—214 C—222 P—323 P—376—469 P—

471 C—485 C—572 P—659 C—687 C—776 P—781 P—809 P—926 P—957—958 P—1053 P—1104 P—1133 P—1205—1212 P—1248 P—1318 C—1377 P—1541 C—7545 P—1597 P—1598 P—1607 P—1661 C—1686 C—1725 P—1749—1799 P—1880—1996 P—2007—2018—2095 C—2172 P—2222 C—2302 C—2329 P—2421 P—2509 P—2562 C—2570 C—2658 C—2752 P—2758 C—2801 C—2851 C—2873 C—2878 C—2881 C—

2908 P—2932 P—2960—3176 P—3195 C—3252—3261—3278 P—3296 P—3341 3344 P—3675-3779 P—3843-6959-4032 P—4088 P—4131 4145 P—4197—4425—4459 P—5032—5167—5318—5401—5468—5566 5647—5660—6281—6287—6345—6462—6795—6958—7145—7197—7269—7642—7997—8541—8563—8627—8653—8808—8956—9127—9311—9525 P—9595—9630—9674—9676—9680—9704—10118.

No 9.<sup>o</sup> Concurso (grande Batalha do Natal) 10 contos de prémios

# O primeiro "arranha-ceus" de Lisboa"

(Continuação da pag. 4)

cas dilatavam-se até esbarrarem com fronteiras infranqueáveis; e a população continuava a hipertrofiar-se; e as cidades, não tiveram outro remédio senão... crescer para o céu visto que não podiam alargar-se... New-York foi a primeira cidade do mundo a apresentar um «arranha-ceus»—devido ao célebre engenheiro e architecto irlandês Charles Costello. Ainda há poucos anos os maiores «arranhas-ceus» da América era o da Singer, em New-York—com 48 andares; e o da «Chicago Tribune», em Chicago, com 52. Hoje S. Francisco possui um com 60 andares e Filadelfia constrói outro de 75 andares.

O primeiro país que emitiu os Estados Unidos—foi a Argentina. Buenos Aires possui, desde 1898 um «arranha-ceus» na Avenida de Mayo, de 14 andares. Hoje, no velho continente, são já cinco as capitais com «arranha-ceus»: Havana, México, Valparaizo, Montevideo e Rio de Janeiro—este último por iniciativa de *O Jornal*, com 15 andares e em construção ainda. Na Europa a iniciativa partiu dos alemães. Berlim já antes da guerra possuía vários. Hoje, o mais elevado é um «Blo de Hause» de 12 andares, em «Kock Strane» que é também o mais alto da Europa. O maior de Londres—«Watson-Blocktouse», no Strand, tem apenas 11; o de Viena, 10 e 9 os de Paris, Roma e Hamburgo; 8 o de Madrid.

E os de... Lisboa?

\* \* \*

O nosso amigo explicou-nos então: «Esse português a quem me refiro e que todos conhecem, pelo menos de nome, é o sr. Mario de Rezende Pereira, educado na América e filho dum antigo diplomata português em Washington. Os seus sócios principais são americanos—embora na empresa entre também capital nacional. Esse capital é algo de passivo em audácia, para a pequenez do nosso meio: muitos milhares de contos. Começando por Lisboa, dentro de poucos meses (o primeiro, repito, estará construído, á *Americana*, antes de 1933) a Companhia negocia e ultima, neste momento, a compra de vários terrenos e edifícios que deitará a baixo para refazer segundo os modelos que ela escolheu. O plano marca o Largo do Rato, Largo do Intendente (em substituição da Rua da Palma, cujas negociações não prosseguiram), Cais Sodré, Praça dos Restauradores, S. Pedro de Alcântara e... Chiado, ou Largo das Duas Igrejas—onde deve surgir, imponente como um Rodhes do Século XX, o primeiro arra-

nha-ceus lisboeta e o maior de todos os que se fizeram até hoje na Europa. O local exacto—é segredo dos emprezários, segredo-capricho e segredo-imposição dos vendedores do terreno. Sei que domina o Chiado e a cidade. O terceiro dos «arranha-ceus» português será levantado no Porto—on-le se iniciaram já as *démarches* para aquisição de terrenos sendo possível que o primeiro fique na Praça da Batalha, seguido doutros em Carlos Alberto, Infante D. Henrique (onde houve em tempo um vasto mercado, cujas ossuras estão pouco menos do que abandonadas) Passos Manuel—lamentando a companhia os artistas que defrontaram para poderem estampilhar de civilização a Avenida dos Aliados ou a Praça da Liberdade.

«O modelo do «arranha-ceus» português tem três classes segundo a importância do local. O que eu conheço—o maior e a que obedecerá o primeiro edificio—o do Largo das duas Igrejas—tem quinze andares—gigantes que ultrapassa o maior da Europa—o de Berlim, que é de 12. Divide-se em três corpos sobrepostos, três cubos. O primeiro, o mais largo e fundo tem lojas, sobre-lojas e quatro andares; o segundo, assente no primeiro deixando uma margem em redor, espécie de varanda de quatro faces, tem cinco andares; o terceiro, menos largo e menos fundo do que o segundo tem seis andares. Quinze andares, ao todo mas sem contar com as lojas, s/lojas, caves e terraço, no telhado onde a vista será deslumbrante. Nas lojas haverá capacidade para algumas dezenas de estabelecimentos, uns com frente para qualquer das quatro ruas e outros interiores, abertos sobre um *hall* central, do diametro aproximado do Coliseu dos Recreios, com 150 mezas, serviço de café e restaurant e música contínua, das 9 da manhã as 3 da madrugada. Haverá ainda uma sala de espetáculos (cinema ou teatro) e um *dancing*. A s/loja e os primeiros 4 andares dividem-se em 50 *appartements* de 5 salas para escritórios e 100 de 2 salas e instalam ainda um hotel com 50 quartos. O segundo «cubo» de cinco andares contem 100 *appartements* para escritório com 2 salas e 300 de 1 sala; o último «cubo»—de seis andares, é destinado a *appartements* particulares ou seja residências de estilo-americano—100 de 3 salas, e quarto de banho; 100 de 2 salas e Q. de B.; e 300 de uma sala e Q. de B. Os alugueres dos escritórios começam em 250 escudos—com serviço de telefone e dos *appartements* particulares em 150 escudos. Oito elevadores asseguram o transporte dos inquilinos—

## O Natal dos que... não têm Natal

(Continuação da pag. 6)

mas—tenho muita pena, mesmo muita—mas não posso aceitar essa honra...—«Tu recusas, Marie?»—exclamou a patroa no auge da surpresa.—«E' que... vou ceiar com a minha familia... O meu noivo e a mãe dele, também lá vão! Não posso faltar—não é verdade, amadame?»

Ah! Não! Se era uma birra do destino—em birras ninguém lhe levava a palma! Retire a campainha da porta... Era uma «midinette», que lhe trazia um novo traje, uma garota pálida, olheirada, de fático de chita e saltos cambados, que tresandava a «verveine» através um rosto de boneca mimalha. «Ouve, pequena, fica a ceiar, hoje, comigo. Eu mandarei avisar a tua familia e dar-lhe-ei uns petiscos e uma garrafa de vinho de Borgonha, para a recompensar da tua ausencia!» A «midinette» afogueada, mas resoluta, abandonou logo a cabeceira loira: «Mesmo... por preço algum deixava os meus irmãosinhos, numa noite de Natal. Sômos cinco orriões e o mais velho é paralitico!»

A cortezá deixou-a partir, e atirou-se para o sofá, num choro de alma, num choro que a redimia de todos os pecados. Toda a gente tinha com quem ceiar no Natal—a esposa, o noivo, os filhos, a mãe, os irmãos; e ela, tão orgulhosa da sua ventura, das suas joias, do seu luxo, da sua sedução, era tão pobrezinha, tão miserável, tão desprezível, que ninguém, nem a criada, nem a «midinette» queria acompanhá-la, nessa noite de Deus! Estava condenada a passá-la numa solidão, amargurada, pela saudade, pelo remorso... Por fim, serenou... O Pai Natal, pé ante pé, viera depositar o brinde de uma idéa, no seu coração—porque o coração também pensa, e mais do que o cérebro, nestes transe dolorosos... Sorriu-se, secou as lagrimas, abriu uma velha mala plebeia, esquecida entre as malas modernas de coiro da Rússia, estampilhadas com as etiquetas dos maiores hotéis da Europa; retirou um embrulho e com ele aconchegado ao peito correu á sala de jantar. A mesa estava posta—só com um talher. Pôs outro talher, e desempacotando um retrato, colocou-o á sua frente... Era uma velhinha de ar piedoso e simples,

—«Já não tenho inveja dos outros!—pensou a cortezá.—Tambem eu tenho a minha mãzinha a ceiar comigo, o Natal!»

Era, de facto, o retrato da pobre mãe que tanta lagrima vertera, lá na aldeia, quando ela fugira para a perdição de Paris...

Senhores!

Se o Natal só é bendito por Deus, quando orvalhado, a meio da cea sagrada da familia, pela pérola de uma lagrima—pensas um pouco, este Natal, nos que não têm Natal, que eles são bem dignos da vossa piedade! Já que não podeis aconchegá-los a todos, em redor da vossa mesa—dai-lhes o conforto da vossa saudade e da vossa tristeza—e eles, a distancia, sem saber porquê, sentir-se-ão menos tristes, menos sós... E' que o Pai Noel, recolhendo as vossas lagrimas, irá levá-las, transformadas em ternura, num milagre de amor, á sua solidão...

Natal de 1931

àlem dos que só funcionam do segundo para o terceiro «cubo». A construção será delineada por engenheiros americanos e portugueses e empregando perto de 400 operários nacionais e 100 americanos, experimentadíssimos neste género de trabalho... Como vêem, o sonho da pomballização de Lisboa—será, em breve, uma realidade...

# O que foram na vida real os heróis do folhetim

(Continuação da pag. 7)

autores—Pierre Souvestre e Marcel Allain—não se conheciam. O primeiro tinha 24 anos e era um principiante; o segundo 35, e estava lançado, ganhando 100.000 francos anuais com a sua pena (em 1907...). Vários crimes, destes que rebrilham, num clarão vermelho, e que, a própria polícia, na impotência confessada de os descobrir apaga da ardozia publica; e outros, que, muitas vezes mais graves do que aqueles, são desprezados pela justiça e pelos reporteres, enxameavam, nessa época, a Europa, transbordando para a America... Ninguém pensára em agrupá-los em redor de um só autor. Um dia Pierre Souvestre recebe uma carta registada, volumosa, datada de Genebra, contendo um folheto memorial, e apresentado por um bilhete que dizia assim (I): «Brincamos juntos, na Rue Lepic, á saída da escola—embora seja bastante mais velho do que tu! O meu amor fraternal por ti vem do santo que era teu pai e que foi, para o meu, um Deus generoso e clemente. Durante estes cinco anos de loucura procurei ser-te util, de forma a que a tua consciencia não se repugnasse. Só agora, á beira da morte, o consigo. Sel que tens talento e não tens tido sorte. Sel que lutas com dificuldades. E aí val o romance que eu escrevi com o sangue dos outros... e com o meu. Vale uma fortuna e vale a gloria. Se precisares de alguém que te ajude, procura Marcel Allain. Se tens curiosidade em saber quem sou, folheia os jornais de Genova, desde o principio do mês até... encontrares o meu nome: Fantomas». Pierre Souvestre aturido pela carta e, sobretudo, pelas revelações que a acompanhavam, folheia, na biblioteca, os jornais suíços indicados. A unica noticia referente ao nome do seu correspondente, era esta: «O commissario H..., do 3.º distrito, acompanhado de alguns agentes, tentou prender, no Bristol-Palace, um estrangeiro, que dera o nome de Silvain Ribeau e cuja extradição fóra solicitada pelas policia da Austria, da Alemanha e da Russia, onde o ficharam, ha muito, sob o «sobriquete» de «Fantomas». Após um rapido tiroto, o celebre «internacional» suicidou-se, disparando a ultima bala no cranio».

Pierre Souvestre não se recordou, nunca, quem podia ser «Fantomas»; mas obedeceu-lhe, propondo a Marcel Allain uma colaboração no folhetim da sua vida, que lhe rendeu uma fortuna e a fama.

Roulettable, de Gaston Leroux, o jornalista-diavolo, o «reporter-detective», que se infiltra «Chez Krupp», «Chez les Tzars»—corresponde ás primeiras reportagens do seu colega da Imprensa, Stephane Lauzanne, o reporter mais azougado da França, o inventor dos «apaches» e que hoje, aos 55 anos, ainda bate o record das reportagens do «Matin», de que é director e co-proprietario. O proprio «Misterio do Quarto Amarelo» e o «Perfume da Dama de Negro» são episodios reais, e provocaram um duelo em Passy, em 1909. Sherlock Holmes, o mais querido dos policia folhetinescos chamava-se dr. Ber, foi professor de Conan Doyle (o inventor de Sherlock) na Universidade de Oxford. O dr. Ber ocupava os ocios, criando uma ciencia de analise microscopica, e pasmava os alunos, descobrindo dum relance, através dum salpico de lama ou de uma ruga no fato, os segredos mais intimos. Quando Conan Doyle, já medico militar, se reformou, após a campanha do Afghanistan e necessitou trabalhar para ganhar a vida, recordou o seu professor e fez dele um tipo inedito e sensacional de detective apresentando-se, a si proprio, como dr. Watson, companheiro e «raisonneur» de Sherlock.

Raffles, Lord Lister, o gatuno aristocratico de Harnung, nem era lord nem inglês, mas tinha um titulo, o de conde, e era húngaro. Chamava-se Hector Treykwich, era filho dum diplomata e foi educado em Londres. A boémia desenaminhara-o e sendo invulgarmente inteligente e agil, criou um tipo de larapio elegante, de impunidade garantida. Escamoteou muitas fortunas, mas o seu nome nunca chegou á policia, nem saiu do circulo das suas relações que... lhe perdovam ou o temiam. Era certo que era esmoler, um esbanjador da... caridade, com o dinheiro alheio, mas tambem não se poupava a despesas para seu prazer. Hornung nunca o conheceu, visto que o húngaro desapareceu de Londres em 1899, e o seu romanista, nessa época, tinha apenas 12 anos. Diz-se que foi uma amante de Raffles quem revelou a Hornung os segredos do seu galá-aventureiro.

Como vêem, os folhetinistas, podem ser fantasistas, mas não desprezam o que a vida lhes oferece. O que eles sabem é... escolher.

## Estabelecimento modelo

### O «Hotel Americano» satisfaz todos os requisitos duma casa da sua ordem

LISBOA, capital dum país civilizado, que pretende e tem conseguido, acompanhar o que de progresso se faz lá fora, tem sido, nos ultimos tempos, visitada por inumeros estrangeiros, ávidos de conhecerem as suas cantadas e inesqueciveis belezas. Não era facil, até ha pouco, conseguir não só para esses visitantes, como para os que da provincia têm seus negocios a tratar na capital, um hotel digno desse nome, que, reunindo boas instalações e modicidade de preços, constituisse, para os nossos hospedes, a resolução desse momentoso e importante problema que é a hospedagem.

Não faltavam por aí hotéis que de hotéis só tinham o nome, que por instalações sem comodidades de espécie alguma e por preços exorbitantes, davam aos seus clientes a impressão de se encontrarem em qualquer país recondito, ao qual não houvessem chegado ainda vislumbres de civilização.

Hoje, está esse problema resolvido. O «Hotel Americano», instalado no n.º 73 da rua Primeiro de Dezembro, em propriedade propria, veio acabar com essa falta que só nos envergonhava.

Estabelecimento de primeira plana, na sua classe, satisfaz abertamente, e sem recelo de confrontos, as pessoas mais exigentes.

Dispondo de aposentos onde nada falta, desde o luxo até á maxima comodidade, o «Hotel Americano», sob a direcção do seu proprietario, sr. Cecilio Fernandez, compete com o melhor que nos tem sido dado conhecer lá fora.

Habil profissional, que á sua casa dedica todo o seu saber e proficiencia, o sr. Cecilio Fernandez é digno dos maiores encomios, pois não se poupa a esforços para fazer aumentar, cada vez mais, a sua casa no conceito da clientela numerosa. Desde a sala de jantar, ampla, confortavel e atraente, passando pelos aposentos, onde não foi esquecido o minimo requisito, nada ali falta para dar ao «Hotel Americano» foros de hotel de 1.ª classe.

E quando toda a gente poderia supôr que os preços seriam exagerados, surge-nos uma tabela que nos deixa incrédulos, pois é difficil conceber como com tão pouco dinheiro é possível servir tão primorosamente. Não se julgue que exageramos. Em parte alguma era possível tal milagre, que doutra forma não pode classificar o que o sr. Cecilio Fernandez conseguiu, o que lhe vale, sem favor, ter uma clientela que, pelo numero e pela qualidade, é o melhor reclamo da sua casa.

Já não tem que haver recelo de se chegar a Lisboa e não ter onde se hospedar, de se dormir mal e comer pior. O «Hotel Americano» satisfaz os mais exigentes, tudo ali se congregando para bem servir: a extraordinaria correção do seu proprietario, que se estende a todo o pessoal, escolhido dentre o mais competente, a sumptuosidade e conforto das suas instalações, as pantagruelicas ementas, em cuja organização se sente, já pela quantidade, já pelo acao com que são confeccionadas, e já pelo fino gosto que preside á escolha, o ddo de mestre do sr. Cecilio Fernandez e, sobretudo, a modicidade de preços que torna o «Hotel Americano» um estabelecimento capaz de ser frequentado por individuos de todas as classes, desde nababos aos menos abastados

## «O PARAIZO DOS GULOSOS»

Está próxima uma das datas Natal e Ano Bom, em que os gulosos rejubilam — pelo pretexto que se lhes oferece de se banquetearem á farta. Daí a razão porque os «gourmets» lisboetas e mesmo os da provincia dão preferéncia á conhecida e acreditadissima casa, Joaquim Gonçalves Costa Sucs. Gomes e Moura L.ª, Rua do Carmo 106, Telefone 2 5425, um dos paraizos dos gulosos de Lisboa. Esta casa selecciona, no seu fabrico, os melhores doces tradicionais do país, alem de todas as especialidades estrangeiras. Distingue-se não só pela ciência dos seus alquimistas, como pela qualidade das matérias primas e pela sua apresentação. O seu BOLO REI, a verdadeira receita do Convento de Alcobaça e os queques de Alcobaça, Bolos Leite, Açoreanos, Lampreia de ovos, doces de ovos, Pão de ló, especialidades, so esta casa é que vende.

Esta casa tambem apresenta um vistoso sortido de caixas de bombons e de Bolachas nacionais e estrangeiras, próprias para brindes,

## Guerra aos Cabelos Brancos USAI OLINDA



OLINDA

ESTE excelente preparado foi feito para restituir a juventude aos cabelos grisalhos e brancos.

OLINDA dá ao cabelo a sua primitiva cor. Evita a sua queda e destroi por completo a caspa, não mancha a roupa nem o cabelo porque não é tintura.

OLINDA não contém nitrato de prata ou outras substancias nocivas. Preço 12\$00 escudos. A venda nas boas farmacias, drogarias e perfumarias. Depositos em Lisboa: Silva Neves & C.ª, L.ª—Rua da Prata, 229. No Por: Lourenço Ferrei a Dias, L.ª—Rua das Flores, 155. Em Coimbra, Laboratorios Silcar—Rua Ferreira Borges.

## PINCELADAS HISTORICAS

## O PARLAMENTO PORTUGUÊS ESTEVE SEMPRE INSTALADO EM ANTIGOS CONVENTOS



**Notas fugidias de reportagem sobre os edificios onde funcionaram as Câmaras Legislativas**

A historia do nosso parlamentarismo excede o ambito de uma cronica ligeira de reportagem e não pode ser feita com pinceladas fugases, em notas fugidias traçadas com a vertigem de meteoros. O parlamentarismo assinala varias épocas da nossa historia, incorpora-se no ciclo das lutas entre autoritarios e liberais, tem paginas de gloria e trechos mediocres, agua-forte num periodo, simples oleografia de galerias baratas em outras emergencias. Para não deslustrar o que de grandioso o parlamentarismo guarda, para não trazer á supuração o que de interior nos reservou, deixemos aos historiadores e as publicações de especialidade, a narrativa minuciosa da sua existencia, perfurada em todos os escaninhos e, integrando-nos na nossa função de semanário de grandes reportagens, digressemos por alguns dos principais edificios onde se reuniram as Cortes—ou democratizando a expressão—onde se reuniram as camaras legislativas.

Sem preocupações de cronologia, antes da do em duas pinceladas a idéa geral, começaremos pelo Paço dos Estaus, o soberbo edificio de algumas torres de três andares que o infante D. Pedro, o Regente, mandou construir em 1449, onde é hoje o largo D. João da Camara. Nesse edificio, que o terramoto danificou muito e por esse motivo foi reconstruido mais tarde, esteve instalada, a Camara dos Pares. Não interessa grandemente a descrição historica dessa Camara, bastando que se recordem as lutas entre miguelistas e constitucionalistas, então no seu apogeu de fogo e sangue.

O embate das duas forças, uma representando a autoridade, personificada na Igreja, ou no absolutismo regio, outra a liberdade, incarnada pelos constitucionalistas, ainda na sua fase rudimentar, determinou essa força parlamentar, que em alguns periodos da historia atingiu grande importancia social.

O Palacio das Necessidades, com a sua construção setecentista, de linhas architectonicas elegantes, moradia dos monarcas, ultima alcova, em Lisboa, de D. Manuel, serviu tambem para o Parlamento. Foi no Palacio das Necessidades que reuniram as celebres Cortes de 1821, essa reunião historica quando Portugal estava tão abalado na sua independencia e ameaçado do dominio estrangeiro. O Palacio tem uma tradição historica, mas como Parlamento, excepção feita ao ano de 1821, não veste galas suntuosas.

O antigo convento de São Bento da Saude, concluido em 1615 sob a direcção do architecto Baltasar Alvares, quasi virgem do terramoto, tem sido, através as épocas, o nosso Parla-

mento. No ano de 1834 instalaram-se, all, as Camaras Legislativas. A antiga Casa do Capitulo foi destinada á sala dos Pares, tendo de construir-se a sala para os Deputados. A Camara dos Pares surgiu em 1876, já então, o edificio com toda a sumptuosidade. Mais tarde foi Ventura Terra encarregado das obras da Camara dos Deputados, ficando o antigo convento de São Bento um dos melhores edificios modernos da capital, onde funcionaram a Camara dos Deputados e o Senado, com varias alternativas, até Maio de 1926.

No ano de 1895 um pavoroso incendio parecia lambor o velho edificio. O Parlamento, como que acoçado por um cyclone afastou-se, foi instalar-se no edificio da Academia das Ciências, na antiga rua do Arco de Jesus, no velho convento de Jesus. Foi rapida a sua estadia all, pois logo que foi reparado o convento de São Bento, o Parlamento voltou para lá e se conservou até aos nossos dias.

Nessa época governava o general Pimenta de Castro. Por circunstancias que só aos historiadores compete examinar, aquele chefe do governo não permitiu que o Parlamento reunisse, mandando forças militares para São Bento. Alguns deputados portestaram, invocando prerrogativas e impondo imunidades para que a reunião das duas camaras fosse consentida. A força tinha ordens severas e os protestos morreram no proprio largo das Cortes, sem outras consequencias.

Entretanto, outros deputados e senadores convençionavam apressadamente fazer reunir o Parlamento noutro lugar, distante das vistas policiaes. Não era virgem na historia a reunião, fóra do edificio proprio, do Parlamento. Em épocas distantes, os parlamentares recorreram a esse meio e conseguiram o seu objectivo.

Foi escolhido o Palacio da Mitra, proximo de Loures, para a reunião do Parlamento, a historica e irreverente sessão dos constitucionalis. Foram tomadas resoluções que, todavia, só tiveram realização pratica depois da revolução de 14 de Maio de 1915.

De novo, em São Bento, o Parlamento funcionou até Dezembro de 1917, estando encerrado durante o periodo de Sidonio Pais. Posteriormente á escalada de Monsanto, o Parlamento funcionou no seu edificio até ao ocaso do parlamentarismo, em Maio de 1926. Presentemente, o antigo convento de São Bento aguarda, no segredo dos seus claustros, o regresso ao regime constitucional.

O Parlamento, como se observa através as rápidas notas desta reportagem, esteve sempre instalado em conventos, possivelmente porque eram os unicos edificios em condições para reuniões daquela importancia. All foram tomadas resoluções que feriram profundamente a Igreja e os principios de autocracia, e all a irreverencia se ergueu em atitudes hostis.

O Parlamento, através varias épocas, conservou, sempre, as suas tradições liberais e a sumptuosidade dos seus edificios não lhe quebrou a linha esbelta das suas virtudes democratas.



Ao alto da primeira columna: O palácio onde agora está o Parlamento.

Em cima: O Palacio das Necessidades.

Em baixo: A Academia das Ciências.

## 6 TONELADAS DE OURO E 43 DE PRATA NO FUNDO DO MAR

**N**ÃO ha segredos da Natureza que o homem do século XX não queira devesar. Ele estuda, observa, analisa, dissecar tudo, desde o infinitamente pequeno ao infinitamente grande. Decompõe os microbios, fixa as leis da sua existencia, os seus habitos, a sua evolução; ergue os olhos para as alturas e, por meio de telescopios gigantescos, faz aproximar os astros mais distantes para conhecer se nos planetas longinquos, as condições de vida são identicas ás da terra; percorre os ares em todos os sentidos, numa ansia vertiginosa de infinito, galga ao cume dos montes mais altos, desce ao fundo tenebroso das minas, para arrancar metais inéditos.

Mas de todos os misterios que mais têm intrigado a humanidade, o que mais atrai, o que parece mais acessível e o que se tem mantido mais hermeticamente fechado, ante os olhares curiosos e indiscretos do homem, é o fundo do mar.

Quantos segredos repousam no fundo do abismo? Quantos tesouros o mar guarda avidamente? Quantos espectaculos maravilhosos reservará ao homem, no dia em que este desça ás grandes profundidades, com tanta facilidade como já sobe as maiores alturas?

Com centenas, milhares de anos de naufragios ocorridos desde que a humanidade aprendeu a navegar, os oceanos devem guardar, nas suas avaras entranhas, fortunas fabulosas. Esquadras inteiras que o vendaval desfez e o mar enguliu, com as vidas das tripulações e as riquezas dos seus porões, repousam lá, onde os homens não podem chegar. Só as riquezas que o mar devorou, constituem um atractivo, um incentivo para os homens de ciencia procurarem a formula de se poder andar



O mergulhador do «Artiglio» contempla o escafandro em que vai habitar.

no fundo distante, como se anda á superfície da Terra. Mas a fauna e a flora por nós ignorada, também tem os seus atractivos. Acaba de regressar a Inglaterra, procedente de Nassau, o famoso explorador submarino, J. M. Willanson, que permaneceu cinco meses dentro

## AS CIENCIAS QUE A CIENCIA IGNORA

# OS HOMENS QUE VIVEM 200 ANOS

O que é o «vampirinisme» e quem são os «vampirines» de Portugal

**N**A noite de 24 de Dezembro de 1929, ha dois anos pois, ao desembarcar do «Crápido», na estação de S. Bento, no Porto, fui quasi engarçado pelos braços amigos que me aguardavam para consoar comigo o Natal. Essa recepção não me impediu de saudar o dr. Z... que um acaso levára áquella «gare» e que me fitou, numa expressão mais esgazeada e perturbadora do que lhe era normal. Os seus olhos bogalhudos, raiados de vermelho e ligeiramente estrabicos, dilatavam-se na ansia de abarcar outro rosto, além do meu. Entretanto, passava por nós um velho inverosmil, teatral, de longas barbas brancas, oculos de Quevedo na decadencia, um fraque curto, umas calças cilíndricas, axedrejadas, sem vinco e um chapéu que não era nem alto nem baixo, que completava a visão duma fotografia de 1850. O seu passo era miúdo e a cada pernada desengonçava-se como se fosse cair de joelhos. O dr. Z... seguiu-o com a vista. Era esse velho, pois, o objectivo simultaneo da sua curiosidade. Quando os dois rostos se defrontaram, tive a sensação que era uma imagem reflectida num espelho—num espelho profetico que reproduzisse o dr. Z... como ele virá a ser, na velhice; ou um espelho retrospectivo que recordasse, no misterio do aço, o que o ancião fora em jovem. A mesma crispção estatica e paradoxal dos musculos faciais, a mesma opacidade de epiderme incolor, algo semelhante á camurça, como se um fogo sobrenatural tivesse queimado os pigmentos e impedisse que o sangue se transparentasse; a mesma alucinação do olhar, quasi sem iris... Seria essa parecença singular que os atraira, que os esgazeára?

O dr. Z... que viera falar-me num alvoço alegre, logo se distraira naquella hipnose, ao dar com o velho original; e como o velho quebrava, buscamente, o seu extasi para me cumprimentar, num gesto de mosqueteiro, o dr. Z... despertando também, interrogou-me, soffregos da resposta:

—«Você conhece-o?»

—«Não! Foi meu companheiro de viagem—meu vizinho de banquetta...»

Mas ele já não me ouvia, silhuetando o meu sobretudo.

de uma esfera de cristal, no fundo do mar, escrevendo um livro sobre a fauna e a flora da superfície coberta pelas aguas. Com o explorador estiveram uma boa parte desse tempo, sua esposa e uma filha de dois anos. Esse explorar assistiu aos espectaculos mais impressionantes da vida submarina, viu peixes que jámais sobem á superfície e disfrutou paisagens que dir-se-iam criadas por uma imaginação delirante.

Os leitores lembram-se do desastre do vapor inglés «Egipto», que ha dez anos o mar engulou, com 6.000 quilos de ouro e 43.000 de prata? A Inglaterra desistira de tornar a alcançar essa formidavel fortuna que o mar lhe roubara. Ha três anos, porém, uma firma italiana propôs á Inglaterra fazer pesquisas para arrancar ao fundo do mar os preciosos metais que lá repousam.

O «Artiglio II», navio italiano, encarregou-se dessa difficil missão. A uma profundidade de 135 metros, se encontra o que ainda resta do formoso transatlantico, em cujas entranhas se guarda o precioso tesouro destinado ao

—«Que nódoa é essa que você tem aí?»  
Examinei-me, entre surprehendido e desgostoso. Era de facto uma nódoa alastrada um pouco ao baixo do bolso direito—de côr difficil de precisar, na vista e na sobreposição da fazenda, que era escura. O dr. Z... curvou-se como



Os «vampirines» vivem 200 anos o mais —mas tem que occultar o seu segredo para evitar a guilhotina ou a força...

que para a olfatear; numa subita decisão, explicou:

—«Parece sangue!»

A palavra soube-me a mau agoiro. Os meus amigos avançaram, impacientes.

—«Você está comprometido esta noite, não é assim?»—inquiriu o dr. Z... E de madrugada?

Banco de Inglaterra. Os trabalhos têm sido grandes; os soffrimentos nem se podem descrever; mas depois de tanto dispendio de energia veio a recompensa. O «Egipto» revelou o seu segredo, tão avaramente guardado, e hoje já se sabe onde se encontram as caixas com o tesouro. Os buzios nas suas atrevidas explorações, já lá haviam penetrado primeiro do que os homens.

O comandante do «Artiglio II», que já não duvida do exito da formidavel empresa, fez as seguintes declarações á Imprensa mundial:

«Acabamos de passar dois dias invidiáveis, pois constituem a consagração de um trabalho intenso de três anos, dois dos quaes á procura do «Egipto» e o ultimo em trabalhos no local da descoberta.

«Mas agora, já temos a absoluta certeza de que as seis toneladas de ouro e as quarenta e três de prata que o «Egipto» transportava tornarão a ver a luz, dentro de curto prazo».

Se um dia se pudessem trazer á superfície todos os tesouros naufragados, que imensa fortuna Portugal não recuperaria!

A ceia é em casa de família, não deve ir por aí adiante, e você não é homem a quem a madrugada assuste... A que horas posso esperá-lo no «Transmontano»? A's três? Combinado, hein?

\*

Que estranho homem, o dr. Z... Conheci-o há anos, no Porto, numa apresentação de café. Sei dele, apenas, que é irmão dum poeta de génio, um paranoico da Beleza e da Perfeição que se suicidou com tóxicos, lá longe, no Oriente, que ele buscou como um sanatório de vícios e que não conseguiu acalmá-lo. Sei ainda, que vivera anos numa solidão fria, num palacete dos arredores do Porto—como dois únicos loucos, no mesmo manicomio; e que se formou em direito e em medicina e em matemática e creio que, também, em filosofia—sabendo cozinhar como um mais sábio alquimista do «Ritz» de Londres e confeccionar as suas roupas como qualquer costureira. Do nosso primeiro encontro, sai atordoado e, desde então, o dr. Z... foi para mim, um pesadelo, que eu buscava, com volúpia; um prazer de que me esquivava, com covardia mental e com terror infantil...

Uma madrugada, exclamou, sem pretexto: —«Já pensou alguma vez, do que é que se alimentam os lobos? Pelos meus cálculos existem, actualmente, em Portugal uns cinco a seis mil lobos. Os lobos são carnívoros—quem o ignora? Conte, há dois anos, as ovelhas, os carneiros, todos os estragos cometidos pelos lobos num semestre—e totalizando-os não davam para impedir de morrer de fome uma só alcateia. De que é que vivem os outros? Mistério! Mas há mais: Portugal não é um deserto. Não existe palmo de terra que, ao longo dum ano, não seja medido pelo olhar dum homem. Onde ficam os cadáveres dos lobos que morrem de fome? Mesmo na hipótese que os mortos sustentassem os vivos—não há lei que equilibre, assim, uma só geração animal da mesma espécie. Mas se comessem a carne, ficavam as ossadas e elas não aparecem. E que eu saiba os lobos não enterram os seus mortos.

E, sorrindo do meu embaraço, rematou: —«E gastei anos seguidos a espeltrar o segredo dos lobos. Talvez um dia o comuniquie ao mundo...»

Eram sempre deste quilate as observações, as estatísticas, os segredos do dr. Z... Que se calcule a emoção com que eu, na noite de 24 para 25 de Dezembro de 1929 aguardei o momento de escutar as revelações prometidas.

\*

A madrugada estava tibia e húmida como as mãos dum tuberculoso. O meu sobretudo era demasiado quente. Substituí-o por uma trincheira alvadia...

O dr. Z... já lá estava, abançado, frente a um copo de «whisky»—os olhos bogalhudos a saltarem-lhe das orbitas, incolores e fixos no vazio. Não me sentára ainda, quando ele começou o seu monólogo:

—«Estão muito em moda, agora, os macrobios, já reparou? De Londres telegrafam, que Whitchapel abriga um velho de 110 anos, que ainda conheceu Oliver Wilton. Os «yankees» ripostam com um cidadão de Chicago, que nasceu em 1815 e que se lembra de Mac-Brown. E logo de Changai, os chineses soltam uma gargalhada telegráfica, rebatendo todos os fenómenos de longevidade, com o seu Ton-Kin-Fan, o homem mais velho do mundo, visto que vem ainda do século XVIII e se mostra disposto a viver pela eternidade fóra... E os senhores jornalistas perdem tempo a disputar estas notícias menos valiosas do que o jogo das palavras cruzadas!

«Você nunca leu Marco Toscani? Victor Hugo fala dele, mas tão pouco o leu. E' ele que nos decifra o segredo do «Homem de Negro», que apavorou a Roma dos Bórgias, na época apoteótica da bruxaria e da alquimia italianas. O «Homem de Negro» era um estrangeiro que

se fingia mudo para não dizer de onde vinha e para que, pela pronúncia, não se adivinhasse a sua procedência. Vestia de negro, dos sapatos ás plumas do chapéu, das luvas ao gargantil arrendado. Sem família, sem criados, falando apenas pelo tilintar do ouro que esbanjava, comprou um palácio solitário nos subúrbios da cidade eterna, vivendo num misterio pegado, passeando ás vezes, o seu uniforme entre os olhares medrosos das mulheres e as ameaças dos frades. Marco Toscani tinha uma irmã resolvida, independente, uma «rapariga moderna», como diríamos hoje. Chamava-se Delia e decidiu afrontar o segredo do «Homem de Negro». Organizou, á passagem dele, o simulacro dum atentado, em que ela era a «vítima» e forçou-o a ser o seu salvador. E logo nessa noite, acompanhada de Marco, bateu á porta do palácio, para lhe agradecer o heroísmo. Bem contrariado, o «Homem de Negro» não teve remédio se não recebê-los no seu salão e oferecer-lhes uma taça de vinho de Nápoles. Como não tinha criados, teve de os deixar só, para ir buscar as taças. Ágil e curiosa, Delia avançou, logo, para o único quadro da sala que estava velado por um tapete; e erguendo-o descobriu o retrato do «Homem de Negro», trazendo segundo a moda de dois séculos antes, e assinado por um pintor, que havia duzentos anos, se celebrizara: o florentino Gaspari della Naggi. Podia dar-se um acaso de semelhança—mas como explicar que o retratado tivesse a mesma cicatriz que o «Homem de Negro» apresentava na face esquerda; a mesma amputação de um dedo, a mesma madexa alvejando na cabeleira negra? Despertaram do seu extasi ao ruído de vidros estilhaçados e ao foquetear de uma blasfêmia. Voltaram-se: o «Homem de



A capa simbólica do livro «Les Vampirines» do misterioso Galigaria

Negro», entre portas, atirara ao chão a bandeja e as taças, e, pálido de morte, abalara, para nunca mais ser visto em Roma. Diz Toscani, no remate: «O desaparecimento teria provocado mais escândalo, em Roma, se não se vivesse em eterno pânico, pela epidemia dos desaparecimentos misteriosos dos jovens mais fortes e mais inteligentes da cidade, que pareciam tragados pela noite, que nunca mais voltavam aos seus lares, epidemia essa que pouco mais durou, graças a Jesus Cristo, Nosso Senhor».

«Um dos homens mais impenetráveis do século XVIII, que depois foi banalizado pela lenda, até fazerem, com ele, no nosso século, um herói de filme—o famoso dr. Galigari, que até aos 40 anos comunicou ao mundo as suas descobertas e que depois se alenou num silêncio invencível, explica, ou tateia, a aventura de Toscani, no seu livro mais perseguido pela Igreja, o menos lido e o mais dramático de todos: «Les Vampirines». O «camprinisme» data da sabedoria antiga do Egipto, esteve prestes a perder-se na derrocada pagã e nos alvares do cristianismo; salvaram-no as trevas e a elite dos alquimistas medievais, espalhou-se pe-

## LISBOA CIDADE MODERNA

### AS TRANSFORMAÇÕES QUE UM GRANDE HOTEL PODE FAZER NUMA CIDADE

Antes de entrarmos no assunto que nos levou a escrever este éco—que nos seja permitido recordar um episódio—quasi histórico. Ainda há vinte e poucos anos Madrid, a cidade e córte, capital das Espanhas—estava mais afastada de Paris e de Londres, de Roma e até de Bucarest, a capital românica, perdida na tenebrosa península baltânica; vivia uma existência mais provinciana, penumbrosa, estreita; possuía menos electricidade, menos progressos e mais candeleros de gás e de petróleo; a sua ignorância sobre a subtil emoção do «champagne», sobre todas as emoções internas e externas, cenográficas e morais da civilização—que propriamente Lisboa, a cidade retrograda, a cidade fradesca, a cidade das moscas e dos sinos, das roupas dependuradas ás janelas e das vizinhas janelas...

Qual foi a varinha de condão que conseguiu essa metamorfose milagrosa, admirável e brusca? Apenas... um hotel... A falar a verdade foram varios hotéis—mas a obra, o milagre começou por um: pelo Palace-Hotel, hotel moderno, hotel de uma tecnica *gauleza* que imediatamente transformou costumes, o espirito das gentes—á propria feição da cidade. Depois vieram o Ritz, o Afonso XIII, Florida... Poucos são os que sonham a influencia, a sugestão que um hotel moderno produz num povo, por muito atrasado que seja. E ainda hoje se Madrid continua a progredir, a civilizar-se deve-os aos seus novos hotéis, ás melhorias, ao progresso dos antigos. Se Lisboa tem sofrido este longo sonambulismo de meio século, deve todos os seus atrasos á falta de hotéis civilizados, de hotéis modernos, de hotéis-specimens hotelis sugestivos. De uma forma geral, o hotel lisboeta é um erdeiro estigmatizado da antiga hospedagem... Por isso mesmo o exemplo, o esforço do Hotel das Duas Nações, rua da Vitoria, que sem alardes, sem espectacularidades de papel pintado oferece ao publico todas as comodidades, todos os modernismos, todas as vantagens de um bom hotel estrangeiro. Merece o maximo elogio.

Lisboa é, *malgré elle*, uma cidade cosmopolita, cortada por constantes multidões de forasteiros, os que desembarcam da America, os que vão para a America, os que descem da provincia... e por isso o Hotel das Duas Nações é o que nos reabilita de todas as lacunas e é por isso que o Hotel das Duas Nações está sempre cheio pelas élites nacionais e estrangeiras que frequentam a nossa capital. Não é o bom gosto dos seus aspectos internos, o modernismo do seu mobiliario, as belas condições higienicas dos seus quartos, os mais commodos de todos os hotéis; não é só a fartura e a superioridade de sua mesa—afamada como nenhuma outra, e é citada como uma setima maravilha; é a organização natural do seu ambiente, familiar e aristocrático, simpático e civilizado.

O Hotel das Duas Nações honra qualquer cidade—quanto mais Lisboa. E, note-se, os preços do Hotel das Duas Nações são um paradoxo—visto que não correspondem á sua elevada categoria e são os mais economicos possíveis.

lo mundo, no século XVI. Os poucos homens de ciencia que não confundem Galigari com Galglostro, seu macaqueador e charlatão sem categoria intelectual, encolhem os ombros ou acovardam-se ante o «vampirisme». A formula do exerto das glandulas de macaco para rejuvenescer, prova que o dr. Voronoff foi dos poucos que leram Galigari e que não sendo um

# Majunsky, o Machiavell

que derrotou a Okrana, que destruiu a Tcheka e reorganizou a G. P. U.

«vampirine» nato e tendo demasiados escrúpulos para propagandar o verdadeiro segredo do mestre, se limitou a uma adaptação... Galgari nunca se confessou um «vampirine» — neologismo criado por ele, por falta do verdadeiro vocabulo — mas era-o, de facto. E' provavel que na altura de escrever este livro, o ignorasse. Os seus estudos giravam então, em redor de coincidências ritmicas. A aparição, numa cidade, de um ser misterioso do recorte do «Homem de Negro», era sempre seguida de uma epidemia de desaparecimentos de jovens sadios, herculeos ou então, mulheres ou moças, bem electrizadas pelo histerismo sensual, ou ainda, intellectuais, que tivessem atingido o maximo desenvolvimento cerebral.

«Nasce-se «vampirine» como se nasce corcunda ou esculturalmente moldado. São dezenas os sintomas que o revelam, sobretudo os que o marcam definitivamente dos 20 aos 40 anos. Se neste periodo o «vampirine» se apodera do segredo do «vampirinismo» e se tem a coragem, a serenidade, a ambição de viver suficientes para cumprir a lei dogmatica, afasta o fantasma morte, resistindo-lhe sem esforço, sem ameaças, ao longo de dois seculos, pelo menos. São muitos — nem você calcula — os homens que têm vivido mais de duzentos anos... Como não se divulgam essas existencias quasi sobrenaturais? Porque os «vampirines» para o serem, tornam-se em criminosos, e se o seu segredo quebra o envolvero que o guarda, adeus milagre. Não morre porque o corpo se abata ao peso dos anos, mas morrerá, irremediavelmente, na guilhotina, ou na forca...

«E a proposito. Você já notou que Portugal sofre, ha vinte anos, uma verdadeira epidemia de desaparecimentos? Só nos ultimos seis meses, contel cento e tal... Raro é o dia que as gazetas não anunciam dois ou três casos desses... Ha muito que eu suspeitava da existencia de um «vampirine» no nosso país...

«Desconhecia o assunto? Ignora por completo os sintomas fisicos e exteriores do «vampirinismo»? Olhos bogalhudos, quasi sem iris; uma pele opaca, e incolor, como feita de camurça, e sobre todos os sintomas.

O dr. Z... cala-se; segreda-me uma palavra... Depois:

—«Ja jurar que o velho que foi seu companheiro de viagem, era um, ou o «vampirine» de Portugal...»

Amanhecia um Natal baço e triste, quando abandonel o dr. Z... Pelas ruas do Porto tremeluziam tarlatanas lantejolladas da humidade... Ao voltar a esquina de Passos Manuel, reparo que a minha gabardine estava enodoada de vermelho, dir-se-la uma mancha de sangue. Igual á do meu sobretudo, mas, agora, do lado direito, do lado em que o dr. Z... se sentava... Um arrepio me arranhou o dorso. Frio? Talvez.

## Dinheiro

Embresta-se sobre ouro, prata, joias, roupas, nobilia, pianos, antiguidades de toda a especie etc.

Antiga casa José Mayer

16, RUA DO LORETO, 18

Telefone 22.881

A Rússia foi sempre um país de espionagem e de organizações policiais famosas. Já no tempo dos zares, a celebre «Okrana», fundada pelo general Andreoff distendia os seus tentaculos misteriosos, por todo o Imperio — e por toda a Europa — penetrando nos esconderijos melhor defendidos e nos segredos mais blindados. A «Okrana» de sinistra memoria, viveiro de Scarpias, chegou a empregar 10.000 agentes e subvencionar outros tantos informadores secretos, que tanto podiam ser criados ou barbeiros de magnates de Moscovo — como cocheiros de praça, em Paris ou... falsos revolucionarios dos meios anarquistas de Londres. A revolução bolchevista destronou a «Okrana», incendiou o seu palacio, nos arredores da Praça Vermelha, desventrou os seus subterraneos labirinticos que irradiavam por toda S. Petersburgo, e chaciou todos os seus funcionarios, que não souberam abalar a tempo... Sobre as cinzas da «Okrana», nasceu a não menos famosa «Tcheka», a policia revolucionaria, que espiolhou o antigo imperio, de todos os inimigos, no novo regime, enchendo a transbordar, os seus calabouços, de vassando todos os refugios, perseguindo todos os suspeitos, obrigando os carrascos letões e tartaros a uma actividade mui semelhante aos da França, em 1793... Mas a «Tcheka», se era uma fatalidade natural de todas as revoluções historicas — era, tambem, a negação dos principios pregados pelos bolchevistas — e pouco durou: três anos apenas. Foi Lenin, seu maior inimigo, quem a descastelou, no ultimo periodo da sua vida, não evitando, porém, que ela tivesse custado a vida a quasi 50.000 russos e estrangeiros.

Nasceu então, a G. P. U. — a unica organização de espionagem que pode competir com a Inteligence Technica inglesa, e que este teme seriamente. A G. P. U., como a «Okrana» e como o I. S. — mas melhor do que qualquer destas duas organizações — estende a sua rede não só até as fronteiras, como tambem para além de todas as fronteiras. «L'Oeil de Moscou», como lhe chamam os franceses, projecta-se por todo o mundo, manobra em todos os países, possui uma celula invisivel e invencivel em todas as capitais. Em vão as policias de Paris, de Londres, de Berlin, de Roma, de Nova York lutam contra a G. P. U. — porque esbracejam no vacuo, esgrimem nas trevas. O grande segredo da G. P. U. é que ninguém sabe quem são os seus agentes, os seus chefes. Espias ingleses, franceses, italianos, conseguiram entrar em Moscovo, vigiar durante dias e meses os arredores do edificio onde ela está instalada, alguns até penetraram, a qualquer pretexto, nas suas salas. E o que viram? O que encontraram? Meia duzia de funcionarios inofensivos e inactivos, que nada sabem e cuja existencia externa é pautada e simples como a de qualquer burocrata do Terreiro do Paço. Um jornalista inglês, que tentou, em 1930, desvendar o misterio da G. P. U. — John Town — escreve no «Daily Mail», o seguinte: «O segredo da G. P. U. é que o seu edificio, a sua

séde se divide em dois corpos. Um exterior — a casca, cenografico, fingido, ocupado por extranhos, que tudo ignoram, espantalhos armados aos incautos e incautos eles proprios; e outro, interno, invisivel, que não tem portas para a rua, e para onde os seus fantasmas entram (e saem...) por caminhos subterraneos, cujas portas, que só eles conhecem, devem estar muito longe do seu palacio.



Majunsky, o Machiavell

E contudo, invisivel, impalpavel, a G. P. U. comete proezas como o rapto do general russo, em Paris; e a escamoteação do ex-consul russo de Londres — enigma que, ainda hoje, a policia francesa e inglesa não descobriu. Quem foi, quem é, o supremo organizador, o engenheiro pasmoso desta extraordinaria maquina de espionagem? Era este, de todo os segredos, o que mais intrigava o mundo anti-bolchevista. Uma imprudencia do Estado sovietico acaba de o revelar. O inventor, chefe e organizador de todas as proezas da G. P. U chama-se Majunsky — e é o mais simples, modesto e ignorado homem da III, Internacional. Nunca fala nos congressos, nunca aparece, faz uma vida, aparente, de solteirão comodista. Raras vezes sai de casa — dizem os vizinhos. Mas é que a sua casa tem caves e essas abrem para um tunel que desemboca... na G. P. U.

# Quanto custava e quanto custa a ceia do Natal

## em varios paises através dos séculos



O «reveillon» no Riche de Paris

A tradição da Ceia do Natal, que domina suave e alegremente toda a Humanidade — ricos e pobres, brancos e amarelos, cristãos e mahometanos (todas as religiões têm um pretexto para participarem, também, da ceia), europeus e americanos, cidadãos de grandes capitais como Londres, como Nova York; cidadãos de cidades modestas como Sofia, como Caracas, como Vigo; aldeões e vagabundos — foi sempre assim, em todas as épocas, em todos os séculos, desde a aurora do cristianismo. Variam os «menus»; variam os cenários, mas o hábito não varia, não se restringe, não perde poderio e universalidade. Se no *home* inglês, a ceia gira em redor do «Cristman's Pudding», se no Japão, antes de se accorarem em volta das dispersadas mesas, os filhos, os netos, saem das manga dum «kimono» uma tartaruga e a oferecem ao anfitrião que preside à festa; se em Paris, em Bruxelas, em Berlim, ninguém ceia em casa e as famílias se reúnem nos «reveillons» dos restaurantes e dos hotéis, mesmo as mais plebeias e pobres; se no Minho não falta o arroz doce e no Porto ninguém abdicava das rabanadas — nas trevas tenebrosas da Idade Média e nos países dominados pela Roma Eterna, era indispensável um frade a presidir à mesa, no século XVI os escandinos poderosos armavam um tablado na sala de jantar e ceavam, enquanto os comiços que eles, excepcionalmente acolhiam no seu lar, representavam; no século XVIII, D. José lançava a moda do peru; no seguinte, no meio do romantismo, a ceia de Natal, que serviam, nas «garçonnières», após a da família, no lar e a que assistiam

as Margaridas Duplessis e que terminava ao romper do dia, provando-se assim, que a tradição vive, luminosa, ha séculos e cerca, no mesmo abraço de entusiasmo, todos os povos...

### As ceias modernas — As mais caras «reveillons»

—Longe vai o tempo—dizia-nos um velho amigo que encontrámos ajuizado de embrulhos —que a ceia do Natal se fazia com a gratificação que o chefe da família recebia nas vésperas. E fazia-se porque nesse tempo davam-se gratificações de Natal, a todos os que trabalhavam. Hoje, os poucos contemplados, não recebem com que comprar um peru... Lá em casa somos seis adultos e cinco miudos, com cinco convidados infalíveis — meus sogros, meus pais, etc. — somam dezasseis pessoas. Ha três anos, a ceia já começou a ser reduzida em pratos, acepipes, uma só taça de «champagne» e um só calice de Porto, por cabeça — e ficou-me por cento e vinte escudos. Este ano fiz greve ao «champagne», ao Porto... é da mercearia, e marca desconhecida: doze escudos a garrafa; reduzi os pratos, substitui a galinha ao peru e veja o rol das despesas: mercearia, 68\$; talho, 39\$; salsicharia, 21\$; praça, 62\$; confeitaria, 25\$; varias miudezas, 27\$. Total, 242 escudos! E isto, fora o que não apontei. Em 1914, ano em que me estabeleci — menu de arromba: quatro pratos em chelo, «hors-d'oeuvres», de dez variedades, cinco ou seis doces, fora o classico arroz doce, as fatias, os pudings, peru — e que senhor peru — verdadeiros avestruzes! Três qualidades de queijo; «champagne», Porto e Madeira a descrição; licres e «cognac» com o café — cinquentas e tal escudos, e eramos poucos menos!»

Em 1925, um americano millionario — mr. Ingran Levy — quis bater o «récord» das ceias do Natal, reunindo 250... parentes (alguns deviam ser muito afastados...) gastando, na refeição 50.000 dolares — ou seja 200 dolares por cabeça. Não diz o «Year Book» do «Daily Times» — onde encontramos a foto desse banquete, digno de Baltazar — se derreteram perolas no vinho ou se os salmões vieram vivos, dentro de aquarios monstros, das aguas do Volga, ou se o peru foi substituído por cisnes doirados aos lagos milagrosos de Osaka, como na «Cidade e as Serras» do Eça. O que sabemos, sim, é que só a desobediencia á lei seca proporcionou, ao fisco, mais de mil dolares, que havia 20 variedades de bombons; e 10 de «cocktails»; 60 de «hors d'oeuvres» e as garrafas de «champagne», do Borgonha, do Rheno, surgem na mesa por meio de alçapões...

### Os orçamentos da ceia do Natal através dos séculos

Vejamos, primeiro, o que se ganhava noutras épocas — para depois compreendermos os orçamentos do Natal, através do tempo. Do século XIII ao XVIII um pedreiro ganhava, em todo o mundo, equivalente a cento e oitenta centavos, de jornal, e no nosso país — neste ponto, foi sempre igual — raro era o que atingia metade

dessa quantia. Um fisico do século XV apurava, em média, o equivalente a dez ou quinze mil reis anuais; um barbeiro, de 15 a 20; um advogado e um cirurgião de 6 a 8. O barbeiro é quem mais ganhava dos quatro! No século XVI um alcaide em Espanha, ganhava o equivalente a 30 ou 40 mil reis anuais; um regedor, 25 a 30; e um sub-secretario de Conselho, 50 a 60! Os catedráticos das raras universidades do século XVI recebiam entre 200 e 300 mil reis por ano — quantias pasmosas na época. Um capitão ganhava 20 mil reis mensais, e um arcabuzeiro, 2.000 reis!

E... chegava-lhes o dinheiro que ganhavam? Pai do Ceu! Que felizardos! Vejam e meditem: Sempre em redor dos séculos XV e XVI, temos uma galinha — a mais cara — um tostão (e arranjavam-se, muito razoáveis, por 30 réis); os frangos vendiam-se ás dúzias, e custava a dúzia... 50 réis! Um cento de ovos (comia-se bem, nesses tempos), não ia além de 40 a 50 réis! Um pedreiro, ganhando 90 réis diários, podia banquetear-se com galinhas e omeletes, a todas as refeições!

A primeira ceia do Natal, cujo orçamento conseguimos apurar, data de 1490, e foi oferecida pelo rico D. Goes Perestrello de Rezende, que reuniu, no seu palacio de Lisboa, doze filhos, trinta netos — todos maiores — e cinco bisnetos, aparte vinte parentes varios e doze amigos. Esse banquete de 79 bocas, e composto das mais finas iguarias da culinaria de então (D. Goes, apesar dos 80 anos, era ainda um garfo excelente, e exigente) custou... 5.000 réis! E era tão espantoso esse *esbanjamento* que crónicas o registaram e Severiano Pereira a recolheu nos «Serões Historicos». Dois séculos depois, em 1670, o riquissimo cristão-novo Diogo Pinto Taborda, querendo dar alarde do seu cristianismo por temer suspeitas da Inquisição e respectivo calor fatal do auto de fé, ofereceu uma ceia de Natal, a qual convidou familiares do Santo Officio e frades dominicanos, que ultrapassa aquela: 8.000 réis lhe custou. Mas é preciso ver que havia frades ha mesa... Em compensação poucos anos antes, a ceia do Natal, de D. João IV, com vinte e nove comen-



O Natal galante de 1840

sais, ficou por 2.570 reis (Serões Historicos) e é possível que metessem a unha. Esses preços, conservam-se sem variante sensível, até finais do século XVIII, onde uma boa ceia, mas sem ser do Natal, custava, no «Brinquinhos» de Belém, uma média de 120 réis. E' de supor que uma ceia do Natal, como a de D. João IV e com as mesmas bocas, ficasse por 9 ou 10 mil réis. No século XIX, Camilo chora-se a um editor que necessita, á conta do «Regicidas», vinte e cinco escudos, porque o Natal está á porta e ele, esse ano, reúne varias pessoas a ceiar... Balzac, em Paris, em meados do mesmo século, ficava a dever, ao dono do «Chat-Rollu» da rua Bonaparte, 68 francos, duma ceia de Natal, com doze pessoas, mas onde se beberam trinta e oito garrafas de varios vinhos de preço...

Ah! Se nós pudessemos ir ceiar ao século XIX — como de Londres se pode ir ceiar a Paris — partindo... depois do fim...

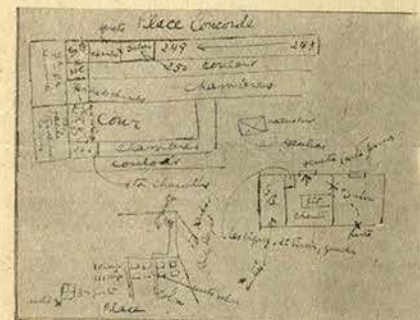


# OS "RATOS DE HOTEL" EM PORTUGAL E EM TODO O MUNDO

(Continuação da página 9)

a da sala. Era assim, no Concorde, era assim no Clarkton... O quarto que Salvatori preparara ao cúmplice, era no outro extremo do andar, mas com janela para o patio. A hora de jantar, na certeza da ausencia das vítimas e protegido pela escuridão do patio—o «rato» salta de sacada em sacada, até entrar na sala de banho; invade a alcova e rouba o que pode. Em caso de perigo, tem duas retiradas: a de que se serviu para entrar (ajanela do patio), ou, em caso de perigo, a janela da praça, que tem uma coluna facil de escalar até ao telhado—e como o Salvatori tem sempre casas duplicadas (como diz Rosi), preparou umas aguas furtadas num predio da Rue Royal. O cúmplice, atravessando os telhados, protegido pela noite, entra pela janela da mansarda, aberta de proposito, muda seguidamente de fato e cara; desce e sai pela Rue Royal. (Em Londres seria pelo Trafalgar-Square), longe do foco perigoso, ou seja do hotel. No caso do perigo surgir á porta do seu proprio quarto, o «rato» pode fugir da mesma forma, trepando ao telhado—visto que esses quartos são já escolhidos, visto que esses quartos são já escolhidos em condições de oferecer caminho... neste sentido. Além disso Salvatori garante a fuga do cúmplice, graças a outros dois cúmplices que o esperam de automovel—um proximo do hotel, outro proximo da Rue Royal. E como todas estas cautelas fossem poucas, o rei dos «Ratos», a primeira coisa que faz, ao chegar a uma cidade, é alugar dois ultimos andares em ruas diferentes, mas que pertençam ao mesmo quarteirão. Numa é o refugio—depois do roubo; e quer sejam seguidos ou não, imediatamente passam, pelo telhado, para a segunda casa, a da outra rua, onde mudam de personalidade e passaportes, e donde saem para embarcar para um anova proeza, num novo país—mas não sem antes, primeiro, atravessarem varios países... para despistar...

«Os recursos de Salvator—afirma o jornal inglês—são infinitos. A sua aventura de Portugal, é um exemplo... Uma vez, encontran-



O plano do roubo de La Concordie, tal como Salvator o gizou para o seu cúmplice (cliché de Sectiue Magazine V. J.)

do-se na cidade do Porto, foi preso por suspeitas; e antes que a policia portuguesa tivesse tempo de descobrir quem ele era, acusa-se a

si proprio, de ter cometido uma pequena «escroquerie», que ele tinha lido nos jornais italianos e cujo autor, um desconhecido sem cadastro (apenas sabiam que se chamava Battistini), conseguira fugir. A policia de Roma não hesita em aceitar a sua confissão (como pensar, sequer, que ele se declarasse criminoso, estando inocente?) e como ele indemnisa o lesado, sofre uma pena insignificante. Graças a este «truco»... genial, conseguiu, mais uma vez, afastar o perigo e garantir a impunidade!

## Argos e o «maillot» negro

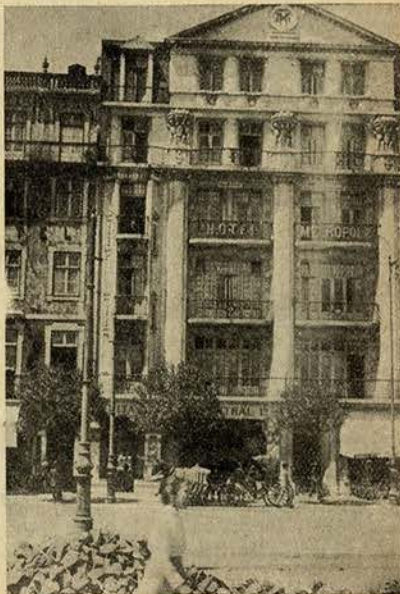
Por Portugal têm passado os mais celebres «Ratos de Hotel». Salvatori o velho Tubau, o românico Dubesc, o francês «Moine Blanc» (que dizem que morreu no Buaco). Mas poucos... trabalharam.

Em 1917 o Metropole do Rossio queixa-se á policia, de que varios hospedes tinham sido roubados. Essa queixa coincidia com a de outros hotéis de menor importancia—e o chefe Tavares, já flaccido, pôs-se em campo. O unico facto que apurou é que em todos os casos de roubo, chegava á onite, ao hotel roubado, um sujeito muito friorento, que trazia uma mala preta, que se dizia viajante do «rápido» de Madrid (que entrava, nessa época, ás 23 horas) e que pedia para o acordarem cedo. Era sempre nessa noite que um hospede recebia a visita do «Rato». Começou o chefe Tavares, á procura do «Homem da mala preta», quando a policia de Madrid, informa a nossa, que devia encontrar-se em Portugal um rato de Hotel perigosissimo, aventureiro emerito, filho duma das melhores familias do Uruguay, chamado Arcos, e cuja «tecnica» fez supor que se tratava do larapio do «Metropole»... Uma noite, no Suisso, encontrava-se o chefe Tavares com uns amigos, conversando sobre o caso, e, numa mesa proxima, um elegante moço, la-deado por duas doirdas francesas, ceava alegremente, regando uma omoete «au rhum» com «champagne» em catadupas. No entusiasmo da palestra, Tavares pronuncia, demasiado alto, o nome de Arcos; e o jovem bacante, em palidecendo, mal consegue conter um sobresalto de terror, fitando, esgazeando o olhar, para o nosso detective. Não passou desapercibida, a Tavares, a atitude do seu vizinho de mesa, que, notava agora, falava o francês, com acentuada pronuncia espanhola. Saiu, rápido, e encarregou um agente de seguir o estrangeiro. Viviu num «appartement» luxuoso, na Avenida da Republica e a sua profissão legera artista-sensacionalista (!)—jejuador, illusionista de grande classe, etc.—usando, como nome de guerra, «Fantomas». Aproveitaram uma sua ausencia (ia trabalhar ao teatro de Coimbra—disse á porteira)—para lhe revistarem o quarto. O primeiro objecto que lhe encontraram foi... uma «mala preta», e dentro da mala, além de todo o material de rato de Hotel, gazuas, lanterna, pinças para prender as chaves, quando estas estão na fechadura e impedem a «manobra», etc., dois «maillots» negros, com o respectivo capuz, luvas e sapatos de salto de borracha... Ao regressar a Lisboa, Eduardo Arcos era preso.

## As confidências de um «Rato»

Entrevistei Arcos, no Governo Civil de Lisboa. Era um jovem simpatico, culto, intelligente, distinto. A casaca era o seu «ex-libris»; a primeira coisa que comprava, a seguir a um roubo, era uma orquídea; e o unico desgosto que lhe causava o «métier», era o de não poder perfumar-se quando «trabalhava», porque o perfume é alvigeiro, pode acordar as vítimas, ou oferecer presa a uma pista, caso o policia tenha bom olfato. Falava da sua arte, como um tenor fala do canto. Conhecia todos os segredos da profissão, toda a sua historia, a biografia dos mais celebres colegas...

Os «Ratos de Hotéis»—disse-me—não datam de hoje... Já nos seculos XVI e XVII—sobretudo na «Era Doirada» da Espanha, os havia e celebres. Nunca leu as cronicas de Frei



O Hotel Metropole, do Rocio onde esteve em 1917 o «Homem da mala negra»

Bernardo de la Marina—o mais viajado dos frades da sua época? Ele fala-nos dum fidalgo espanhol, cujo verdadeiro nome oculta e ficou conhecido na historia, sob o apodo de «Niño sin sombra», que manobrava nas estalagens e «posadas», melhor frequentadas, pelos que vinham da Flandres, de Milão, das Americas, de todo o imenso imperio filipino. Apresentava-se com estadao e ás vezes em «travesti» feminino. Não usava «maillot» negro, mas envolvia-se num véu negro e e diafano, que o empastelava nas trevas. O primeiro «rato de Hotel» moderno foi, tambem, um espanhol que viveu sempre em Paris—«El Tubau»—foi ele, o inventor do traje de vampiro ou seja do «maillot» negro. Num ensaio geral foi tentado pela carteira de que o empresario se esquecera no gabinete, cuja janela abria para o mesmo patio onde se encontrava o camarim dos figurantes. O empresario apagou a luz e saiu, recomendando a um empregado que não saísse de entre portas, vigiando o dinheiro. «Tubau» pulou á janela, roubou a carteira e já, ao partir, é que reparou na sentinela, ficando muito admirado por este não dar o alarme. Mas depois, compreendeu que o «maillot» negro o confundia com as trevas, vendo logo, nesta descoberta, um filão a explorar. Durante mais de vinte anos roubou hotéis, cr'ou discipulos, sem que a policia soubesse qual era o «truco» dos «ratos» para não serem vistos pelas vítimas...

## mais prática das descobertas do século XX

Tarde ou cedo sempre chegam a Portugal as grandes descobertas de utilidades que são a garantia do conforto do Homem em todo o Mundo Civilizado. Agora mais uma recente descoberta que veio assombrar o Mundo e resolver muitos pequenos grandes problemas: Co seguir ter sempre a mão uma botija de água quente sem botija, sem água e sem trabalho. Trata-se nada mais nada menos de um saco com dentro uma substância química, que ao adicionar-se umas gotas de água f. l. desenvolve um calor que poderá atingir até 60°. Conservando-o inalterável por mais de 24 horas! Chamam-se a esta maravilha de muitas utilidades a Bolsa Ever-Hot - Sempre Quente. A casa importadora no desfo de tornar melhor conhecido o maravilhoso Heber-Hot, enviou a quem lhe remeter o coupon abaixo um impresso explicativo, o que

habilitará o prêmio de um Bot. Heber-Hot, absolutamente grátis a cada um dos quatro primeiros classificados no «Batalhão Naval» referente a este número se tiverem recortado o coupon abaixo, enviando-o com o pedido nele constante no prazo do mesmo concurso.

Nome .....  
Endereço .....

Corte este talão:  
A. SEQUEIRA LOPES  
R. dos Correiros, 53-3.º - Lisboa

Queira mandar pela volta do correio um impresso explicativo do maravilhoso «Ever-Hot»

# PELES

Para todos os preços

## A NACIONAL

FÁBRICA DE MALAS, CARTEIRAS  
PASTAS E CONFECÇÕES DE PELES

de A. FERREIRA VEIGA, L.da

Telef. 27928 - Rua da Palma, 34-1.º - LISBOA

Convidam-se os Ex. mos Clientes e o público em geral a virem apreciar os seus enormes «stocks» de pelaria adquirida nos melhores mercados nacionais e estrangeiros. Curte, ting, limpa e confecciona todas as qualidades de peles.

CASACOS - PELES - RAPOSAS - GRAVATAS  
Friza e ting, plumas

Grandes descontos a revendedores, modistas e alfaiates

Enviem-se amostras para a Província e remetem-se encomendas contra reembolso

Siga apenas os conselhos do velho Bom-Senso, pois só a «Nacional» vende a preços de fábrica.



## Passaportes

Espanha, França, Brasil  
e América do Norte

AGENTES NO NORTE DA

United States Lines

**Nicolau Ferraz**

R. do Loureiro, 60

Porto Tel. 762

Aos automobilistas

## FRILU

Aparelho indispensável a todo o possuidor de carros fechados.

Em exposição na casa

**Ramiro Pinto, & C.ª**

Rua Augusta, 146

Representantes:

Glarfel & Pleussuer, l.ª

LARGO DO CALDAS, 8-10

## Teatro Variedades

2 - SESSÕES - 2

A'S 20 1/2, E 22 1/2

## o mexilhão

Revista popular em 2 actos

RIR RIR RIR

BOM GOSTO

LINDA MUSICA

Artísticos bailados  
por FRANCIS

Telefone 26037

**MOVEL ESTOFOS**  
MARIO DA SILVA  
R. da SOFIA  
COIMBRA

Visitem em COIMBRA  
a ourivesaria

**Jacinto Silva, L.ª**

Compra, vende e troca

Ouro-Prata-Jóias

Ourivesaria Fonseca

**David Fonseca & C.ª**

4-Largo do Paço-5

BRAGA Tel. 148

COMPRA E VENDA DE  
JÓIAS, OURO, PRATA  
::: E RELÓGIOS :::

Manteigaria

**Flôr de Coimbra**

**Leite & Irmãos**

Rua da Sofia, 27 - COIMBRA

Fábricas nos distritos de  
Aveiro, Vizeu e Coimbra

Grandes descontos  
aos revendedores

As porcelanas de Coimbra  
são iguais às melhores

**Sociedade  
de Porcelanas, L.ª**

Fábricas em Arregaça

Telefone 170 COIMBRA

## Bazar Braga

Casa Confiança de

**Manuel N. J. da Silva Braga**  
Fundada em 1882

Rua Nova de Sousa, 137 a 143

Rua da Misericórdia, 2 a 8

FILIAL: Rua da Misericórdia, 2 a 8

BRAGA Telefone 160

Grande sortido de brinquedos e quinquilharias,  
bijouterias, perfumarias óptica, miudezas,  
talheres, cutelarias, etc. PREÇOS F.XOS  
ARMAZEM de VENDAS por JUNTO e a RETALHO

## Agência Funerária

R. Fernandes Tomás, 65-67  
(Antiga Rua das Fangas)

COIMBRA

**Cipriano de Campos Lobo**

TELEFONE N.º 487

Urnas em todos os géneros.  
Coróas, Bouquets e Flores soltas.  
Funerais e trasladações aos  
mais simples aos de maior luxo

**reporter X**

VENDE-SE EM TODAS AS TABACARIAS



# A GARRA

QUE A HUMANIDADE MAIS TÊME!

## ESMALTE-CREME NALLY

*Produto deliciosamente perfumado e exclusivamente destinado ao tratamento das rugas e rejuvenescimento do rosto*

Superior, pelos seus efeitos, a todos os similares estrangeiros.